





MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

Expedição ao Rio Ronuro

PELO

CAPITÃO VICENTE DE PAULO TEIXEIRA DA FONSECA VASCONCELOS

Anexos mais dois relatórios do Capitão Luiz Thomaz Reis sobre:

- a) *Serviços Fotográficos e Cinematográficos*
- b) *Serviço Antropométrico*

PUBLICAÇÃO N.º 90

(De antiga Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas — «Comissão Rondon» —)

☆

1945
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

910.9
V 331

4448 26 8 46

APRESENTAÇÃO

Por proposta desta presidência, que mereceu o prestigioso apóio do Sr. Presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público (D.A.S.P.), permitiu-se ao C.N.P.I. o prosseguimento das publicações oficiais de vários trabalhos, avaramente conservados em meu arquivo particular e concernentes a expedições e estudos realizados, sob minha chefia, nos sertões de Mato-Grosso e da Amazônia.

Esta auspiciosa resolução vem salvar do esquecimento e da destruição inúmeros documentos de importância incontestável, quer no campo das explorações efetuadas, para descobrir a topografia e a geografia do vasto interior do Brasil, apenas povoado de índios; quer no campo da História Natural; ou no setor altamente moral e humanitário da Proteção ao Índio; ou ainda quanto ao objetivo de construir uma tão difícil rede telegráfica qual a que ligou, através de zonas inóspitas e selvagens, os Estados de Mato-Grosso e do Amazonas.

Dentro dum tal programa, que perpetuará os resultados de tantas pesquisas e lucubrações de todo o gênero, é que estão sendo impressos os albuns fotográficos intitulados: "Índios do Brasil", contendo enorme série de rotogravuras de cenas do sertão, costumes indígenas, de indivíduos de inúmeras tribos, algumas encontradas ainda em estado bastante primitivo, quase como em plena idade da "pedra lascada" — tudo provindo de fotografias originais, muitas das quais seria hoje impossível apanhar novamente do natural, devido à evolução que provocou, naquele meio inculto, a ação construtora das nossas comissões telegráficas e serviços correlativos.

O presente trabalho, ora dado à impressão, tem a data remota de 1925, mas, como poderá ser observado pelos espíritos cultos e pelos meios intelectuais, é tão oportuno ainda como os preciosos fósseis que, estudados à luz da ciência, quando afloram à superfície da Terra, às vezes arrancados das profundezas do Globo, tantas verdades históricas revelam, permitindo à razão humana prescrutar a vida planetária de passados milenares. . .

Tenho tranquila a consciência quanto ao julgamento do valor intrínseco dos três relatórios aqui enfileirados sob o título geral de "Expedição ao Rio Ronuro", cuja publicação constituirá uma surpresa para seu autor e meu antigo, dedicado e inteligente colaborador do sertão, o atual Coronel da Reserva de 1.ª classe do Exército Vicente Vasconcelos.

Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1944.

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

General Presidente do C.N.P.I.

COMISSÃO DE LINHAS TELEGRÁFICAS ESTRATÉGICAS DE MATO-GROSSO AO AMAZONAS

("Comissão Rondon")

RELAÇÃO dos anexos pertencentes ao relatório do Sr. Coronel CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, Chefe desta Comissão, com a designação dos volumes desse relatório e das demais publicações feitas.

(Organizada em 21 de outubro de 1920 e completada em 1944)

N.º DA PUBLICAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ASSUNTO E AUTOR
1	Relatório Geral	1.º Volume do Relatório apresentado à Diretoria Geral da Repartição dos Telégrafos e à Divisão de Engenharia do Departamento da Guerra, pelo Sr. Coronel de Engenharia CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, Chefe desta Comissão.
2	Anexo n.º 5	(História Natural) - Etnografia Parici (Ariti) e Nhambiquara, pelo mesmo Sr. Coronel CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON.
3	Anexo n.º 1	(Serviço Astronômico), Relatório apresentado pelo 1.º Tenente-ajudante, JOÃO SALUSTIANO LIRA.
4	Anexo n.º 1	(Serviço Astronômico), 1909. Relatório apresentado pelo então 1.º Tenente-ajudante, RENATO BARBOSA RODRIGUES PEREIRA.
5	Anexo n.º 2	(Explorações). Exploração do Rio Jaci-Paraná, pelo Capitão-ajudante, MANOEL TEÓFILO DA COSTA PINHEIRO.
6	Anexo n.º 3	(Serviços próprios da construção da linha). Levantamento e locação do trecho compreendido entre os Rios Zolahauina-Buriti e Juruena, pelo 1.º Tenente-ajudante, EMANUEL SILVESTRE DO AMARANTE.
7	Anexo n.º 3	Variante da Ponte de Pedra ao Salto Utiriti e Aldeia Queimada, pelo 1.º Tenente-ajudante, JOÃO SALUSTIANO LIRA.

N.º DA PUBLICAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ASSUNTO E AUTOR
8, 9, 10 e 12	Anexo n.º 3	(História Natural). Botânica-Especimens estudados por FREDERICO CARLOS HOEHNE, (partes, I, II, III, IV e Atlas).
13	Anexo n.º 5	(História Natural). Zoologia. Crustáceos, por CARLOS MOREIRA.
14	Anexo n.º 5	(História Natural). Zoologia. Tabanídeos pelo DR. ADOLFO LUTZ.
15	Anexo n.º 5	(História Natural). Zoologia. <i>Pimelodidae</i> , etc. por ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO.
16	Anexo n.º 5	(História Natural). Zoologia. <i>Loricaridae</i> , etc. por ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO.
17	Anexo n.º 5	(História Natural). Zoologia. Mamíferos por ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO.
18	Anexo n.º 5	(História Natural). Mineralogia e Geologia, pelo professor, Dr. ALBERTO BETIM PAIS LEME.
19	Anexo n.º 5	(Serviço Sanitário). Expedição de 1909, pelo 1.º Tenente-médico, Dr. JOAQUIM AUGUSTO TANAJURA.
20	Anexo n.º 6	(Serviço Sanitário). Seção de Cáceres a Mato-Grosso, pelo Dr. ARMANDO CALASANS; da linha Tronco, pelo 1.º Tenente-médico, Dr. JOAQUIM PINTO RABELO.
21	Anexo n.º 4	(Relatórios Diversos). Relatório apresentado pelo Chefe da 1.ª Seção, Major de Engenheiros, FÉLIX FLEURY DE SOUSA AMORIM.
22	Anexo n.º 5	(História Natural). Moluscos, pelo Dr. HERMANN VON IHERING.

N.º DA PUBLICAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ASSUNTO E AUTOR
23	Anexo n.º 5	(História Natural). Geologia. Observações Geológicas. Geográficas e Etnográficas, sobre a viagem de exploração de Cuiabá à Serra do Norte, passando por São Luís de Cáceres, pelo Geólogo Sr. CARL CARNIER.
24	Quatro mapas	Quatro mapas do anexo n.º 5, de Mineralogia e Geologia, pelo professor, Dr. ALBERTO BETIM PAIS LEME.
25	Um mapa	Um mapa do levantamento expedito do Rio Jaru, afluente do Gi-Paraná ou Machado, anexo ao 1.º volume do relatório do Chefe da Comissão (Estudos e Reconhecimentos).
26	Relatório Geral	Terceiro volume do relatório do Sr. Coronel CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, Chefe desta Comissão.
27	Anexo n.º 4	Relatório dos trabalhos realizados durante o ano de 1908, por ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO, na qualidade de Zoológico da Comissão.
28	Anexo n.º 4	Relatório dos trabalhos de botânica e viagens executadas durante os anos de 1908 e 1909, por FREDERICO C. HOEHNE.
29	Anexo n.º 2	Exploração do rio Ikê, 1912 e 1913, apresentado pelo 1.º Tenente JÚLIO CAETANO HORTA BARBOSA.
30	Anexo n.º 4	Relatório do Serviço de Conservação da Linha Telegráfica, no período de junho de 1913 a setembro de 1914, pelo 1.º Tenente JÚLIO CAETANO HORTA BARBOSA.
31	Anexo n.º 2	Explorações dos Campos de Comemoração de Floriano ao Rio Guaporé (1912) e da zona compreendida entre os rios Comemoração de Floriano e Pimenta Bueno (1913), pelo Engeheiro de minas, Dr. FRANCISCO MORITZ.

N.º DA PUBLICAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ASSUNTO E AUTOR
32	Anexo n.º 6	Serviço Sanitário, apresentado pelo Capitão-médico graduado, Dr. JOÃO FLORENTINO MEIRA DE FARIA.
33	Anexo n.º 5	(História Natural). Botânica. Parte VII. Pteridófitas, por A. J. SAMPAIO.
34	Anexo n.º 2	Exploração do rio Paranatinga e seu levantamento topográfico, bem como os dos rios S. Manuel e Teles Pires, apresentado pelo 1.º Tenente, ANTÔNIO PIRINEUS DE SOUSA.
35	Anexo n.º 5	(História Natural). Zoologia. Himenópteros por, ADOLFO DUCKE.
36	Anexo n.º 5	(História Natural). Zoologia. (Ixódidas), pelo Dr. HENRIQUE DE BEAUREPAIRE ARAGÃO. Assistente do Instituto Osvaldo Cruz.
37	Anexo n.º 4	(Relatórios Diversos). Quadros de pessoal e do rendimento do serviço na construção da linha tronco; observações meteorológicas registradas em várias estações telegráficas; orçamentos diversos, etc.
38	Anexo n.º 5	(História Natural). Botânica. Asclepiadáceas. Monografia, por FREDERICO CARLOS HOEHNE.
39	Relatório Geral	Segundo volume do relatório do Sr. Coronel CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, Chefe desta Comissão.
40	Anexo n.º 5	(História Natural). Botânica. (Parte V). Maiacáceas, Xiridáceas, etc. por, FREDERICO CARLOS HOEHNE, (Janeiro de 1915).
41	Anexo n.º 5	(História Natural). Botânica. Adição para Alismatáceas e Butonáceas da parte IV, etc., setembro 1915, por, FREDERICO CARLOS HOEHNE. (Parte VI).

N.º DA PUBLICAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ASSUNTO E AUTOR
42	Conferências de 1915	Conferências realizadas pelo Sr. Coronel CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, em 5 de julho e 9 de outubro de 1915. Edição em português.
43	Conferências de 1915	Versão para inglês da publicação n.º 42 por R. G. REIDY e E. MURRAY.
44	Anexo n.º 1	Trabalhos astronômicos, efetuados em 1910, pelo então. 1.º Tenente, RENATO BARBOSA RODRIGUES PEREIRA
45	Anexo n.º 5	(História Natural). Botânica. Parte VIII. Leguminosáceas, por FREDÉRICO CARLOS HOEHNÉ.
46	Anexo n.º 5	(História Natural). Zoologia. <i>Cichlidae</i> , por ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO.
47	Anexo n.º 5	(História Natural). Botânica. Parte IX. Bromeliáceas e Orquidáceas, por FREDERICO CARLOS HOEHNÉ (julho 1917).
48	Anexo n.º 2	Exploração e levantamento dos rios Anari e Machadinho, pelo Capitão-ajudante, NICOLAU BUENO HORTA BARBOSA.
49	Conferências	A Comissão Rondon e o Museu Nacional. Conferências realizadas pelo professor ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO em 1916.
50	Anexo n.º 1 Expedição Roosevelt	(História Natural). Geologia, pelo Engenheiro de minas, Dr. EUZÉBIO PAULO DE OLIVEIRA. (1914).
51	Anexo n.º 2 Expedição Roosevelt	(História Natural). Botânica, por FREDERICO CARLOS HOEHNÉ.

N.º DA PUBLICAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ASSUNTO E AUTOR
52	Anexo n.º 3 Expedição Roosevelt	(Serviço Astronômico). Relatório apresentado pelo 1.º Tenente, JOÃO SALUSTIANO LIRA.
53	Anexo n.º 4 Expedição Roosevelt	(História Natural). Zoologia, por ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO.
54	Anexo n.º 5 Expedição Roosevelt	Ajudância e Serviço Meteorológico, pelo Capitão AMÍLCAR ARMANDO BOTELHO DE MAGALHÃES.
55	Anexo n.º 6 Expedição Roosevelt	(Serviço Sanitário), pelo Capitão-médico, Dr. JOSÉ ANTÔNIO CAJAZEIRA.
56	Anexo n.º 5	(História Natural). Botânica. Parte X. Lauráceas de Mato-Grosso e duas novas espécies do Amazonas, pelo professor A. J. SAMPAIO.
57	Anexo n.º 2	Exploração e levantamento do rio Jamari pelo 2.º Tenente, OTÁVIO FÉLIX FERREIRA E SILVA.
58	Anexo n.º 5	Zoologia. Peixes exclusive <i>Characidae</i> , pelo professor ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO.
59	Anexo n.º 5	(História Natural). Geologia. Estudos feitos sobre rochas dos rios Sangue, Arinos, Paranatinga, entre os vales do Gi-Paraná e Guaporé e Sucunduri. Monografia sobre o gesso, pelo Engenheiro de minas Dr. EUZÉBIO PAULO DE OLIVEIRA.
60 Dp. S. Des.º	Mapas	1.ª série de mapas da linha tronco, exploração, rios, etc., pela Seção de Desenho.
61	Anexo n.º 5	Águas termais de Mato Grosso. Parte I. Relatório apresentado pelo Dr. OROZIMBO CORREIA NETO.

N.º DA PUBLICAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ASSUNTO E AUTOR
62	Anexo n.º 5	Águas termais de Mato-Grosso. Parte II. Exame <i>in loco</i> das fontes de Palmeiras, Baía do Frade e Pouiro, pelo Dr. OROZIMBO CORREIA NETO.
63	Anexo n.º 5	Zoologia. <i>Psilacidae</i> , pelo professor ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO.
64 não publicado	Anexo n.º 4	Relatório do Escritório Central da Comissão, correspondente aos anos de 1914, 1915 e 1916, pelo Capitão ajudante AMÍLCAR ARMANDO BOTELHO DE MAGALHÃES.
65	Anexo n.º 1	Serviço astronômico e de determinação de coordenadas geográficas (1915 a 1917), pelo Capitão-ajudante M. T. DA COSTA PINHEIRO.
66	Anexo n.º 2	Exploração e levantamento do rio Cautário, pelo Capitão-ajudante, M. T. DA COSTA PINHEIRO.
67	Anexo n.º 5	Botânica. Parte X. <i>Gramíneas</i> , etc., por JOÃO GERALDO KUHLMANN.
68	Conferências	Realizadas pelo Chefe da Comissão, no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1910.
69 não concluídos não publicados	Relatório Geral	4.º e 5.º volumes do relatório geral do Chefe da Comissão.
70, 71, 72 e 73 não publicados	Anexo n.º 4	Descargas dos rios do Brasil. Índice bibliográfico sobre o Brasil Central. Trabalhos de pressão e temperatura pelo Capitão FRANCISCO JAGUARIBE GOMES DE MATOS.
74 não publicados	Anexo n.º 5	Leguminosas da Rondônia, por F. C. HOEHNÉ.

N.º DA PUBLICAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ASSUNTO E AUTOR
75 não publicado	Anexo n.º 2	Exploração e levantamento do Rio Culuêne, pelo Capitão-ajudante, RAMIRO NORONHA.
76 não publicado	Anexo n.º 5	Etnografia. Glossário Geral das tribos selvícolas de Mato Grosso, pelo General RONDON e Dr. JOÃO BARBOSA DE FARIA. — Tomo I.
77 não publicado	Anexo n.º 5	Etnografia. Gramática e Dicionário dos Índios Borôro, pelo General RONDON e Dr. JOÃO BARBOSA DE FARIA.
78 não publicado	Anexo n.º 5	Etnografia. Índios Parici (Ariti), pelo Dr. JOÃO BARBOSA DE FARIA.
79 não publicado	Anexo n.º 4	Serviço Rádio-Telegráfico e outros relatórios pelo Major EMANUEL SILVESTRE DO AMARANTE.
80 não publicado	Anexo n.º 3	Serviço de pique da linha telegráfica, pelo Major-ajudante, EMANUEL SILVESTRE DO AMARANTE.
81 não publicado	Anexo n.º 5	Geologia, pelo Dr. EUZÉBIO PAULO DE OLIVEIRA.
82 não publicado	Anexo n.º 5	Zoo-geografia, por ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO.
83	Anexo n.º 5	Botânica. Parte XIII, por JOÃO GERALDO KUHLMANN.
84	Anexo n.º 5	Zoologia. Ofídios de Mato-Grosso, pelo Dr. AFRÂNIO DO AMARAL.

N.º DA PUBLICAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ASSUNTO E AUTOR
85	Anexo n.º 5	Fitofisionomia do Estado de Mato Grosso, por F. C HOEHNÉ.
86	Anexo n.º 7	Pelo Índio e pela sua protecção oficial, por LUÍS BUENO HORTA BARBOSA.
87	Anexo n.º 7	Pacificação dos Índios Parintintim, por JOSÉ GONDIM.
88	Conferência	O Problema Indígena do Brasil, por L. B. HORTA BARBOSA.
89	Anexo n.º 5	A Cerâmica da Tribo Uaboi dos Rios Trombétas e Jamundá. (Contribuição para o estudo da arqueologia pré-histórica do Baixo-Amazonas), por J. BARBOSA DE FARIA, Etnólogo da Comissão Rondon.
90	Anexo n.º 2	Expedição ao Rio Ronuro, pelo Capitão VICENTE DE PAULO TEIXEIRA DA FONSECA VASCONCELOS. Anexos os relatórios do Capitão LUÍS TOMAZ REIS, sobre Serviços Antropológico e Foto-cinematográficos.

C.N.P.I. Rio de Janeiro, 25/VIII, 1944.

Coronel AMÍLCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES.

Secretário do Conselho

COMISSÃO DE LINHAS TELEGRÁFICAS ESTRATÉGICAS DE MATO-GROSSO AO AMAZONAS

RESUMO DO DIÁRIO DA EXPEDIÇÃO RONURO

Cidadão General de Divisão Cândido Mariano da Silva Rondon:

Designado por vós, em abril do ano findo, para dirigir a expedição que tinha por principal objeto o reconhecimento geográfico da bacia do rio Ronuro, um dos principais formadores do Xingu e a direta ou indireta atração de tôdas as tribos encontradas, tanto no itinerário, como em suas cercanias; o estudo etnológico e etnográfico dessas tribos e a possível documentação fotográfica e cinematográfica, referente à natureza e ao homem da região, vimos dar-vos conta do que pudemos realizar.

Naquela ocasião indicastes ainda o roteiro a seguir, isto é aquêlê que, partindo de Cuiabá, fôsse ter ao Pôsto Bacairi (*) passando pelo povoado de Ponte-Alta, onde teriam início os trabalhos de levantamento, pois necessário se tornava, de ambos os lados da estrada a percorrer, a fixação de grande número de cabeceiras, além de córregos, ribeirões e outros acidentes, omitidos no levantamento operado, naquela região, pelo explorador von den Steinen, quando regressava da segunda expedição às cabeceiras do Xingu.

Fizestes sentir, outrossim, que era de todo interessante, nesse levantamento, esclarecer por completo a questão de ser ou não a cabeceira do Tamanduá a principal do rio São Manuel.

Atendendo à solicitação que em carta vos dirigiu o Dr. Henri Hintermann, de origem suíça e professor ginasial na cidade de Zurich, carta na qual expõe suas idéias sôbre uma colaboração eventual com a expedição, permitistes que nela se incorporasse êste senhor, em companhia de três auxiliares, igualmente estrangeiros.

Dos trabalhos fotogrâficos, cinematográficos e antropométricos, incumbistes, especialmente, o Cap. Luís Tomaz Reis, devendo

(*) Pôsto "Simões Lopes", fundado pelo atual Coronel do Exército Ramiro Noronha e ora sob a administração do Serviço de Proteção aos Indios.

auxiliar os serviços de levantamento o agrimensor Antônio Carneiro Santiago Sobrinho.

Destinada a ocorrer às despesas com a compra dos artigos indispensáveis à organização da expedição e constantes de um orçamento a vós apresentado, a 15 de maio, recebemos do Dr. Francisco José Xavier Junior, chefe do escritório desta Comissão, por vossa ordem, nessa mesma data, a importância de nove contos e duzentos mil réis 9:200\$), cujo emprêgo justificaremos, mediante a entrega dos respectivos documentos àquele escritório.

Adquiridos os referidos artigos no comércio desta praça, executados os que constituiram a nossa ambulância, quase todos cedidos graciosamente pelo Sr. Dr. Carlos Chagas, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública e de boa quantidade de sôro anti-oftídico que a expedição deveu à generosa oferta do Sr. Dr. Vital Brasil, partimos, a 23 de maio, desta Capital, com destino a Mato-grosso, tendo, previamente, recebido do Cap. Francisco Jaguaribe Gomes de Matos, chefe da seção de desenho da Comissão, os seguintes documentos: Um exemplar, em papel ferro-prussiato (entelado), da Karte des Weges Schingú-Expedition von 28 Juli bis 31 Dextember 1887 von Dr. P. Vogel; dois exemplares, em papel galato (ambos entelados), da Carta das Cabeceiras do Rio Xingu e águas contravertentes, extraídas da Carta do Estado de Mato-Grosso em elaboração nesta Comissão, escala 1:1.000.000; um exemplar, em papel-tela da Carta das Cabeceiras do Rio Xingu, exemplar (em papel vegetal) das cabeceiras do Rio Xingu, ampliação da carta n.º 75 do Atlas Universal de Schrader; um atlas de Stieler"; e finalmente, original do "Exposé fait à Mr. le Général Cândido Mariano da Silva Rondon par le Dr. Henri Hintermann, etc." e carta que o acompanha.

Com o intuito de retirar do depósito da Comissão, existente em Campo-Grande, os instrumentos (telêmetros, bússolas, barômetros, etc.) e algum material para acampamento, necessários aos trabalhos da expedição, fomos obrigados a falhar naquela cidade os dias 28, 29 e 30. Da minuciosa pesquisa feita, a não serem duas correntes, duas barraquinhas e uma mesinha de campanha, objetos que foram separados e cedidos pelo major Nicoláu Horta Barbosa, nada mais descobrimos que pudesse encontrar aplicação nos nossos trabalhos. Resolvemos, à vista disto, apelar para os recursos do depósito do Serviço de Engenharia da Circunscrição Militar, e aí,

só puderam obsequiosamente conceder, por empréstimo à Comissão, um telémetro, em perfeito estado de conservação.

A incerteza de melhor sucesso, quanto aos recursos de que, a respeito, pudéssemos dispor em Cuiabá, induziu-nos, desde então, a recorreremos às possibilidades da Intendência Municipal de Corumbá.

Assim é que, no mesmo trem em que iam do Rio os nossos companheiros Cap. Reis, Dr. Hintermann e seus auxiliares: Erwin Mueller, Emmerich Schwarzer e Joseph Schmack, embarcámos, em Campo-Grande, no dia 31, às 6 horas, com destino a Pôrto Esperança, onde chegámos às 18 h. 15 m. Aguardava-nos naquele pôrto o Sr. Santiago, que conosco viajara diretamente de São Paulo, incumbido das indispensáveis providências exigidas pela boa marcha das cargas da expedição, as quais, reunidas ao material fotográfico, levado pelo Capitão Reis, começaram a ser embarcadas a bordo do paquete Fernandes Vieira, prestes a partir para Corumbá. Corria a meio êste expediente e já se aproximava a hora da partida do paquete, quando fomos avisados da aproximação da lancha "Rosa Borôro" que, por ordem do Dr. Antônio Martins Viana Estigarribia, Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios, no Estado de Mato-Grosso, fôra posta à nossa disposição, para nos conduzir à cidade de Cuiabá. Para ela foi transportado o restante das cargas, embarcando em seu bordo, além do Sr. Santiago e do diarista Miguel Mendes, levado do Rio pelo Cap. Reis, os três companheiros do Dr. Hintermann. Às 19,30 h. o "Fernandes Vieira" levantou ferro, e às 8,50 h. do dia seguinte, 1 de junho, chegávamos à cidade de Corumbá. Nesta cidade procurámos o Sr. Ciriaco Toledo, Intendente Municipal, a quem solicitámos o empréstimo de algum instrumento apropriado ao nosso trabalho e por ventura disponível na Municipalidade. De todos os que nos foram solicita e imediatamente oferecidos, só nos era aproveitável uma excelente bússola prismática de Casella, que aceitámos. Estávamos, assim essencialmente, providos dos elementos necessários à constituição de uma turma. É conveniente registrar desde já, que êstes instrumentos, empregados pela turma que levantou o rio Ronuro, foram, por ocasião do regresso dos expedicionários, restituídos, em perfeito estado de conservação.

Por volta das 12 horas dêsse dia 1 de junho fundeava a lancha "Rosa Borôro" no pôrto de Corumbá. Devido a uma pequena avaria que sofrera, impossibilitando-a de prosseguir, fomos for-

çados a transferir para o dia dois a continuação da marcha, afim de que fôsse a embarcação devidamente reparada.

Avisados pelo Dr. Estigarribia da grande dificuldade de obter em Cuiabá trabalhadores afeitos à natureza dos nossos serviços, fato êste provocado pela sedução dos garimpos, então em franca atividade, aproveitámos o tempo em agenciar braços adequados, conseguindo ajustar quatro camaradas, com a devida prática dos serviços d'água e de sertão, os quais partiram conosco, às 12 horas do dia 2, rumo a Cuiabá. Seus nomes : Cirílio Leite Galvão, Procópio José da Silva, João Carlos Vilanova e Januário Alberto de Carvalho. Todos êles moços, naturais do Castelo, contratados a 6\$ diários, vencendo, porém, meia diária até o dia em que pratissemos de Cuiabá, rumo ao sertão.

Os dias seguintes 3, 4, 5 e 6 foram gastos em viagem. A 7 chegámos a Cuiabá, às 7 horas. Nesta cidade fomos recebidos pelo nosso prestimoso amigo Dr. Estigarribia, o qual, aqui no Rio, havia assentado convosco os meios para uma íntima colaboração da Inspeção de Índios com a expedição, no intuito de suavizar-lhe as despesas, fornecendo-lhe tropa, gêneros, diaristas etc. Para o cabal desempenho de sua obsequiosa combinação, não poupou esforços o nosso solícito amigo, a quem ficámos devedores dos mais eficazes auxílios, enquanto permanecemos naquela cidade, onde tudo diligenciava para o confôrto e rapidez da nossa passagem por ela, tanto na ida como na marcha de regresso. Para o fim que tínhamos em vista, não foi, porém, das mais felizes a época da nossa chegada a Cuiabá, onde se iniciavam, então, os tradicionais e prolongados festejos do Espírito-Santo. Êste acontecimento, ao qual se entregam de corpo e alma todos os habitantes do lugar, veio sobremaneira aumentar as dificuldades com que teve de lutar o Dr. Estigarribia, para obter a tropa e os camaradas de que tínhamos imperiosa necessidade. Além disso, tais elementos, pouco abundantes em qualquer ocasião, achavam-se, então, particularmente minguados, tal a fascinação que sôbre êles exerciam os garimpos do rio das Garças.

Tais circunstâncias acarretaram, não obstante as providências prèviamente tomadas e antes que pudéssemos encetar a nossa penetração pelo sertão, uma permanência obrigada de nove dias, em Cuiabá, visto não terem sido poucos os compromissos fracassados.

Enquanto se repetiam, pois, as medidas para o ajuste de trabalhadores e obtenção de animais carqueiros e de sela, iam os apro-

veitando as falhas para executar diversas providências, dentre as quais a modificação completa na embalagem das cargas, adequando-as ao transporte em tropa, e, posteriormente, em canoas.

No dia da chegada recebemos de vós as instruções que deviam reger os nossos trabalhos, contidas em sete avisos telegráficos, datados de 31 de maio, sob números seguidos, de 516 a 522, inclusive.

Naquele mesmo dia, recebemos das mãos do cidadão Germano José da Silva, chefe do 27.º Distrito Telegráfico, os seguintes instrumentos, que tinham servido ao Cap. Ramiro Noronha, em sua expedição ao rio Culuêne: um telémetro, dois termômetros funda, um dos quais Casella livre, duas caixas de madeira, contendo cada uma um termômetro de máxima e mínima, e dois barômetros aneróides, todos grandes, sendo três Casella, compensados, números 9.750, 9.847 e 9.541, e um holostérico de Naudet & Co. Finalmente, um minúsculo termômetro "máxima e mínima", em estojo.

Com os instrumentos que já possuíamos e mais êstes, além de uma bússola prismática de Casella, que servira ao Cap. Noronha, para o levantamento do Culuêne e que, em virtude de obsequiosa recomendação sua, nos fôra entregue por seu sogro, ficámos munidos do essencial para a composição de duas turmas de levantamento, únicas a que nos tínhamos de restringir, pois a hipótese da organização de uma 3.ª turma, aventada nas instruções, ficou excluída, pelo fato de não podermos contar para isso com o concurso do Cap. Reis, inteiramente absorvido com a sua delicada função, além de nada nos ser permitido esperar da eventual colaboração do Dr. Hintermann, o qual, além de não possuir a prática indispensável aos serviços a iniciar, nenhum conhecimento tinha da vida de sertão, bastando dizer que era a primeira vez que empreendia uma viagem a cavalo (!).

No dia imediato ao da chegada e de acôrdo com as instruções recebidas, demos comêço às leituras barométricas, o que levámos a efeito na estação climatológica de 1.ª classe, instalada no edificio do Liceu Salesiano, à rua Couto Magalhães, hoje, Presidente Aquino, esquina da rua D. Bosco, para onde transportámos a nossa bateria de quatro aneróides.

Durante quatro dias sucessivos e, pontualmente, às 7, 14 e 21 horas, foram êles aí lidos, observando-se, nas mesmas ocasiões, o

barômetro Fortin N. e Zambra n.º 2.127 da estação, tomado para padrão. Os resultados das leituras foram consignados em caderno especial onde figuram, também, as respectivas temperaturas do ar, nunca omitidas.

No dia 10 fomos obsequiados com a visita do Sr. major assistente do Presidente do Estado que, em nome dêste, nos foi levar cumprimentos. No mesmo dia retribuimos a visita, prometendo trazer, de regresso, interessantes informações sôbre a região do Xingu e sua população, pela qual se mostrou interessado o Sr. Presidente.

No dia 15, finalmente, graças aos esforços do Dr. Estigarribia, ficaram concluídas tôdas as providências indispensáveis à nossa partida, inclusive a compra de quatro muarees que, por seu intermédio, pôde fazer o Dr. Hintermann, para as necessidades próprias. Êstes animais, como os que se destinaram a nós outros, devido à época em que foram adquiridos, nem por isso primavam pela qualidade, apesar do bom preço que custaram.

Não houve possibilidade de conseguirmos um prático do trecho de caminho, aliás muito pouco freqüentado, compreendido entre Ponte-Alta e a antiga fazenda de São Manuel, que íamos levantar. Esta falta foi-nos bastante sensível, pois o improvisado cicerone que, por fôrça das circunstâncias, tivemos que aceitar, pouco mais conhecia além dos nomes das cabeceiras e córregos por nós cortados. O velho índio Cap Antonino, que fôra mandado vir do Pôsto Bacairi para nosso guia, também não tinha, daquela zona, outros conhecimentos a não ser o dito caminho.

Em direção à colônia da Ponte-Alta, partimos, enfim, às 15 horas do dia 16.

Éramos, ao todo, 20 pessoas : as já citadas e mais os diaristas : José Ribeiro de Morais, Jonas Cristino de Morais, João Corrêa, Joaquim Claro de Carvalho, todos com prática dos serviços d'água; o rapaz João Rodrigues de Sampaio, contratado para nos servir de prático entre Ponta-Alta e a fazenda de São Manuel; e, finalmente, o arrieiro da tropa, empregado da Inspetoria de Índios, Domingos Pinto e seu ajudante Izidro, índio bacairi.

A tropa que nos acompanhava, conduzindo tôda a bagagem e os gêneros, era constituída por 14 cargueiros; os animais de sela eram 11. A porção mais pesada do material fotográfico e cinematográfico, as ferramentas, roupas e brindes que se destinavam aos

índios, foram diretamente enviados para o Pôsto Bacairi, pela estrada Cuiabá — Coxipó-Açu — Cabeceira do Piraputanga — Rio Manso — Munjolinho — Fazenda Laranjal — Tapêra do Bananalzinho — Trairas — Pôsto Bacairi, em três tropas, uma de cinco e duas outras de 12 bois cargueiros que o Dr. Estigarribia fez partir, em dias diferentes.

Alcançámos, no dia 20, o Córrego do Bento, 5 1/2 quilômetros além da colônia de Ponte-Alta, tendo-nos servido de pouso, sucessivamente, os seguintes pontos: 1.º) Margem esquerda do Coxipó-Mirim; 2.º) Córrego do Sumidouro, no pé da serra da Chapada; 3.º) Encruzilhada de estradas, no alto da Chapada, entre a cabeceira do córrego da Seriva e cabeceira do córrego Olho d'Água (Estiva, segundo a carta do Dr. P. Vogel); 4.º) Margem direita do rio da Casca, e por fim: 5.º) Margem esquerda do córrego do Bento.

Fomos levados a bivacar junto a este último córrego e não na Colônia, onde teríamos de iniciar os nossos trabalhos no dia seguinte, por causa da excelente aguada e do ótimo encosto oferecidos por aquêlê ponto à nossa tropa, condições estas não encontradas em Ponte-Alta.

Naquele mesmo dia 20, foram lidos os barômetros, bem como tomadas as temperaturas do ar às 20, 21 e 22 horas, e no dia imediato, demos a primeira estação do levantamento ao pé da porta da casa do Sr. Florentino Coelho de Vasconcelos, talvez a melhor moradia das poucas que ali existem, situada à beira da estrada, e a primeira que encontra, à direita, o viadante que, procedente de Cuiabá, penetra no decadente lugarejo.

Serviu-nos de segunda estação um ponto do adro da capela de São Francisco, única construção coberta de telhas, acaçapada, de aspecto muito pobre e edificada em 1912.

Depois de colhermos algumas informações com o Sr. Florentino, morador do lugar, desde 1899, e o homem mais culto entre o reduzido número de habitantes, prosseguimos com o serviço até o Córrego do Bento, onde a 20, nos achávamos acampados, tendo previamente feito, às 9 horas, uma leitura de todos os barômetros, no pátio da Capela.

Os rumos, indicados pelo som da busina, nos eram dados por uma bússola prismática de algibeira, Herth, fornecida pelo escri-

tório da Comissão, e que nos serviu em todos os levantamentos executados por terra.

O tempo decorrido entre duas estações era registado por um cronógrafo.

Para o passo do animal tomámos, definitivamente, a média do tempo gasto entre o percurso de um quilómetro, medido à corrente, no início dessa jornada, e de outro, igualmente medido, no fim do dia, quando já o trote era mais frouxo.

Durante as marchas conduzíamos sempre, a tiracolo, em caixa apropriada, um dos aneróides, para a leitura nos pontos característicos do itinerário; tendo, aliás, como norma, realizar a leitura, caso possível, em todos os acampamentos, o que pudemos sempre levar a efeito durante o levantamento por terra, bem como nos pontos mais interessantes do levantamento do Ronuro.

Para atender a qualquer atraso na marcha do relógio, resolvemos, outrossim, fazer também uma leitura, a mais, sempre que nos fôsse permitido, uma hora antes das indicadas.

Entretanto, de regresso a Cuiabá, constantámos a superfluidade da precaução, quando fizemos novamente a comparação do relógio utilizado na viagem, com o do pôsto climatológico, pois foi de um minuto e meio apenas o adiantamento observado.

Lagoa Formosa foi o nosso pouso da noite de 22 para 23. Sabedores de que a meia légua daquele ponto e ao norte da estrada, existia um morador de nome Jerônimo Pereira de Macedo (Jeló, como é conhecido), velho habitante do lugar, com 52 anos de idade, nascido em Ponte-Alta e por todos da redondeza respeitado, como o mais conhecedor daqueles *fundões*, enviámos-lhe um pedido pelo prático Sampaio para que dêsse uma chegada ao nosso bivaque, onde carecíamos obter dêle várias informações.

Pronta e gentilmente aquiesceu o Sr. Jeló ao nosso apêlo, e às 8 horas do dia 23, recebíamos dêle as seguintes preciosas notícias : que a lagoa Formosa, onde nos achávamos, dá origem a um córrego que desagua em outro chamado Água Azul, apròximadamente a duas léguas dali, rumo 125° 30', recebendo antes o córrego Membéca, a uns 4 km daquele ponto, em seguida às cabeceiras da Paquéra e do Moquem. Antes ainda da sua confluência no córrego d'Água Azul, recebia o córrego nascido na lagoa Formosa,

em sua margem direita, os córregos Capim Branco e José Antônio, respectivamente, a uma légua e a um pouco menos de duas léguas. Com referência ao Tamanduá, afirmou que nenhuma dúvida existe em ser êle a principal cabeceira do rio São Manuel: que êle deve ter, no princípio do seu curso, umas duas a três léguas de cachoeiras e cascatas, pois, despenca de uma serra muito alta; que o seu vale, nesse trecho é, de todo, intransitável para tropa, muito estreito, penhascoso e coberto de cerradão sujo; que êstes fatos seriam por nós verificados quando, atingido o trecho de serraria, a começar de meia légua antes da sua cabeceira, até para além do ribeirão Cavallo, pelo caminho em que íamos, único existente, houvéssemos de acompanhar as fragosas cristas, percorridas por êsse córrego, e que constituem, aliás, o traçado mais favorável; que afora várias cabeceiras e os córregos da Anta e do Atalho, afluentes de sua margem esquerda, eram seus contribuintes da direita os córregos da cabeceira da Cachoeirinha e da Matrinchã Grande, recebendo êste, pela sua margem direita, o Matrinchã Pequeno e, aquêle, pela esquerda, o da cabeceira das Areias; que do ponto em que a estrada corta o córrego do Atalho, último afluente da margem esquerda do Tamanduá, antes de se passar pelo ribeirão Cavallo, até o seu curso, a distância é de uma a uma e meia légua. Quanto aos trabalhos realizados pelo Capitão Pyrineus, nos rios São Manuel e Paranatinga, disse que dêles tivera apenas noticia, nada podendo, por isto, informar-nos a tal respeito.

Assim instruídos, partimos para o córrego Água Azul, e aí pernoitámos, ao lado de uma das suas vertiginosas cachoeiras.

No dia seguinte acampávamos na lagoa Comprida, sobremodo curiosa por derivarem as suas águas, de um lado, para o rumo de sudeste, as dos córregos que vão ao rio das Mortes e do outro lado, para noroeste, quanto às que procuram o rio Manso.

Uns bons quilômetros antes de se chegar àquela interessante lagoa, o alto-divisor, por onde se marcha, vai-se estreitando, estreitando, por tal fórma, que chega a oferecer a quem por ali passa, o ensejo de contemplar águas que vertem a um tempo para o Tocantins e para o Paraguai. São belos os panoramas que se descortinam então, sobretudo os de noroeste, formados pela imensa morraria, de onde partem muitas das cabeceiras do rio Manso.

Ainda por êsse divisor marchávamos quase todo o dia 25, sempre por caminhos magníficos para tropa, a despeito de beiradearmos.

então, à esquerda, a altíssima escharpa da serra. Havíamos, assim, vingado mais de dois têrços da jornada, quando nos precipitámos pelo seu esboroado, correndo os nossos serviços, desde êsse momento, em terreno muitíssimo movimentado, ora subindo, ora descendo morros, muitos dos quais eram transpostos pelos cimos, outros pelas íngremes encostas, em verdadeiros trilhos, cobertos de calhâus rolados, que demasiadamente sobrecarregavam as já sensíveis dificuldades a vencer com os nossos animais. Em mais de um ponto houve mesmo necessidade de desmontarmos e prosseguirmos no levantamento a passo, por não ser possível obter andadura conveniente do animal em piso tão inclinado, coberto de finos e grossos cascalhos soltos.

Armámos, nesse dia 25, o nosso bivaque, à beira do córrego da Anta que coleia entre a morraria.

Ao defrontarmos com a cabeceira do Tamanduá, procedemos a uma minuciosa inspeção do seu curso, verificando, com pesar, a procedência das informações que nos haviam sido dadas pelo senhor Jeló.

De fato, o rumo geral do seu apertado vale, jaz em terreno alcantilado e coberto de espesso cerradão, ocorrência esta que nos iria roubar alguns dias do já escasso tempo de que dispúnhamos, tendo em vista o nosso principal objetivo.

Se houvéssemos de segui-lo, pois, só o poderíamos fazer a pé, abrindo pique e puxando corrente, numa extensão de mais de vinte quilômetros, segundo uma das nossas cartas, único elemento de pesquisa que possuíamos. Assim sendo, e restando-nos ainda a esperança de podermos, ao passar pela Fazenda de São Manuel, ampliar as investigações que tínhamos a respeito daquele manancial, resolvemos prosseguir, chegando ao ribeirão Cavallo, ainda por caminhos muitíssimo escabrosos, no dia seguinte, 26.

Neste ponto falhámos os dias 27 e 28, com o duplo fim de dar um descanso à fatigada tropa e fazermos um caminhamento pelo divisor das águas do Cavallo e do Tamanduá. Êste serviço, devido à natureza do terreno, foi exclusivamente executado a corrente, num desenvolvimento de pouco mais de doze quilômetros.

Um pouco além do ponto em que corta, pela segunda vez, o divisor do leque de cabeceiras formadores do Cavallo, bifurca-se a estrada, seguindo uma, a freqüentada, diretamente para o Lobo,

costeando a vertente ocidental do morro do Mutum, e outra, velha e abandonada, para a antiga fazenda de São Manuel.

Por esta fomos ter, no dia 29, àquela fazenda, cuja séde, assentada à margem esquerda do rio do mesmo nome, acha-se atualmente reduzida a uma vetusta tapera, onde se vêm aqui e acolá alguns moirões de cêrca, um ou outro esteio a cair, cacos de telha em mais de um ponto, tudo porém, sob capoeirão.

Presentemente habita aquêlê ponto, em um pobre e mal acabado rancho, o Sr. Antero de Siqueira, recentemente ali chegado, com sua família.

A poucas dezenas de metros da barranca esquerda do rio fomos indicado por aquêlê senhor, que de outros soubera, o local em que outrora estivera edificada a casa do falecido Confúcio, informação esta confirmada imediatamente pelo Capitão Antonino, que nos declarara ter ali estado com o Dr. von den Steinen, quando de regresso de sua segunda expedição às cabeceiras do Xingu.

Vimos também, nas imediações, os lugares onde existiram as casas de D. Brazilina e do Bicudo, a mais recente das taperas. Da estadia do Capitão Pyrineus por aqueles lugares, nada nos soube informar. Entretanto, por ali passara forçosamente aquele oficial, pois que, a estrada, que prossegue, em demanda do Paranatinga, certa, naquele ponto, o rio São Manuel, que, na época em que lá estivemos, já tinha uma folha d'água de cinqüenta metros, com uma profundidade de oitenta centímetros. Dada a urgência de prosseguir em nossa marcha, tivemos que nos conformar com estas poucas informações mais, a respeito do curso do São Manuel.

Não foi das mais felizes, para o nosso bom amigo Dr. Hintermann, a jornada dêsse dia. Em um dos maus trechos da velha e abandonada estrada — em que até os trilhos já desapareceram, cobertos pela macega e nos quais os práticos do lugar são obrigados a cortar rumo, pelo cerradão — fôra aquêlê nosso companheiro intempestivamente derrubado do seu pacato animal por uma árvore, que não soube evitar. Como consequência, recebeu algumas escoriações e leves contusões.

Quando chegámos ao acampamento, encontrámo-lo, entretanto, animado e com o seu habitual bom humor. Por mal dos peccados, como se não bastasse a esfrega por que havia passado, quando melhor se julgava acomodado em sua rêde, partiu-se a corda

de um dos punhos e lá se foi êle ao chão! Pela segunda ou terceira vêz passava por esta dura prova!... Felizmente, não houve disso maiores consequências. Não era também a primeira vêz que caía do animal. Em nossa marcha para o córrego d'Água Azul, não tendo notado que a cilha afrouxara, coisa que ordinariamente sucede, no correr de uma viagem, rodou com os arreios, levando desastrada quéda. Dêsse acidente, que podia ter-lhe acarretado sérios dissabores, resultou quebrar-se um excelente aneróide compensado, idêntico aos nossos, e uma das suas máquinas fotográficas, os quais trazia desavisadamente amarrados ao cepilho.

Da margem esquerda do rio São Manuel retrocedemos, pelo mesmo caminho, mais de meia légua, rumando, dêsse ponto, diretamente para o Lobo. Nesse lugarejo, habitado por umas quatro ou cinco famílias, moradoras em outros tantos ranchos, nos reabastecemos de alguns gêneros de que já estávamos necessitados e recebemos do Sr. Tótó Bruno várias informações úteis ao serviço.

Até êsse ponto, em que de nós se despediu por não ser conhecedor dos caminhos para diante, acompanhou-nos o prático Sampaio. Não só por ser de constituição franzina, como por não ter o menor hábito dos serviços d'água, não pudemos levá-lo conosco ao térmo da expedição.

No dia 1 de julho chegámos à tapera do Bananalzinho, depois de havermos transposto a serra Azul a uns 150 m à direita do salto do rio Bananal.

Quando cortámos êsse rio, logo após o salto, notámos uma grande diferença para mais na caixa e no volume de suas águas, comparados com os mesmos elementos do seu formador Barreiro, três quilômetros antes por nós atravessado.

Fomos, então, informados pelo Cap. Antônio de que, um pouco antes do salto, recebia êste último um grande ribeirão, pela sua margem esquerda.

Pelo Sr. Janjo, fundador da fazenda do Bananalzinho, igualmente hoje em tapera, tivemos mais tarde confirmação dêste esclarecimento.

Dessa tapera, onde fomos obrigados a falhar o dia 2, devido a terem arribado para a querência vários dos nossos animais, pertencentes à tropa do Pôsto Bacairi, partimos para aquêle Pôsto, belamente situado, sôbre formosa lombada de suave colina, onde

chegámos, no dia 4, tendo bivacado a 3 no passo das Traíras, do rio Paranatingá.

Nas Traíras, pequena rancharia a um quilômetro, aproximadamente, da margem esquerda do Paranatinga, moram algumas famílias de índios Bacairi, inclusive a do Cap. Antonino, e que não se quiseram transferir para o referido Pôsto.

Declarou-nos o dito *capitão* ser isto devido a estar aquêlê Pôsto situado longe de água abundante, dificultando assim o lançamento de canoas para caçadas, pescarias etc., além de já não possuir, nas proximidades, matas apropriadas à lavoura, em quantidade suficiente para atender ao acréscimo da população. E' bem possível que, ao lado destas, intervenham também razões de ordem política que não pudemos apanhar.

Ao Pôsto Bacairi, têrmo da nossa primeira tarefa, chegámos com 225 e meio quilômetros, incluídas as variantes do rio São Manuel e divisor do ribeirão Cavallo, tendo sido tomados "croquis" dos pontos característicos e feitas leituras barométricas, ao longo de todo o percurso.

Nossa chegada àquêlê Pôsto Indígena — onde fomos carinhosamente recebidos pelo Sr. Ildefonso Benevides, seu encarregado, vários empregados e numerosas famílias bacairis — foi filmada e fotografada pelo Cap. Reis.

Fomos aí hospedados, durante a nossa estadia, na confortável casa onde funcionava a escola, e, em vários misteres, ocupámos os sete dias que tivemos de falhar.

Como a natureza dos serviços que teríamos de enfrentar, dali por diante, exigia que nos aliviássemos o mais possível de tôda a carga que não fôsse estritamente necessária, começámos por dar um balanço em tôda ela, afim de fazermos a devida seleção, deixando no Pôsto, não só o dispensável da nossa bagagem individual, como quase a totalidade da que se destinava aos Índios a encontrar, por ventura, no curso da viagem, pois era nossa intenção conduzi-los, no regresso, até o Pôsto, onde, então, lhes distribuiríamos brindes.

Em quatro dias observámos os barômetros, fazendo três sessões por dia. Em cada sessão lemos tôda a bateria três vêzes; pela manhã, às 6, 7 e 8; no correr do dia, às 13, 14 e 15; finalmente, à noite, às 20, 21 e 22 horas.

O Cap. Reis deu nessa ocasião início aos trabalhos antropométricos e fotográficos, escolhendo para isso os tipos bacairis que lhe pareceram mais característicos, prestando-se os índios sempre da melhor boa vontade a êstes estudos.

O Dr. Hintermann passava os dias às voltas com os índios, em pesquisas etnográficas, tomando apontamentos sôbre a sua língua e fazendo aquisição de seus objetos. Não podemos avaliar se será feliz em suas conclusões. Cremos, entretanto, que não, pois, além de ouvir mal, por ter tido a infelicidade de inutilizar um dos ouvidos, em consequência de moléstia que lhe sobreveio, ao passar por São Paulo, não arguia convenientemente o índio, que não lhe entendia o português, mal falado, e sempre mesclado com palavras italianas e francesas. Nestas condições, como fazer-se entender? Como interpretar e como perceber, com nitidez, sons de uma língua que não conhecia? Não é de admirar, pois, que o houvéssemos surpreendido, por mais de uma vez, colhendo noções menos exatas.

Quanto à significação e uso de alguns dos objetos empregados por aquêles aborígenes, lembramo-nos de uma curiosa interpretação, que pretendeu dar a um banquinho, muito interessante, em forma de jaboti e que dêles adquirira. Os índios servem-se do peçoço do pseudo-animal para segurar e sentam-se, pondo esta parte saliente do banquinho indiferentemente para frente ou para o lado. O nosso amigo, vendo-os servirem-se dêle, quiçá por mais de uma vez, daquela maneira, interpretou mal o fato, quem sabe se pela sugestão da fórma, e foi levado a atribuir essa espécie de assento, cuja figura zoológica não percebeu, a manifestação de algum fenómeno sexual! . . .

Teve grande surpresa quando lhe mostrámos o êrro em que estava caindo, explicando-lhe o que representava o ingênuo banquinho, de emprêgo tão comum entre aquêles selvícolas. Antes, porém, de perceber e de reconhecer a racionalidade da nossa explicação, pretendeu convencer-nos da analogia, suposta, entre o que pensava estar vendo e o que observara com um móvel semelhante, empregado, dizia êle, pelos índios da África, com aquele objetivo fenomenal! . . . A respeito de antropometria nada fez, cedendo, ao Cap. Reis, que dela se utilizou com vantagem, uma excelente régua, de que para êste fim se munira o suíço. Empregou o Capitão Reis boa parte do seu tempo em trabalhos fotográficos, sendo nisto ajudado por dois dos seus companheiros.

Destinámos um dia para percorrer as roças do Pôsto e visitar os índios e seus confortáveis ranchos. Alguns dêstes encontrámos fechados, estando os homens com suas famílias ocupados nas suas próprias roças, situadas umas ao pé da serra, outras em matas do córrego Azul, do Vermelho e do rio Paranatinga.

Em outros só vimos as donas de casa, umas atarefadas com costuras, outras fiando ou confeccionando rêdes etc., com as crianças em derredor, a brincarem, estando os maridos ausentes, em trabalho nas roças do Pôsto, onde são empregados.

Em poucos dêstes ranchos de índios tivemos ocasião de estar com a família tôda reunida. Eram horas de trabalho e estavam, na maioria, a êle entregues.

~ Por todos êsses velhos e bons amigos fomos recebidos com simplicidade e alegria. Apesar do muito que ainda lhes falta para que possamos julgá-los no gôzo de relativo conforto, vivem satisfeitos, em fartura, vestidos com decência, embora pobremente.

Considerando-se a falta de recursos com que luta a Inspeção de Índios para cuidar dos inúmeros encargos que lhe tocam, consola a quem atinge aquelas longinquas regiões, o presenciar, ainda assim, a carinhosa e efetiva assistência que ela desveladamente presta, por intermédio do Pôsto, não só àqueles índios, como aos outros de numerosas tribos, habitantes das cabeceiras do rio Xingu e que não raro apelam para a sua proteção, como tivemos ensejo de observar.

Serve, além do mais, aquela beneficente repartição que é o Pôsto dos Bacairi, de atalaia vigilante e cada vez mais necessária da Inspeção do Serviço de Proteção aos Índios, contra os rebuscadores insaciáveis daqueles já cubiçados confins.

Não só da subsistência material dos Bacairi cogita o Pôsto, sob a direção do seu zeloso encarregado: É também por êle mantida uma escola, onde os meninos, em número superior a vinte, recebem as regras gerais da nossa educação, aprendem a ler, escrever e contar. Em um ligeiro exame a que os submetemos, tivemos oportunidade de verificar o bom aproveitamento de muitos dêles. Aos domingos e feriados içam a bandeira, cantando os versos do hino nacional. A uma destas solenidades assistimos, com patriótico júbilo e emoção, causando a cerimônia fundada admiração aos nossos companheiros suíços.

Além da roupa e do sustento, fornece o Pôsto também calçado aos seus alunos.

Ficam as três atuais roças do Pôsto, tôdas, ao pé da raiz da serra, a nordeste da séde, da qual distam pouco menos de uma légua. Foram feitas por Bacairis e ainda por êles mantidas, em todos os seus serviços, existindo apenas um diarista da Inspetoria, responsável por sua administração.

Começámos a nossa visita pela mais antiga, organizada na época da fundação do Pôsto e conhecida pelo nome de roça da serra.

Logo à sua entrada, deparou-se-nos, em atividade, um pequeno engenho de ferro, ultimamente montado. Dois rapazinhos bacairis lidavam com os bois que o moviam, faziam a substituição da cana moída, transportavam a guarapa em baldes para um grande tacho de cobre colocado sobre inflamada fornalha, armada sob espaçoso rancho. Ai, munidas de longas colheres de pau e escumadeiras, ocupavam-se duas índias com a preparação do melado, que, em seguida, colocado em fôrmas, transformava-se em rapaduras.

Protegido pelo rancho existe ainda o primitivo engenho de madeira que bons serviços prestara em outros tempos. Além dêste rancho, vimos mais dois; um, servindo de tulha e outro de moradia ao administrador e sua família. Neste último, havia um compartimento, onde acabavam de ser instaladas três grandes fôrmas de cedro, destinadas à confecção de açúcar: uma delas se achava repleta de mel, já em via de transformação, esperando o encarregado do Pôsto um rendimento de mais de oito arrobas de cada uma.

Além da boa quantidade de galinhas, vimos também porcos, para mais de 12 cabeças; alguns em chiqueiros, na engorda. Percorremos, em seguida, o magnífico canavial, o extenso mandiocal, o feijoal e batatal, bem como o amplo, viçoso e caprichosamente arruado bananal. Em tôdas estas lavouras mourejavam os índios.

À beira de um afluente do córrego Vermelho, em terreno apropriado, está a segunda roça visitada; esta destinada quase exclusivamente à cultura do arroz. Contígua a ela, encontrámos os índios atarefados com a detrubada de pujante mata, onde a esta hora estará vicejando farta sementeira.

Durante tôda a permanência entre aqueles bons e laboriosos índios, cujas mulheres não se cansaram de nos obsequiar com sabo-

rosos beijús, tratámos de estreitar as nossas relações, especialmente com nove dêles, escolhidos para completar a nossa turma.

Exímios canoeiros, muito adestrados nos serviços que íamos atacar, tinham, em sua maioria, tomado parte nas expedições chefiadas pelo Cap. Noronha e Comandante Fontoura. Chamam-se: Bernardino, Mandu, Manoelzinho, Marcelino, Pedro Ouque, Luís, Afonso, Alfredo e Francisco. Foi também incorporado na turma o diarista Ilídio Manuel de Belém, que para êste fim foi enviado de Cuiabá, ajudando a tocar uma das tropas que fizeram a nossa retaguarda.

Tivemos o dia 11, véspera da nossa partida para as cabeceiras do Ronuro, quase que exclusivamente tomado pelos últimos aprestos de viagem.

Procedeu-se ao balanceamento e ao alceamento de tôda a carga que, apesar de todos os côrtes feitos, mesmo assim, não era pouca. O Pôsto nos supriu fartamente de todos os gêneros de que carecíamos : arroz, feijão, farinha, rapadura etc.

Concluimos nesse dia um rápido inquêrito administrativo que nos fôra confiado, como delegado da Inspetoria de Índios, por nomeação do respectivo Inspetor.

Às 8 horas do dia 12 de julho, partimos, finalmente, em busca da confluência dos ribeirões Pomba e Morroso, onde pretendíamos fazer o primeiro acampamento. Morroso e não Formoso, é como os bacairis apelidam êsse córrego, principal cabeceira do rio Ronuro.

Bernardino, o mais sabido e enérgico dos índios que nos acompanharam, e que tomámos para prático, explicou-nos ser êste nome oriundo de ter o referido córrego todo o seu curso entre montanhas. Nenhum escrúpulo tivemos em adotar esta descritiva designação para o manancial, cujas origens, efetivamente, refugiam-se nas encostas norte e leste do monte Ronuro e oeste da serra Daniel, serpendo o seu fundo e apertado vale por entre escarpada morraria.

À vista, pois, do que vimos, inclinamo-nos a crer, atenta a semelhança fonética dos dois nomes, ter havido engano de quem o grafou pela primeira vez, mesmo porque, de formosura, nada notámos que nêle nos prendesse especialmente a atenção.

Como à chegada, tivemos a partida do Pôsto filmada e fotografada pelo Cap. Reis. Estávamos àquela hora rodeados de todos os índios seus habitantes. Foram receber as nossas despedidas e a dos

naturais, nossos nove valentes companheiros. Infelizmente, devido à sua idade e cansaço, o Capitão Antonino, velho conhecedor de parte dos *fundões*, por onde nos íamos sumir, não se animara a nos fazer companhia.

A pouco menos de uma légua, rumo aproximadamente norte, galgamos a serra.

Logo que se alcança a sua parte alta divisam-se, para a frente, belos renques de buritis que balizam as cabeceiras do córrego Pomba. Tomámos para a direita; contornámos as encostas sul e léste do monte Ronuro e caímos no vale do Morroso. Prosseguimos a marcha sem que, entretanto, pudéssemos atingir o nosso objetivo, que era assentar o primeiro bivaque na barra do Pomba, de onde no dia seguinte, já conhecedores do terreno, voltaríamos ao monte Ronuro, iniciando aí os serviços do levantamento.

O tempo consumido para conseguir que a nossa tropa de 26 animais cargueiros, sendo 12 bois e 14 muares, se resolvesse a deixar a querência e não se esparramasse pelos campos; o tempo que se perdeu para que ela vingasse, em boa ordem, os maus caminhos encontrados, ao subir a serra, logo no primeiro dia de marcha; as asperezas opostas pelo terreno, assim que pendemos para o vale do Morroso, onde foi preciso abrir picadas e preparar as barrancas, para a passagem da tropa; não permitiram que fizéssemos mais de três léguas, ficando aquela confluência ainda mais de uma légua para a frente.

A manhã de 13 fôra tomada com a organização da turma do agrimensor Santiago, que partira para fazer o levantamento do rio Jatobá, principal afluente da margem direita do Ronuro, excluído o Tamitatoala, já levantado por Von den Steinen, quando da sua primeira expedição.

Alimentávamos, então, a esperança de nos reencontramos na barra daquele rio, dentro de 20 a 30 dias, e, nesta base, separou o Sr. Santiago todos os recursos de que iria necessitar, escolhendo, êle próprio, o pessoal, material de acampamento, cozinha, caça, pesca, ambulância e gêneros.

Os homens preferidos foram os seguintes : Cirílio, Jonas, José Ribeiro, Ilídio, Mandu, Alfredo e Marcelino, sendo, os três últimos, bacairis, e sendo o primeiro dos três, o Mandu, um belo índio, com perfeita prática dos serviços que nos ia prestar, muito dócil e

a nós particularmente recomendado pelo Cap. Noronha, que dêle tirara excelente partido na expedição do Culuene.

A convite do Sr. Santiago foi também fazendo parte da turma o alemão Schmack, que, para isso, obtivera prévio consentimento do Dr. Hintermann, de quem era o mais disposto dos três companheiros, com grande gosto pela caça.

Constituída, pois, a turma dos expedicionários do rio Jatobá, com ela partimos às 10 horas em demanda do córrego Fundo, tendo o Cap. Reis filmado a cerimônia da despedida. Em nossa marcha fomos executando o levantamento do Morroso, pela sua margem direita, até um pouco menos de uma légua, cortando-o nesse ponto, e daí nos dirigimos para o marco IV, de pedra, estação 37 do levantamento realizado pelo Cap. Noronha e por êle fincado num distinto cabeço do morro do Ronuro.

Fizemos aí a identificação do referido marco, nele amarámos o nossò levantamento e, nos encaminhando depois, com o serviço para o córrego Fundo, cujas cabeceiras iamõs reconhecer, atravessámõs novamente o Morroso, em lugar não muito afastado de suas cabeceiras e pròximamente a 2 quilômetros acima do primeiro ponto transposto.

Por êste passo, cruza o caminho que, partindo de uma certa altura das cabeceiras do rio Culisêvu, corta as cabeceiras dos rios Batovi e Jatobá, bem como do córrego Fundo. Dêle é que se servem os índios moradores daquele rio, quando, saindo de suas aldeias, se dirigem ao Pòsto Bacairi.

Como já estivesse adiantada a hora quando aí chegámõs, suspendemos o trabalho de levantamento e forçámõs a marcha, por êsse caminho, para o córrego Fundo, onde aportámõs às 18 e meia horas.

A princípio sobe o caminho, suavemente, pelo divisor dos córregos Morroso e Fundo, e assim que transpõe êsse divisor, alcança a principal cabeceira do segundo dêsses córregos.

Seguindo essa cabeceira, desde a origem, pela margem esquerda, num percurso de mais de cinco quilômetros, vai-se cortar o córrego, já formado, com três a quatro metros de caixa.

Fizemos aí o nosso pouso e, no dia seguinte, depois de trocarmos o — "até-breve" — bipartimos a caravana; seguindo os contentes expedicionários do Jatobá, com o seu levantamento por terra, em

direção à barra dêsse rio com o Bugio, de onde encetariam os trabalhos por água; e nós, recomeçando a marcha interrompida na véspera, recolhêmo-nos ao acampamento, depois de havermos concluído o respectivo caminhamento.

O Cap. Reis tirou, nesse dia, algumas vistas da região. À tarde chegaram os homens que, pela manhã, haviam seguido em reconhecimento até a barra do Pomba, tendo preparado o caminho para a passagem da tropa. Regressaram muito animados com o que haviam visto, informando-nos de que, em seguida à confluência, já o Morroso comportaria navegação em canoas.

Muito nos alegrámos com a notícia, pois isso nos livraria da tropa que sobremodo estorvava a nossa marcha, obrigando-nos, a cada momento, ao preparo de rampas apropriadas para a sua passagem, nos córregos e grotas, abundantes no péssimo terreno da serra que costeávamos.

Qual não foi, porém, a nossa decepção, quando, ao tocarmos, no dia seguinte, aquêl ponto, constatámos a improcedência do que diziam. Quase dobradas pelas do Pomba as águas do Morroso nos eram ainda, para aquêl fim, insuficientes.

Enquanto se preparava o acampamento, fizemos um reconhecimento para a frente. Mal havíamos caminhado dois quilômetros, tivemos que abandonar as nossas montadas, que não puderam transpor um córrego, cujas barrancas, demasiadamente altas, negaram passagem.

Prosseguíamos para diante, a pé, tendo sempre à direita e muito próximo, o paredão avermelhado da serra. Marchávamos, em terreno muito acidentado, ora descendo, ora subindo, transpondo de vez em quando córregos e grotas, e, o que nos era mais penoso, rompendo espêsso e emaranhado macegão que não raro nos excedia em altura, formado, em grande parte, pelo capim "barba de bode", muito abundante na região.

Havíamos andado talvez uma légua, quando resolvemos dar uma chegada ao Morroso, afim de examinar-lhe a capacidade.

Com o mesmo aspecto o encontrámos ainda, correndo entre paredões a pique, de quatro a cinco metros de altura, abertura superior da caixa de uns 15 metros, absolutamente atravancado de árvores caídas, grandes lages e blocos de pedra no fundo e incapaz portanto de receber canoas. Retrocedemos.

No dia seguinte, 16, pela manhã, despachámos o pessoal, munido das ferramentas apropriadas à abertura do caminho.

Além de pequenos trechos de picada, abertos nas chegadas dos córregos, cujas margens tiveram que ser rampadas em sua maioria, houve necessidade de ser construída pequena ponte de cinco metros sobre um dêles, particularmente fundo. Pouco além do ponto já reconhecido, pudemos ir com o levantamento. Com efeito, mal havíamos ultrapassado o trecho percorrido na véspera, demos em terreno brejoso, coberto de alta floresta, que, segundo os indícios, velava algum régato e aí encontrámos a turma espalhada, à procura de passagem conveniente.

À nossa esquerda, e não muito distante, corria o Morroso, também coberto por densa mata. Dirigimo-nos para êle e fomos descendo pela margem, deparando-se-nos, efetivamente, sem tar-dança, a barra de um córrego de proporções relat.vamente grandes.

Foi surpresa, pois não imaginávamos que, tão próximo ainda das cabeceiras do Morroso, pudesse afluir, à sua margem direita, um tributário daquele porte, quando, não muito longe, à nossa direita, jazia o vale do córrego Fundo, separado do do Morroso justamente pela serra Daniel, cujos contrafortes e encostas íamos per-lustrando.

O Bernardino, que nos acompanhava, achou que era o próprio córrego Fundo que ali estava.

Embora nos inclinássemos a aceitar esta hipótese, que tam-bém nos acudiu, púnhamos em dúvida o seu acêrto, pelas informa-ções que a respeito tínhamos, esboçadas na carta que conduzíamos.

Já não era cedo e por isso resolvemos deixar para o dia se-guinte a continuação da marcha e a conclusão do reconhecimento. Um fato ficou, todavia, desde logo averiguado, isto é, que, apesar da boa contribuição d'água recebida pelo Morroso, tendo havido na sua caixa um proporcional aumento, continuavam para efeito da navegação, as mesmas dificuldades anteriores. Tínhamos que nos conformar com a marcha por terra, durante algum tempo mais.

Nesse dia foram caçados cinco bugios, três jabotis e um pato, para refôrço de nossa alimentação.

No dia 17, após minucioso estudo, fomos encontrar um passo conveniente, a um quilômetro acima da barra do córrego, depois de varmos o espêssô cambaiual que o reveste nessa altura, tendo

êle aí seis metros de fôlha d'água com 0,60 m de profundidade, correndo entre barrancas aprumadas de quatro a cinco metros de altura e afastadas, em sua parte superior, de 15 a 20 m. Depois de convenientemente trabalhados os paredões a picareta e a enxada, para que pudessem ser vencidos pela tropa, prosseguimos.

Um fato bem notável prendeu-nos a atenção, logo que transpuzemos o córrego e veio definitivamente dispor-nos a aceitar como sendo exatamente o córrego Fundo aquêle que acabávamos de deixar à nossa retaguarda. As dimensões, acima expostas, já nos haviam, aliás, por si sós, quase dissipado as dúvidas a respeito. Esse fato consiste na sensível diferença que notámos na constituição do solo e, conseqüentemente, na vegetação.

Até então, marchávamos sempre por terrenos de piso duro, formado por tôda a parte de grês vermelho, mais ou menos decomposto.

Predominavam sempre os campos; raramente surgia o cerrado e ainda menos o cerradão, exibindo todos os córregos a mesma aparência de alveos fundos e desmesuradamente grandes para a quantidade de água do tempo da sêca, pôsto que pequenos para comportarem as que recebem no tempo das chuvas.

Ultrapassado, porém, o córrego, demos em terreno fôfo, constituído de finíssima e alva areia, de mistura com argila escura. Tivemos que lutar, imediatamente, com um cerradão sujo, que nos roubou precioso tempo. Com dois quilômetros apenas de marcha, assim entravada, encostámos em mata alta de uns 300 a 400 metros de largura e que franja um córrego correntoso, de margens alagadiças, de 1,50 m de largura por 1 m de profundidade, em tôda a largura da caixa, e de aspecto inteiramente diverso dos precedentes.

Suas águas cristalinas assoberbam integralmente o leito de fundo alvíssimo e transbordam para os lados que, de tão atoladiços, tornam-se impraticáveis para a tropa, em não pequena extensão.

Se as observações anteriormente expostas nos induziram a crer numa inflexão do córrego Fundo para oeste, estes acontecimentos vieram reforçar as nossas conclusões. Caímos, assim, num engano lamentável, pois, as informações bosquejadas na carta, foram, posteriormente, confirmadas por nós.

Para facilitar as referências futuras aos dois córregos em questão, ficaria bem a designação de córrego da Anta para o que

supúnhamos ser o Fundo, pois justamente na ocasião em que o transpúnhamos era acuada uma anta pelos cães que levámos, e para o que a êle se segue ficaria bem o nome de Fundo Branco, devido à côr clara do seu leite.

Exultámos, pois, ao descobriremos o Fundo Branco, assim batizado agora. Com a sua contribuição julgávamos ter garantida a navegação pelo Ronuro e estávamos anciosíssimos para que tal se dêsse. No entanto, esta alegria pouco durou. Por mais que procurássemos acima e abaixo uma passagem, accessível à tropa não obtivemos resultado. Onde quer que fôssemos, a mata oferecia atoleiro de 20 a 50 metros na margem esquerda e à margem direita dava-se em pindahival e várzea igualmente brejosos.

Depois de insistirmos por algum tempo nessas malogradas tentativas, resolvemos retroceder, ganhar de novo o cerradão e procurarmos lugar para o acampamento, afim de que pudéssemos acolher a tropa em sítio convenienté.

De cima de uma árvore divisámos, a 500 metros para oeste do ponto em que estávamos, uma pequenina malha de campo, para onde abrimos picada, aí fazendo o nosso pouso, a 100 metros da margem esquerda do córrego. Não tardou que chegasse a tropa, mas a absoluta falta de pasto, e a impossibilidade de fazê-la chegar ao bebedouro, obrigaram-nos a deliberar a sua volta ao acampamento da véspera, depois de descarregada.

Reservou-nos o dia 18 uma grande decepção, tirando-nos a ilusão em que estávamos de entrar no Ronuro depois que a êle se juntassem as águas do Fundo Branco.

Era forçoso remediar só com as daquele, já nossas conhecidas, reforçadas apenas por outras que lhe houvessem sido por ventura, despejadas pela margem esquerda, pois o Fundo Branco e seus próximos afluentes resistiram a tôdas as tentativas que fizemos para a sua travessia.

Com efeito, desde o ponto em que nos achávamos acampados até a sua margem esquerda, era um brejão em buritizal, de 80 metros, continuado pela sua faixa marginal direita. Dêsse ponto para cima fizemos minuciosas explorações, até para além de um quilômetro, quando o seu curso bifurca-se em dois galhos de margens igualmente atoladiças.

O recurso seria despontar-lhe as cabeceiras, mas isso nos forçaria a uma volta demasiado grande, por cerradão penoso, acarretando perda de tempo, incompatível com a nossa pressa.

Optámos, então, pela organização da passagem no primeiro ponto tocado na véspera com o levantamento, pois foi o que se nos afigurou mais favorável. Aberta a picada, atacámos a construção dos estivados e da ponte.

Todos os trabalhos da margem esquerda, inclusive a ponte, já estavam concluídos quando fomos fazer um reconhecimento para a frente. Íamos sôfregos por chegar ao Ronuro, mas a menos de meio quilômetro, tivemos o passo embargado por um afluente do Fundo Branco, que não nos foi fácil transpor. Pouco mais caminhámos, quando outro afluente do mesmo córrego negou-nos terminantemente passagem, tão grande era o pantanal que formava. Procurámos margeá-lo, descendo, a encontrar a sua barra, e depois, a do Fundo Branco. Também nada conseguimos, porquanto o Fundo Branco, torcendo para noroeste, alaga todo o terreno com as águas que lhe vêm desses dois afluentes, formando um inenso banhado que nos tolheu o movimento.

Metidos, assim, num beco sem saída, a solução prática era procurar o Ronuro e encetar o levantamento por água, conformando-nos com as dificuldades que houvessem. Resolvemos, pois, voltar ao acampamento e de lá marchar diretamente para o Ronuro. Não foi sem pesar que, ao passarmos pelo "Fundo Branco", comunicámos a nossa resolução à turma que já rematava os trabalhos da estiva.

Do acampamento, partimos em direção oeste e, com pouco mais duma hora, estávamos com o piquezinho na margem direita do Ronuro.

A impressão que nos causou o seu leito de barrancas sílico-argilosas, muito íngremes, de cinco metros de altura, com uma abertura superior variando entre 40 a 50 m, contendo em seu fundo água corrente, numa largura de 11 metros e profundidade de 0,^m70, seria excelente, ante as exigências da nossa tarefa, se não fôsse a sua caprichosa tortuosidade e o entulhamento incrível que apresentava, não só de paus caídos, como de lages e blocos de pedra (grês vermelho), que, a cada momento, modificavam o aspecto da corrente, subdividindo-a em vários canaletes, por onde teríamos que abrir passagem. Entretanto, tínhamos esperança de que o pró-

ximo concurso das águas do Fundo Branco nos viesse facilitar o trabalho.

Além de água para navegar carecíamos também de corpulentos jatobás, de cujas grossas e resinosas cascas os hábeis bacairis construíam as nossas canoas.

Felizmente a pujante mata, que orla o Ronuro naquela altura, apresentava magníficos exemplares de tão útil leguminosa.

O dia 19 foi empregado na abertura de um varadouro que alcançasse o rio por essa mata, na construção de 28 metros de estiva sobre dois igapós, no lançamento de uma ponte de cinco metros num córrego e no preparo do nosso acampamento, bem junto à margem direita, onde iríamos passar alguns dias, preparando canoas de casca.

O Cap. Reis tirou fotografias das obras executadas para transpor o "Fundo Branco" e que ficaram perdidas.

No dia 20, pela manhã, meteram-se os índios pelo mato, onde, com facilidade, encontraram jatobás em condições e onde deram início à confecção das canoas. Os demais canoeiros derrubaram uma grande mulateira para a construção de um pequeno batelão. Fez-se a mudança do acampamento para a beira do rio, filmando o Cap. Reis, não só os trabalhos do levantamento, como a marcha da tropa pelo varadouro e a queda da mulateira.

Finalmente, emancipámo-nos da tropa, fazendo-a regressar ao Pôsto onde aguardaria o nosso apêlo, quando, de volta dos nossos trabalhos, chegássemos ao alto-Culisêvu.

Os dias 21, 22, 23, 24 e parte do 25 foram gastos com a construção da esquadriha, composta de seis unidades, sendo cinco de casca de jatobá e uma de madeira.

Vamos dar uma breve notícia do engenhoso modo porque faz, o índio das cabeceiras do Xingu, as suas canoas.

Encontrado o jatobá com as proporções necessárias ao destino da canoa, examinam-lhe a tortuosidade superior que deverá ser disposta no sentido convinhável à elevação da proa. Feito êste reconhecimento, resta saber se a casca pôde ou não despregar-se facilmente do tronco, condição esta que não sendo satisfeita, os leva a abandonar a árvore. Para desde logo sabê-lo extraem, com o auxílio do facão, cêrca de um palmo quadrado dessa casca, e.

pela maior ou menor facilidade com que se desprega do alburno, ajuizam se devem ou não continuar a extração. No caso afirmativo, limpam o solo nas imediações da árvore, para poderem mover-se em liberdade, e dão comêço ao córte da casca, de modo a aproveitar tôda a parte útil. Principiam por sulcá-la embaixo, paralelamente ao chão, a mais ou menos um metro de altura, numa extensão que será a largura da canoa na popa. Dos dois extremos dêsse sulco feito a machado, prosseguem, verticalmente, agora com dois talhos paralelos até atingirem a base da tortura superior do jatobá, convergindo aí os entalhos, que se vão encontrar mais em cima, ficando, dêsse modo, esboçada a canoa.

Feito isto, insinuem, entre ela e o samo, a pequenos intervalos e a macete, para forçarem a casca a se despregar do tronco, comprimidas cunhas de madeira, em forma de espátula, ao longo e normalmente às bordaduras. Para levarem a cabo estas duas últimas operações, constroem, em tórno da árvore, uma escada fixa, vertical, composta de três banzos, de um a dois decímetros de diâmetro, fincados em pontos e a distâncias convenientes do tronco e ligados por curtas e grandes varas amarradas a cipó ou embira, formando os degraus. Depois de algumas horas desprende-se a casca, deslizando verticalmente pelo tronco abaixo e caindo sob a ação do seu próprio pêso, mas permanecendo de pé, emborcada de encontro à árvore.

Dois ou três índios passam, então, a sustê-la e vão cautelosamente se afastando do tronco, enquanto dois outros sobem pela escada, vão desmanchando os degraus de cima para baixo, ao mesmo tempo em que ajudam os companheiros, até que arreiam no chão a futura canoa.

Põem os índios muito cuidado nesta manobra, afim de evitar qualquer choque violento ou tombo, que poderia acarretar a fratura da casca, ainda fresca e crua.

Uma vez no chão e deitada de bôca para cima, aprimoram-lhe a fôrma, acertando os bordos, a golpes de facão, e corrigindo o feitto da popa e da proa, apenas delineadas.

Feito isto, colocam, de espaço a espaço, transversal e fortemente fincados nos bordos, vários roletes de pau, com o objetivo de manter-lhes o paralelismo, evitando a tendência da casca para fechar-se e de auxiliar a canoa a resistir melhor à ação compressora que vai sofrer mais tarde, no estaleiro. Emborçam de novo

a grande carcassa e desbastam-lhe a parte externa mais dura, à popa e à proa, para que êsses dois pontos possam tomar mais facilmente a forma própria que lhes vão dar, ao fogo.

Viram, então, novamente, de bôca para cima e descançam a popa sôbre um pau que colocam horizontalmente, a um metro de altura, apoiado em forquilhas verticais, fortemente fincadas ao solo, no qual a proa permanece apoiada. Ao longo, de um e outro lado das bordas, bem rente a elas e a igual distância um do outro, são fincados verticalmente no chão três ou quatro pares de varas, de dois metros de comprimento.

Fica, dêsse modo, a canoa; metida entre duas ordens de estacas, impossibilitada de qualquer movimento.

Para dar ainda maior firmeza ao sistema, enlaçam apertadamente, com cipó, as extremidades superiores de cada par de estacas. Encurralada, assim, nesse singelo e engenhoso estaleiro, vai a canoa sofrer a ação do fogo, com o duplo fim de acelerar a sêca da casca, e de dar formato à popa e maior elevação à proa. Colocam, para isso, lenha, dentro da canoa, no lugar da popa e ateiam fogo.

No fim de alguns momentos amolece a resina contida na casca, tornando esta amoldável. Com auxílio então de pancas, que firmam ao chão, dobram-na para dentro, até que ela fique mais ou menos normal às paredes laterais, fechando a canoa nessa extremidade.

Para impedir que a casca volte, nesse ponto, à posição primitiva, escoram as pancas com forquilhas, amarrando-as bem, e em seguida, para ativar a evaporação da seiva, vão até à proa arrastando lentamente a fogueira pelo fundo interior da canoa, sempre inclinada e com a proa assente sôbre o solo.

Demoram com o brazeiro por alguns instantes nesse ponto, onde, tornando-se mole a casca, verga-se pelo próprio pêso da canoa, tomando a proa o empino necessário, se já o não possui.

Retiram, finalmente, o fogo e deixam a embarcação pronta em seu estaleiro, de onde só sairá, se não houver pressa, um ou dois dias depois.

Em traços gerais, assim fazem aquêles índios as suas montarias, cuja duração talvez atinja a um ano.

As interessantes fases dêsse curioso processo de construção foram quase tôdas filmadas pelo Cap. Reis, que, aproveitando os

dias de falha, revelou tôda a documentação obtida no Pôsto Baccari.

No dia 23 recebemos bom refôrço de gêneros daquela repartição, como vantajosa substituição dos consumidos nas falhas a que estávamos sendo obrigados. Pelo seu portador tivemos notícia do regresso, àquele Pôsto, da tropinha de cinco bois que acompanhara até a barra do Bugio os expedicionários do Jatobá.

Em tôda a nossa permanência no pôrto das canoas, tivemos as nossas refeições enriquecidas com caças diversas, notadamente bugio, jacutinga, pato, mutum e macuco, de que são fartas aquelas matas.

O Dr. Hintermann, além da boa companhia que nos fazia, ocupava-se com fotografias e, de raro em raro, realizava pequenas excursões cinegéticas.

Durante três dias consecutivos fizemos regularmente as leituras barométricas.

A primeira parte do dia 25 foi absorvida com a confecção de remos, carregamento das canoas etc.

Nossa flotilha foi distribuída do seguinte modo : a primeira canoa, a mais confortável, medindo 7 metros de comprimento, 0,84 m de largura e 0,26 de fundo, tocou ao Cap. Reis, com sua maquinaria, alguns gêneros e outros objetos, tripulada por Manoelzinho e Luís. A segunda canoa, a mais comprida, com 8,50 m x 0,78 x 0,22 m, foi ocupada pelo Dr. Hintermann, seus camaradas Erwin e Schwarzer, aos quais adicionámos o castelense João, para servir de pilôto, pois os estrangeiros não tinham prática dêsse serviço, embora remassem. Além dessas quatro pessoas pegou mais a canoa tôda a carga respectiva e um pouco de gêneros. A terceira canoa com 6,80 x 0,72 x 0,21 m, tripulada pelo Afonso e Joaquim, levava os caixotes contendo dietas etc. A quarta canoa 6,90 x 0,80 x 0,24 m, tripulada por Francisco, Corrêa e o porta-mira Miguel, era a canoa da mira e levava também o trem de cozinha. A quinta canoa, medindo 5,50 x 0,86 x 0,25 m e tripulada por Bernardino e Pedrinho, respectivas bagagens e um contrapêso de gêneros, era a canoa do instrumento. Finalmente, o batelãozinho de 7,80 x 0,52 x 0,33 m, guarnecido pelo Procópio e pelo Januário, conduzia 12 alqueires de gêneros e miudezas.

Por mais que nos empenhássemos, não foi possível conseguir praça para tôda a nossa carga. Tivemos que abandonar, sôbre um girau dois alqueires de feijão e dois ditos de farinha.

Às 14 horas, enfim, seguimos com o levantamento por água, partindo do mesmo ponto em que havíamos chegado com aquêlê serviço, por terra.

Como fôsse o leito do rio muito atravancado de paus caídos, tomou o Cap. Reis o encargo de marchar na frente e ir dirigindo o serviço de abertura do caminho por onde devíamos passar. Apesar, porém, dêsse valioso expediente, pouco pudemos fazer nas horas que nos sobraram dêsse dia 25.

Mal demos 28 estações; e com elas só conseguimos avançar 1.700 metros, tais as sinuosidades do rio e tal o tempo perdido em abrir a picada.

O rio ofereceu sempre o mesmo aspecto, com as barrancas altas e muito apumadas, revestidas de floresta. Foram filmados e fotografados alguns trechos da viagem e o episódio da nossa partida do pôrto das canoas.

Tomámos, como norma, ler os barômetros nas chegadas e partidas dos acampamentos, o que fizemos em todo o curso do levantamento.

Devido às mesmas dificuldades opostas pelo turtuosíssimo rio, pouco rendimento obtivemos para a nossa marcha nos dias 26 e 27. As vantagens que esperávamos da contribuição do córrego Fundo Branco, como de outros que fôssem logo desaguando no Ronuro, não se verificaram.

Sempre o mesmo aspecto atravancado da caixa, obrigâva-nos a longas paradas, às vezes de horas, para que cortássemos grossos cernes de jatobá e outras madeiras, caídas em seu fundo. O cortinado de trepadeiras pendentes das árvores, cujas copas se entrelaçavam sôbre o rio, embaraçando-nos as visadas para o alvo, eram outro estôrvo que a miude nos detinha.

O nosso rendimento em cada um dêsses dias não atingiu a cinco quilômetros.

Na segunda metade da jornada de 27, notámos o reaparecimento do grês vermelho, formando as barrancas do rio, que se tornaram, com isso, quase verticais. Como consequência, tivemos as primeiras corrêdeiras e a mudança da vegetação marginal, que passou a ser constituída de cerrado e malhas de campo.

Na ocasião em que organizávamos o nosso acampamento de 27, fomos surpreendidos com a visita de duas antas que o invadi-

ram, quando subiam despreocupadamente o rio. E' muito freqüente ali a presença dêste animal, sulcando as barrancas, campos, cerrados e matas, desde as cabeceiras até o baixo curso.

O dia 28 foi destinado à primeira variante que julgámos oportuno executar, para o reconhecimento do rio Steinen. Com êste fim, partimos do acampamento pela manhã, com uma turma de seis homens, dentre os quais os três bacairis : Bernardino, Afonso e Manuelzinho, tendo o primeiro dêles tomado parte na expedição Fontoura que levantou o rio Ferro. Depois de um pique aberto em charravascal, num total de 8.358 metros, medidos a corrente, rumo oeste, atingimos a margem esquerda de um correntoso ribeirão com uma fôlha d'água de 6,20 m e 1,07 m de profundidade, num fundo e apertado vale, onde viceja grossa mata.

Excluída a hipótese, que não nos ocorrera, de verterem as suas águas para o Paranatinga, o fato de correr para o Sul o trecho por nós avistado, fez-nos tomá-lo como sendo o formador do rio que buscávamos, por isso que, para considerá-lo um afluente do Ronuro, teríamos que atribuir-lhe um traçado por demais caprichoso. A existência apenas de minúsculos lambarís no Ronuro e a presença, por nós verificada, de matrinhãs no ribeirão que acabávamos de encontrar, também muito influiu para nos convencer-mos do acêrto da nossa conclusão.

Informados como estávamos, pelo Bernardino, de que o rio Ferro, desde o ponto em que teve início a expedição Fontoura, era abundante daquele precioso peixe, parecia natural a existência dêsse mesmo privilégio para o Steinen. Entretanto, só os trabalhos posteriores nos poderiam tirar do terreno das conjecturas.

Colhidos os elementos para o cálculo da descarga, voltámos ao acampamento, onde chegámos às 20 horas, com o auxílio de fachos arranjados com fôlhas sêcas de guariroba.

O Cap. Reis, que ficara no acampamento, aproveitou a falha para revelar alguns filmes e dois canoeiros, guarnecendo uma montaria, foram ao pôrto das canoas, de lá trazendo os gêneros que havíamos deixado e para os quais já dispúnhamos de alguma praça.

Nos três últimos dias de julho e nos quatro do início de agosto, com o concurso de bom número de córregos e ribeirões que recebia, foi o rio, aos poucos, melhorando as suas condições de navegação, particularmente para os canoeiros da vanguarda, que, por fim, se viram livres da tarefa de abrir caminho no seu leito. Para os ser-

viços do levantamento, porém, estava-se bem longe de poder tirar do telêmetro um rendimento razoável, não se tendo alcançado em nenhum destes dias uma média de 100 m por visada.

Assim é que, para conseguirmos os nove quilômetros do dia 1 de agosto, tivemos que dar 140 estações, e para os 7.256 metros obtidos no dia seguinte, fizemos não menos de 96 visadas. Esse emperramento da nossa marcha era o resultado, não só do impertinente enroscamento do rio, como da importuna persistência das cortinas de cipó que nos impediam de tirar partido dos pequenos estirões que se tornavam, então, mais frequentes.

Com o desaparecimento do grês tivemos a nossa marcha desembaraçada de corredeiras até o dia seguinte; 2, apesar de, por vezes, tocarmos em pontas de morros. Como conseqüência, tivemos também o afastamento do cerradão e a volta da mata a orlar o rio.

Com o reaparecimento da floresta, vieram as primeiras cachoeiras, no dia 3. No dia 4 consumimos cinco horas só com as peripécias da *varação* de uma delas, a maior até então encontrada; pois tôda a carga teve que ser varada por terra, mas, uma vez transposta, acampámos na sua corredeira a jusante, e daí partimos com a segunda variante, em direção ao Steinen.

Nesse acampamento foram pescadas as primeiras piabas, que eram de bom tamanho.

O aparecimento de alguns biquás, na ante-véspera, já nos havia anunciado fartura de peixe, para breve. Tivemos mutum quase diàriamente à mesa.

O Cap. Reis conseguiu filmar uma anta dentro do rio.

Uma infernal praga de piuns e de *pólvoras* principiou a perseguir atrozmente a todos. Não nos deixavam, desde as primeiras horas do dia, às últimas da tarde.

Os dias 5 e 6 foram destinados à segunda variante. No primeiro dêles, depois de havermos aberto 9.358 metros de pique, rumo oeste-noroeste, alcançámos um ribeirão de água corrente, medindo 5,40 m de fôlha d'água e 1,45 m de profundidade, serpenteando em várzea, mas de leito tomado por espêsso pindaival, o que nos impediu de avaliar-lhe a velocidade da correnteza.

Da comparação do seu porte com o que naturalmente teria, no mesmo ponto, o encontrado na primeira variante, resultou a

nossa deliberação de levar para a frente a exploração, até que déssemos em outro manancial de maiores proporções. Continuámos, pois, com o pique sempre em cerradão e por longo e suave divisor, em cujo alto chegámos com mais 4 km, pousando no local, por ter anoitecido.

No dia 6 prosseguimos com rumo oeste-sudoeste, para atingirmos mais depressa um vale, que pudemos divisar, de cima de uma árvore, e que seguia um rumo quase normal ao nosso. Cinco quilômetros adiante topámos, realmente, com outro ribeirão, mas em tudo semelhante ao anterior, o que não correspondia absolutamente à nossa expectativa. Nele vimos, como no da primeira variante, algumas matrinchãs.

Apesar de nos têrmos distanciado 18 km do Ronuro, avançámos, com o mesmo rumo, por um divisor igualmente longo e de inclinação suave, coberto ainda de cerradão. Pouco mais de meia légua fizemos, sempre subindo, sem que víssemos avizinhar-se a possibilidade de atingir a outra vertente da extensa lombada.

Resolvemos então subir em uma árvore e observar para diante: teríamos que marchar seguramente um légua para descortinar, talvez, algum vale. À vista dessa verificação e como já estivéssemos a 22 km das margens do Ronuro, não tivemos dúvida — a menos que se tratasse de um afluente do nosso rio — em aceitar, como sendo o Steinen, o último dos ribeirões atravessados, bem como reconhecer como águas do Paranatinga aquele da primeira variante.

Retrocedemos em demanda do acampamento, onde chegámos à noitinha, valendo-nos ainda uma vez, de fachos de guariroba.

No dia 7 continuámos a descer o Ronuro. O trecho encachoeirado em que havíamos parado, foi logo vencido, mas as dificuldades habituais nos impediram de ir além de 7 e meio quilômetros. Entretanto, continuavam as águas do rio a se opulentarem com o tributo de mais alguns córregos.

Ouvimos nesse dia os primeiros vibrantes pios do alegre poaieiro.

O dia seguinte foi assinalado, depois de uma jornada de mais de 10 km, pelo encontro do único salto do rio. Nesse mesmo dia, abriu-se o varadouro, numa extensão de 420 m, pela margem esquerda, que oferece fácil acesso, e por êle transportou-se quase tôda a carga, bem como duas canoas de casca, facilmente carregadas.

das ao ombro de quatro homens, cada uma. O Cap. Reis filmou e fotografou vários aspectos do salto, que possui uma altura aproximada de 9,50 m.

Fomos perseguidos, o dia todo, por uma verdadeira nuvem de piuns e seus associados : os enfadonhos *pólvoras*. Estes minúsculos insetos acabrunharam por tal forma o Dr. Hintermann, que nem mais do seu diário êste cuidava. Os seus dois companheiros não se mostraram mais resistentes que êle.

Com o salto, tivemos um auspicioso acontecimento: a pesca, que surgiu abundante. Às matrinchãs, piranhas e piabas enriqueceram logo a nossa mesa. Acima do salto, vimos muitos cardumes de mandís.

Depois de havermos realizado o transporte do restante das cargas e das canoas para o pôrto de baixo, de concluirmos o levantamento do varadouro ligando os dois portos, e de haver o Capitão Reis, que nos auxiliou na leitura simultânea dos barômetros, acima e abaixo do salto, completado a documentação fotográfica dêste interessante acidente, recarregámos a flotilha, partindo ao meio-dia.

Poucas remadas foram dadas e eis-nos de novo às voltas com grandes cachoeiras, que, por duas vêzes, nos obrigaram a descarregar completamente as canoas.

Finalmente, eram 16 horas e 30 minutos, quando tocámos na barra de um ribeirão, afluente da margem esquerda. Não estando até então conseguidos os elementos para o cálculo da descarga do Ronuro, e precisando nós identificar os dois ribeirões encontrados na 2.^a variante, era de todo necessário um minucioso estudo daquele confluente e êsse estudo nos veio convencer de que alí estava o primeiro curso cortado pela dita variante.

Todos êstes trabalhos pouco mais de dois quilômetros permitiram avançar, no dia 9.

O dia 10 foi todo de lutas por corredeiras e cachoeiras. Ainda bem não nos livrávamos de uma, tínhamos que nos preparar para outra. Por duas vezes tivemos que descarregar totalmente as canoas e tudo transportar por terra. Outras vezes, passávamos a meia-carga por canais previamente escolhidos.

Em muitas ocasiões, eram as canoas arrastadas, por cima de pedras sôbre as quais havia um palmo e menos água. Em outras.

quando os hábeis pilôtos não viam nisso grande risco, eram elas metidas francamente pelo turbilhão da corrente.

Os Bacairis nunca se mostraram impacientes ou tímidos, ante os perigos de cada momento, e era com singular bora humor que pela décima ou vigésima vez se atiravam nágua, para melhor guiarem as montarias, quando a ação do remo se tornava insuficiente.

Conhecedores perfeitos dos serviços água êsses canoeiros exímios guiaram a nossa expedição, em todo o percurso, sem que tivéssemos de lamentar o naufrágio de uma só embarcação. Os demais canoeiros, não indígenas, também se mostraram peritos, seguindo sempre a cautela dos bacairis e dando prova constante de muita galhardia.

Pequena foi, portanto, nesse dia, a nossa marcha: sete e meio quilômetros, apenas. Mas como os trechos encachoeirados do Ronuro são, quase todos, dirigidos mais ou menos para o norte, demos por bem empregado o nosso esforço.

Os piuns continuaram os seus ataques; e tanta era a fúria com que se atiravam contra os bons companheiros suíços, que o Doutor Hintermann, chegando a ficar com as mãos e o rosto inchados, enervou-se por tal fórma, que vivia apavorado com a idéia de que pudesse durar ainda por muitos dias aquele suplício!

Transcorreu o dia 11 sem o enervante incômodo das cachoeiras. Apenas eram freqüentes os rápidos e corredeiras. As barrancas, em geral apumadas, mantinham-se entre três e quatro metros de altura, indo em alguns lugares a cinco metros. Outras vezes, porém, desciam a 1 metro e menos, oferecendo nesses pontos margens brejosas e raras bôcas de lagoa. Eram quase sempre cobertas por estreita faixa de mata fina, velando o cerradão.

Pudemos, enfim, adquirir, em lugar favorável, os elementos para a avaliação da descarga do Ronuro.

As mesmas palavras poderíamos repetir, para a jornada de 12, se não fôsse o encontro de uma bela cachoeira, à ultima hora do serviço. Não era muito extensa, mas o adiantado da hora e o frio que reinava, obrigando cada um a premunir-se de lenha para as convenientes fogueiras da noite, só permitiram que transpuzéssemos o seu primeiro lance.

O contraste oferecido, pelo amarelo da pedra que fórma essa cachoeira, com o constante avermelhado das pedreiras tôdas que

háviamos passado, levou-nos a chamá-la: cachoeira da Pedra Amarela. Entretanto, sòmente a superfície da pedra, exposta à ação do sol e de outros agentes adquire esta còr: o seu interior, como as lages do fundo do rio e os blocos enterrados conservam todos o tom avermelhado.

Vimos nessa cachoeira o primeiro casal de quero-quero.

À proporção que os degraus do rio vão sendo descidos, torna-se o peixe mais abundante e variado. Além de outras espécies que não conhecíamos, eram vistos pacus a cada momento, embora não se deixassem ainda pescar.

Apesar da baixa temperatura que reinava, os piuns e os *pólvoras* não nos abandonavam. Os nossos rostos, pescoços e mãos mais pareciam de paquidermes, tal a espessura da pele, engrossada por tantas succões.

Na manhã do dia 13 concluímos a varação da cachoeira e prosseguimos por inúmeros rápidos, corredeiras e algumas cachoeirinhas, que felizmente não nos deram trabalho especial. Os córregos e ribeirões continuavam a afluir.

As japuiras começavam a aparecer e foram vistos alguns exemplares de anambés, (1) ostentando o seu belo penacho negro.

Nesse dia avançámos um pouco mais de 15 e meio quilômetros, com 119 estações. Foi o primeiro, cremos, em que tivemos uma média superior a 100 m por visada.

No dia 14, viajávamos desembaraçadamente, livres de cachoeiras e corredeiras, tendo já 13 quilômetros feitos, quando, às 16 horas e 30 minutos, fomos dar na barra de um riacho, que caía pela direita.

Ainda que a carência de ribeirões que desaguassem pela dita margem nos predispuzesse a aceitar, sem maiores reparos, um grande contribuinte dêsse lado, o encontro do riacho não nos deixou de surpreender, visto que, só podíamos explicar a presença de um tão rico afluente naquelas alturas ainda, aceitando-o como o desenvolvimento do córrego Fundo, o que nos forçou a contrariar as conclusões a que havíamos chegado. Tínhamos, pois, ante nós, a confirmação do que estava esboçado na carta e que, pelos motivos já expostos, havíamos posto de lado. Todavia, para que

(1) Cotinga em tupi-guarani ou nhengatú.

ficasse em nós dissipada qualquer dúvida, firmámos o propósito de, quando ao regressar, alcançássemos a cabeceira do córrego Fundo, fazer um reconhecimento mais detido do seu curso, até o ponto em que pelo menos não pudesse êle confundir-se com o que nos iludira.

Um pouco abaixo de umas corredeiras a mais de 1 km da barra, fomos buscar os dados para a avaliação de sua descarga.

O tempo continuou muito frio, acusando o termômetro-funda a temperatura do ar de 5°,7.

O riacho Fundo deu, como era natural, maiores proporções ao Ronuro, alargando-o bem mais; fato êsse, que, aliado à ausência de cachoeiras, permitiu, no dia 15, um avanço de 19 km, em águas sempre tranquilas. As suas barrancas, ordinariamente aprumadas, mantinham uma altura de dois a três metros e eram, em geral, cobertas de mata fina, baixa, que de vez em quando tomava corpo e altura. Foram raras as bôcas de pequenos córregos assinaladas, mais freqüentes as de baías e começámos a notar a presença de piranhas. Pela primeira vez foi caçado um mutum-cavalo, sendo da variedade *pinima* os abatidos até então.

O dia 16 foi de muita luta para os nossos pobres canoieiros.

Os dois dias de calma de que acabávamos de desfrutar, fizeram-nos supor que já estava transposta a escadaria do rio, quando nos vimos novamente às voltas com os seus agitados degraus, sendo incessante a lida com as cachoeiras. Mal saíamos de uma, entrávamos nas corredeiras, nos rápidos, nos conseqüentes pequenos trechos de águas tranquilas e, mais adiante, noutros rápidos e corredeiras, esbarrando, finalmente, na cachoeira seguinte.

A cada momento os precipícios punham à prova a perícia e resistência dos valentes canoieiros.

Para que a nossa marcha tivesse ainda menos rendimento, sobreveiu, nesse dia, um espêssô nevoeiro, de manhã, substituído logo por impertinente neblina durante o dia todo. As nossas visadas tinham, por isso, que ser encurtadas, para que pudéssemos melhor distinguir o alvo.

Na ocasião em que se fazia a varação, por terra, da última cachoeira do dia, foi o Dr. Hintermann atacado por uma chusma de miúdos maribondos que o fizeram atirar-se nágua aos gritos, provocando uma cena verdadeiramente cômica! Quando chegámos

ao acampamento, encontrámo-no macambúzio, a cabeça envolvida numa toalha, lastimando-se, apavorado com a ferocidade das pequeninas vespas.

Em menos de meia hora foram nesse dia pescados, por dois bacairis, cinco grandes pintados, nove piranhas e um peixe-cachorro de bom tamanho.

Tivemos à tarde, o segundo riacho, de 14 m. de largura por 2 m de profundidade, caindo na margem direita. Lembraremos, para êle, o nome do Cap. Jaguaribe, estrênuo chefe dos trabalhos cartográficos da Comissão.

Às 7 horas da manhã a temperatura tinha sido de 8°.5. Os piuns já não nos importunavam tanto.

Bem mais afanosa ainda, para a tripulação das canoas, foi a jornada de 17.

Pode-se dizer, sem exagêro, que os seis quilômetros vencidos, o foram por uma só cachoeira, pois, aos altos travessões que se sucediam a cada passo, seguiam-se longas e violentas corredeiras. O pessoal não saía água, ocupado a arrastar as canoas, em estirados trechos, ou a descarregá-las, ora parcial, ora completamente, conforme a grandeza do tombo ou o borbotão das águas.

Cada qual porfiava em melhores serviços prestar, mas era já patente, especialmente nos suíços, que só então haviam adquirido algum conhecimento de tais trabalhos, o cansaço e o enervamento produzidos por uma labuta, tão cheia de emoções.

Resolvemos então fazer pouso, bem a cavaleiro de uma cachoeira, que nos forçara a descarregar tôdas as embarcações e fazer o transporte das cargas, por terra, numa extensão de 200 m aproximados.

No dia seguinte, 18, com efeito, as primeiras duas horas de serviço foram consumidas em ultrapassá-la.

Atingiu aí ao máximo o quebrantamento de ânimo do pessoal Hintermann.

Apesar das boas disposições dos nossos canoeiros, o desânimo e o mau humor dessa gente era tal, que não sabemos o que seria dela se existissem pela frente algumas dezenas mais de cachoeiras!...

Felizmente, as quatro derradeiras nos estavam nesse dia reservadas, sendo que a última, única das quatro que nos deu algum

trabalho, foi vencida no fim da jornada. Duas outras que encontramos depois, são tão diminutas que desaparecem, por certo, no tempo das águas.

As ariranhas e lontras que já vinham sendo observadas, tornaram-se mais numerosas.

Tivemos ainda a contribuição de dois ribeirões e alguns pequenos córregos.

Já nos vinha trazendo cuidado a situação criada pelo atraso ocorrido no reconhecimento da barra do riacho Fundo, só realizado a 14 de agosto. E' que, justamente nesse dia, se esgotava o prazo por nós prefixado para o encontro com os expedicionários do Jatobá, aos quais já estávamos devendo socorro.

A advertência que isso nos trazia, do tempo que seria gasto ainda para atingirmos a confluência daquele rio e ademais, o tempo que iríamos perder com a variação dos trechos encachoeirados, possivelmente existentes, bem como o receio que tínhamos de ser apanhados pelas águas, na subida do Culuêne e Culisêvu, onde havia trabalhos fotográficos a fazer, indispuzêram-nos, com grande pesar, a dedicar mais dias com variantes ao Steinen.

Apertámos, portanto, a 19, a nossa marcha em demanda do Jatobá.

Livres agora de tôdas as cachoeiras, obtivemos nesse dia um rendimento quase de 30 km com 106 estações apenas. Uma tosca montaria de casca de jatobá, muito velha, e abandonada junto à margem direita, deu-nos, à tarde, o primeiro sinal de índios. Na marcha do dia 20 é que foram encontradas as duas cachoeirinhas acima referidas, e que, como dissemos, nenhum estôrvo nos causaram. Uma delas, assinala a foz de um belo riacho, afluente ainda da margem direita. Para êste pequeno rio ocorreu-nos o nome do agrimensor Santiago, nosso dedicado e operoso companheiro, que, com tanto entusiasmo e proveito, chefiou a expedição do Jatobá. A 700 m da barra, fomos colhêr os elementos para a avaliação de sua descarga.

Por várias vêzes nêssê dia tocámos em barrancas cujas alturas asçendiam a 10 e 12 metros, revestidas de cerrado e campo. A temperatura continuava baixa : 7.º,9 pela manhã.

Por 28 e meio quilômetros orçou a nossa marcha de 21. Tendo o rio se despido das cachoeiras, passou a oferecer-nos com mais

assiduidade bôcas de grandes e pequenas baías, muitas delas provenientes de trechos de leito abandonados. Em algumas existiam velhos tapumes feitos pelos índios, para as suas pescarias.

A nossa ansiedade pela sorte que teriam tido os companheiros do Jatobá, não era pequena. Crescia em nós a absorvente preocupação de atingir a barra daquele rio.

Pouco mais de 29 km foi o nosso avanço de 22. Começaram a aparecer os tuiuius, cabeça-sêcas e garças e, a cada instante, passávamos por bôcas de baías.

Reservou-nos o dia 23, finalmente, o grato acontecimento do encontro, após um mês e nove dias, com a turma exploradora do Jatobá.

O tiro que demos em uma jacutinga, no início do serviço, anunciou a nossa presença àqueles companheiros, que, ao nosso encontro, já vinham com o terceiro dia de marcha, Ronuro acima.

A deliberação de subirem o rio só foi tomada depois de aguardarem oito dias a nossa chegada na foz do Jatobá.

A salva que deram em resposta foi imediatamente correspondida por outra dos vanguardeiros, que os pressentiram logo, embora ainda não os tivessem visto, devido às curvas do rio. Seguiram-se outras salvas, em estrepitante troca de afetos. Em alguns miuutos mais estavam todos reunidos.

Depois de curta parada em que o Sr. Santiago nos fez ligeiro apanhado de seus trabalhos, prosseguimos a viagem.

Eram 17 horas quando, concluídos 29 km, encostámos as nove canoas à margem esquerda e fizemos o acampamento.

O levantamento do Jatobá correrá na melhor ordem e cordialidade, sem acidentes dignos de nota e sem moléstias. Todos estavam bem dispostos, apesar dos 16 dias que passaram exclusivamente a peixe, mel e alguma caça.

Os gêneros de que se haviam abastecido, estavam esgotados, desde o dia 8, em que tiveram puro churrasco de capivara para comer.

Com algumas amostras de pedra, judiciosamente colhidas ao longo do rio, fez-nos o Sr. Santiago entrega de três cadernetas, contendo 347 km de levantamento por água e 32 km por terra. Aquêlê foi encetado a 21 de julho, na confluência do Bugio com

o Jatobá, e terminado a 13 de agosto, na barra dêsse com o Ronuro, o outro foi começado a 14 de julho, no córrego Fundo, e concluído ao meio dia de 16, no pôrto de embarque. Em quatro dias e meio construíram aí a sua flotilha de três canoas de casca de jatobá.

Foram, pois, consumidos 23 dias com o levantamento do rio a telêmetro.

Far-se-á uma idéia da presteza com que tal serviço foi executado, sabendo-se que o explorador Hermann Meyer precisou de igual número de dias para percorrer" o mesmo rio, ao "sabor da correnteza", conforme sua declaração, contida em artigo que publicou, na Revista Brasileira, tomo XVII, de 1899.

O aspecto geral do Jatobá é em tudo semelhante ao do Ronuro. A princípio corre entre ribanceiras muito apumadas, constituídas de grês vermelho. Em seguida vem um longo trecho encachoirado com a existência, logo no comêço, de um salto de dois metros e meio de altura, havendo de permeiô intervalos de águas mais ou menos tranquilas. Por fim, surgem as baías, denunciando o curso inferior do rio. Tal como o Ronuro, é o cerradão a vegetação predominante, sendo a fauna também a mesma.

Coube ao alemão Schmack matar no Jatobá a única onça encontrada no decurso de tôda a expedição. Era ela de médio tamanho e da variedade pintada.

Às 14 horas do dia 24 acampávamos em frente à barra dêsse rio, de águas, aliás, menos frescas e límpidas que as do Ronuro.

Em sinal de regosijo, pelo feliz successo do levantamento terminado ali, dias antes, pela expedição Santiago, foi o resto do dia dado como folga ao pessoal, sendo o rancho melhorado com doces e café com leite.

Mede a folha dágua do Jatobá 35 m, em sua barra, tendo a do Ronuro, um pouco acima dêsse ponto, 61 m.

No dia seguinte, antes de prosseguirmos na descida, colhemos os dados para a descárga do Ronuro, a 300 m acima do Jatobá. Depois disso, a partida de todos, rio abaixo, foi filmada pelo Capitão Reis. O Sr. Santiago entrou a colaborar conosco em todos os serviços.

Com o concurso do Jatobá, bem mais volumosas se tornaram as águas do Ronuro, repetindo-se mais a miúdo os longos estirões. Multiplicaram-se também as baías.

As barrancas, em geral sílico-argilosas, cobertas de mata fina, foram se abaixando, alcançando em raros pontos uma altura superior a 2 m. A sua profundidade passou a oscilar entre três e quatro metros.

Praias, muito poucas e pequenas.

Caça e pesca não nos faltaram, sendo mais abundante quanto àquela, o mutum-cavalo, a jacutinga e o pato; e quanto a esta, o matrinchã, a piranha, o pacu, o pintado e a pirarâra.

Começamos então, a saborear os deliciosos ovos de tracajá.

Só a 28, conseguimos chegar à barra do Steinen, depois de um levantamento de 122 km, desde a do Jatobá.

E' o mais caudaloso dos afluentes do Ronuro, mas em vez de 200 m encontrados pelo explorador Meyer, não foi além de 90 m a largura que encontramos para a sua fôlha d'água naquele ponto, largura esta que não chegou a 69 m a um quilômetro acima, onde fomos obter as informações para a respectiva descarga, sendo aí a sua profundidade máxima de 4,80 m.

Do Steinen para baixo apresenta o Ronuro um curso verdadeiramente majestoso. A sua largura amplia-se, atingindo muitas vezes a 200 m; as curvas se tornam muito abertas e não são raros os estirões de três e mais quilômetros.

Alem das baías, aparecem, de vez em quando, furos mais ou menos largos, dando lugar à formação de ilhas, algumas de grande tamanho.

A 52 km abaixo do Steinen, encontra-se a foz do Batovi, que fica próximamente a um quilômetro da confluência do Ronuro com o Culuêne, onde chegámos, finalmente, às 14 horas do dia 30 de agosto, com um total de 618 quilômetros de levantamento, incluídos os das variantes.

Pouco mais de 50 m de largura tem a barra dêsse rio (Tami-tatoala ou Batovi) e tão pouco correm as águas nesse ponto que os vanguardeiros, quando por ela passaram, tomaram-na por uma bôca da baía. Apesar de um curso muito mais longo, o seu volume d'água é manifestamente bem menor que o do Jatobá.

A impressão que se tem, ao chegar à confluência do Ronuro com o Culuêne, é a de que são dois rios igualmente caudalosos. Em seguida a essa junção, corre o Xingu com uns 400 m de largura, talvez.

Poucos sinais de índios, além dos já assinalados, encontrámos, em todo o Ronuro. Do Steinen para baixo, a não serem alguns pesqueiros formados por giraus, armados sôbre as águas paradas de baixios ou em bôcas de baías, donde flecham os tucunarés, as grandes traíras etc., e uma espera para caça, construída sôbre barrancas, nada mais foi visto.

Ao chegarmos nesse dia 30, subimos pouco mais de um quilômetro o Culuêne, fazendo só então o nosso acampamento sôbre a barranca de sua margem direita, defronte de uma ampla e comprida praia, onde os nossos canoieiros conseguiram uma abundante colheita de ovos de tracajás.

Obtivemos aí os elementos para a descarga do rio.

O dia 31 foi de parada, pois estava destinado ao estudo das descargas do Ronuro e do Batovi, bem como ao preparo de novos remos e zingas para a subida que íamos iniciar.

As primeira horas da manhã atravessámos o rio e num mastro, prèviamente fincado na praia fronteira, hasteámos a bandeira nacional. Esta cerimônia, a que assistiram os nossos companheiros suíços, foi filmada e fotografada.

Voltámos ao acampamento, onde homenageámos a conclusão dos trabalhos topográficos, servindo-nos de farto almoço, verdadeiro banquete, cujo cardápio constava de várias caças, peixes, doces, chá, café com leite etc.

Terminada a refeição, já nos íamos aprestando para os trabalhos finais do Ronuro e Batovi, quando surgiu-nos, a uns 300 m, vindo de cima, pelo Culuêne, uma canoa tripulada por três índios, aoproando para a praia fronteira, por nós abandonada.

Eram índios, com certeza caçadores, que andavam em busca de ovos de tracajás que tanto apreciavam.

O nosso acampamento, feito para dentro de uma barranca apumada e coberta de mata, ficava completamente oculto às vistas de quem quer que fôsse, subisse ou descesse o rio. Foi por isto, que, desprevenidos, tanto se aproximaram de nós, aqueles filhos da floresta, sem, de longe, suspeitarem da surprêsa que lhes estava reservada, por mero acaso.

Recomendámos, imediatamente, o maior silêncio e que todos se conservassem ocultos, enquanto, que, acompanhados do baicairi

Marcelino, descemos da barranca para a estreita prainha em que estavam atracadas as nossas canoas, e daí nos anunciámos.

Aos nossos primeiros gritos, estacaram os índios e puzeram-se de pé na sua pequenina montaria. Pudemos, então, verificar que se tratava de jovens, pela voz fina com que nos respondiam e, ainda mais, por têmos percebido que um dêles, dado o seu pequenino vulto, devia ser, forçosamente, uma criança.

Depois de alguns momentos de indecisão, em que o Marcelino, batendo fortemente no peito, entre outras palavras, gritava que era bacairi, e êles, repetindo o gesto, se diziam camaiurás, saltaram, desarmados, para a praia e encaminharam-se, os três, para de frente do nosso acampamento.

Saltámos, sem perda de tempo, em uma canoa e remámos para a praia.

Quando a canoa encostou em terra e dela saltámos, chegavam também êles ao mesmo ponto, pois, vinham percorrendo a praia e dirigindo os passos justamente para o lugar em que aportáramos.

Abraçámo-los e fizêmo-lhes festa.

Eram dois jovens, um de 15 e outro de 13 anos presumíveis; o terceiro era, de fato, uma criança e do sexo masculino, aparentando contar uns quatro anos de idade.

O mais velho, apesar de, como os demais, mostrar-se muito comovido, era o mais desembaraçado. Batia no peito, dizendo chamar-se *Iolapanam* e ser *camaiurá*; apontava para o seu companheiro chamando-o *Iarauapá* e declarando-o *trumái*; finalmente, à criancinha ensinava-nos chamar-se *Comaçairu*.

Estavam nusinhos e traziam, os dois mais velhos, os cabelos aparados à escovinha, em volta da cabeça, tendo ao alto uma grande tonsura; o menor tinha-os cortados em espiral. Trocadas as apresentações, metêmo-nos com todos êles na canoa e nos dirigimos para o acampamento, onde fomos, por todos, recebidos com incontida curiosidade.

Nem por isto se mostraram muito perturbados os nossos juvenis amigos, com o extraordinário e inesperado acontecimento. Apenas *Comaçairu*, coitadinho, ameaçou, por várias vezes, desatar em pranto.

O Cap. Reis e o Dr. Hintermann tiraram algumas fotografias e filmes desta interessante cena.

Depois de os havermos obsequiado com faquinhas, anzóis, contas, fósforos etc., partimos para os rápidos trabalhos que tínhamos de realizar ali, deixando-os no acampamento, recomendados a um dos nossos camaradas.

Concluídos aqueles serviços, bem como a documentação fotográfica das confluências, do Batovi e do Ronuro-Culuêne, regressámos ao mesmo sítio, onde chegámos às 15 horas.

Não obstante a coincidência de têrmos atingido a barra do Ronuro, na mesma data em que o fizera o famoso explorador Carlos Von den Steinen, não encontrámos, para sua largura mais que 181 m, o que contrasta sobremodo com os 400 metros por êle assinalados em sua conferência, realizada nesta Capital, em 30 de dezembro de 1884, e estampada no Boletim da "Sociedade de Geografia" sob n.º 1 — 1.º Trimestre — 1885. A largura de sua caixa, indo um pouco além da que achámos para a fôlha d'água, demonstra mesmo não haver cabimento para os 400m citados, ainda quando se verifique a enchente máxima, que faz subir o nível das águas a três metros além do que encontrámos.

Quando entrámos no acampamento demos com os infantis caçadores decididos a partir. Era muito razoável que não pudessem conter, por mais tempo, o desejo de darem nossas notícias aos seus maiores. Por isso, resistiram ao insistente convite que lhes fizemos para que ficassem e partissem conosco, ao dia seguinte. Prometeram esperar-nos, com os seus parentes, em um certo ponto do Culuêne, onde só chegariam no dia imediato. Meteram-se na canoinha que os trouxera e que só diferia das nossas por ser mais tosca, devido à falta de boa ferramenta, e partiram, Culuêne acima.

Mostraram-nos, antes, os seus pequenos arcs e flechas, sendo os da criança uma verdadeira miniatura dessas armas.

A impressão que nos deixaram foi das mais agradáveis. Todos três eram dotados de grande simpatia, fortes e muito bem proporcionados. Estavam limpinhos, apenas os dois mais velhos tinham a cabeça pintada com um pouco de urucu. Tinham somente um furinho em cada lóbulo da orelha, sendo o traço mais característico o modo por que cortam os cabelos. Partiram.

Ficámos, para seguir, conforme resolução anterior, no dia 1 de setembro, quando, às 8 horas, após as homenagens ao nosso pavilhão, iniciámos a subida do Culuêne.

Às 10 h. 30 minutos um agitado banzeiro, provocado por forte ventania, forçou-nos a encostar nossas frágeis canoas em uma linda e extensa praia, que nos serviu de abrigo. Ao meio-dia, amainado o vento e acalmado o rio, prosseguimos.

Meia hora depois avistámos fogo sôbre um trecho barrancoso da margem direita. — Naquele ponto, haviam por certo passado a noite os nossos amiguinhos. Era a sua fogueirinha, que se alastrava para o campo. Não tardou, com efeito, que os alcançássemos metidos em sua ubâzinha, sempre subindo.

Ficámos surpresos de ver como vagavam descuidosas três crianças, em uma cásquinha, sôbre o rio imenso, todo orlado de grandes praias, trilhadas constantemente por ferozes onças, cujos rastros observámos por tôda a parte, tendo só por defesa, além da própria argúcia, as suas flechinhas, quase inofensivas para animais tão bravios!

Dê que modo, aliás, poderiam valer-lhes nos pousos, entregues ao pesado sono inerente à sua idade, as flechas pequeninas que nos mostraram ?

Eram 13 h. 30 quando nos reunimos a êles.

Além dos objetos com que foram brindados por nós, havia mais agora, em sua canoa, uma farta provisão de ovos de tracajás e alguns filhotes de marrequinhas, tudo colhido nas praias.

Posto que igualmente caudaloso, têm aspectos bem diversos o Culuêne e o Ronuro. Êste, de águas mais correntes, mais claras e frescas, oferece, entretanto, paisagens menos alegres e graciosas que aquele, pois é paupérrimo de praias, que são sempre pequeninas. apresenta, em geral, o monótono efeito de barrancas, de um a três metros, aprumadas, freqüentemente cortadas por fundos trilhos de antas, que povoam o rio, desde as cabeceiras. O Culuêne, não. E' largo, como o seu irmão, mas em vez de feição carregada, tem-na alegre, iluminada pelo reflexo das grandes praias que se alternam de curva em curva, muito largas e compridas, formadas de areia fina e alva, pouso natural e cobiçado das garças, colhereiros, patos, gaviotas, maçaricos, tuiuius, cabeça-sêcas, anhumas, gaviões etc. etc., servindo também de ninhos imensos, onde vêm desovar os tracajás e onde vão as terríveis onças repousar ou caçar.

As grandes baías são um fâcies peculiar a ambos.

Subimos pois, juntos, o rio, quando, passadas as 15 horas, ao fazermos uma curva, divisámos uma praia da margem direita e,

sôbre suas areias, de pé, quatro vultos escuros de índios, formando singular contraste com a alvura do solo !

Que satisfação tivemos! Eram os donos das crianças que lá estavam. Tínhamos, portanto, garantidas as nossas relações.

Quando distávamos uns 500 metros dêles Iolapanam anunciou-nos como amigos. Êles, porém, tripulavam suas duas canoas, dois em cada uma, e atravessaram o rio para a margem esquerda, onde apenas uma delas, com sua guarnição, aguardou na bôca de uma baía, que chegássemos à praia fronteira, donde haviam saído e para onde nos dirigimos, a conselho de nossos guias. Nesse ponto deveríamos atender às suas decisões.

Com poucas palavras mais de Iolapanam que, como nós, saltou em terra com seus dois companheiros de aventura, resolveram-se os dois índios, a remar para o ponto em que estávamos. Aí os recebemos, sendo apresentados pelo nosso amável introdutor, que, foi-nos indicando a êles como "Capitão".

Eram dois robustos tipos indígenas, particularmente o mais moço, que teria 30 anos e que trazia todo o corpo pintado de preto.

Estavam pescando a flecha e em sua canoa havia enormes traíras, tucunarés e grande quantidade de pacus, matrinchãs e outros peixes miúdos.

Quando os abraçámos, pudemos notar que não era pequena a emoção de que estavam possuídos. Diziam-nos uma porção de coisas, batendo no peito, inclusive que eram camaiurás.

Perguntámos pelo seu *capitão*, de quem tanto falava Iolapanam. Responderam que se achava na outra canoa, metida por cautela, baía a dentro, onde, aguardava os acontecimentos. . .

Afirmámos a vontade de vê-lo e de visitar sua maloca.

Não entenderam bem qual era o nosso desejo, mas nos aceitaram sem relutância, em sua canoa, para onde pulámos, remando então êles para a margem esquerda, fazendo-nos entrar pela baía.

Usavam êles os cabelos, como os dois meninos maiores, ao modo dos franciscanos, e tinham também as orelhas furadas.

Não era grande a baía por onde nos enfiaram; talvez tivesse uns 800 metros de comprimento por 60 de largura.

A meio-caminho deparámos com o nosso cobiçado *capitão*, em sua canoa encostada à margem. Sentado, olhava-nos de frente e

com firmeza. Seu companheiro de canoa, também sentado, ocupava a popa, dando-nos porêem as costas. Assim que nos aproximámos dêle, fomos logo, por advertência dos que nos seguiam, chamando por "*capitão-camaiurá*" e nos anunciando como "*capitão-caraiba*".

O nosso herói, de olhos extraordinariamente cintilantes, cabelos negros e ondeados, compleição robusta e boa altura, exprimia-se do mesmo modo, dizendo-se *capitão* e, apontando para nós, repetia, por interrogação, essa mesma palavra.

Quando as nossas canoas se uniram, não podia ser maior a sua palpitante emoção.

Nesse momento fez-lhe Iolapanam entrega do facão que para êle nós havia pedido.

Depois que o abraçámos e ao seu arisco companheiro, prosseguimos até alcançar o têrmo da baía.

Aí foram as duas canoas dos índiços descarregadas do copioso pêscao que continham, sendo os peixes maiores metidos, pelas guelras, em duas varas, e os menores reunidos em cambadas.

Enquanto os *camarás* (camaradas) como êles próprios chamam aos que não são *capitães*, faziam êste serviço e Iolapanam contava, em poucas palavras, ao chefe, o episódio do primeiro encontro conosco, explicávamos ao nosso companheiro de gradação o projeto que tínhamos de visitar a sua aldeia.

Com certa admiração e contentamento acolheu nosso desejo, fazendo compreender que lá chegaríamos à noitinha e que no dia seguinte voltaria conosco ao nosso acampamento.

Dito isto, indicou-nos o caminho e partimos, tendo antes colocado ao ombro, duas a duas, as pesadas varas de peixe e passado aos meninos seus arcos, flechas, cuias, etc.

Depois de atravessarmos uns 100 metros de mata demos em campo com malhas de cerrado ralo, e, após um percurso, próximamente de uma légua, sempre em terreno chato, rumo francamente sul, chegámos à beira de um buritizal alagado, e aí embarcámos em duas canoas.

O Capitão e o seu parceiro, à frente; os outros dois, os três meninos e nós, atrás. Era um banhado com capim alto, onde fizeram um caminho (*igarapé*, como chamavam), que apenas continha as canoas, uma a uma.

Em seguida a um percurso de pouco menos de um quilômetro, sempre por dentro de buritizal, entrámos em um lago de grandes proporções, todo orlado de buritis, e por êle andámos, margeando o buritizal, talvez uns dois quilômetros, até que, já com o escuro da noite, atingimos o pôrto de desembarque.

Esses dois últimos trechos tinham a direção sudoeste. Trata-se possivelmente da lagoa assinalada, na carta do Dr. P. Vogel, nas proximidades da bôca de baixo do Culisêvu.

O capitão, que marchou sempre à nossa frente, chegara pouco antes de nós ao pôrto e já tinha avisado aos seus da nossa visita, quando puzemos o pé em terra, pois aí nos recebeu, rodeado de alguns rapazes e duma índia, que nos apresentou como sua *cunhã*.

A vozeria que chegava até nós, denotava grande reboliço na maloca, distante apenas uns 80 metros do pôrto.

Nesse pôrto existiam três canoas, sendo duas de casca de jatobá e uma, muito bem acabada, de tronco de madeira, provavelmente do tipo das usadas pelos JURUNA do Xingu, referidos por Von den Steinen, em sua conferência publicada no Boletim da Revista da Sociedade de Geografia n.º 3, de 1888.

Acompanhados pelo capitão e sua mulher fomos introduzidos no acampamento. Assim que aí penetrámos, foi colocado um banquinho perto do lugar em que se achava a família do capitão, o qual convidou-nos a sentar.

Em tôrno de nós fizeram todos uma grande roda, incumbindo-se o Capitão de apresentar-nos à sua gente, inclusive à sua segunda *cunhã* e a dois filhinhos.

Já era noite e apenas as fogueiras dos índios nos permitiam mal e mal que fixássemos fisionomias, objetos etc. Entretanto, pudemos notar a grande estupefação que a todos causava a nossa inesperada presença e reconhecemos, desde logo, que não nos encontrávamos em uma aldeia e, sim, num simples bivaque, armado na proximidade das roças e de onde partiam para as pescarias.

Não havia cobertura de espécie alguma, nem sequer, o menor ranchinho.

As suas rêdes, agrupadas em famílias (cada grupo com seu fojinho e utensílios próprios), estavam, dêsse modo, superpostas, em longas varas, amarradas transversalmente às árvores.

Essa disposição é muito racional, pois permite que sejam estendidas as rês em grande número, num espaço reduzido, ocupando poucos metros quadrados de área.

Fizeram, num momento, um grande moquem, acenderam por baixo várias fogueirinhas e por cima colocaram os peixes que trouxeram das baías do Culuêne. Algumas horas depois estavam êstes assados, prontos para serem comidos.

Depois de uma ligeira sindicancia em que o Capitão apurou não haver bastante massa de mandioca para confecção dos beijús e da farinha que desejava servir-nos, explicou-nos que iria buscá-la em sua roça e regressaria ainda à noite.

Recomendou-nos especialmente a uma de suas mulheres e a um rapaz, partindo em canoa, com mais dois companheiros, pela escuridão da noite, baía em fóra.

Antes, porém, de se ausentar, esteve sentado ao noso lado e nos ofereceu, por duas vezes, trazido em cuiá, por sua mulher, delicioso caum, de duas variedades, uma das quais adocicada, não sabemos se por mel, por sumo de alguma fruta, ou por batata doce.

As pessoas a quem nos recomendou, nos obsequiaram, em sua ausência, com peixe assado, peixe cosido e pilado em panela de barro, tudo servido em pratinhos de beijus, e o rapaz, a quem estávamos entregue, armou uma rêde para o nosso descanso, tendo o cuidado de acender, junto a ela, pequena fogueira, que nos valesse de coberta.

Eram 22 horas quando o sono dominou o acampamento.

Apenas ao nosso lado ficaram dois rapazes, conversando e nos fazendo perguntas; um sentado no banquinho, o outro numa rêde, bem perto da nossa.

Entre meia-noite e uma hora, regressou o capitão com os seus companheiros, todos conduzindo cestos repletos de massas de mandioca, para farinha e beijus. Duas mulheres deram imediatamente começo à preparação de uma e outra coisa, utilizando-se, para isso, de grandes pratos de barro que colocaram no brazeiro, apoiados em tocos.

Com o capitão veio da roça um novo companheiro, que falava muitas palavras portúguêsas: machado, facão, espingarda, bala, camisa etc., algumas delas com muita clareza.

Era um tipo muito falante, vestia uma túnica de pano, muitíssimo velha, talvez de alguma polícia estadual, e trazia uma winchester modelo 73, bastante usada, porém muito bem cuidada.

Fez-nos êste índio insistente pedido de balas, mas negámo-las formalmente, não só a êle como aos demais índios que encontrámos, armados, no Culisêvu e que nos fizeram igual pedido, porque reconhecemos que o seu único destino seria o incentivo às lutas que não raro surgem entre êles, embora nos tenhamos convencido de que entre aquêles índios a intriga é muito mais freqüente que a luta.

Em todo o caso, falávam-nos com terror, dos ataques dos SUIÁ, de quem são inimigos e com os quais queriam brigar, armados de espingarda; mas por outro lado, os MEINACO e os ANAUQUÁ não só temem os SUIÁ, como os próprios CAMAIURÁ, que lhes fazem guerra.

No médio Culisêvu também fomos encontrar, abrigados pelos ANAUQUÁ, um grupinho de TRUMÁI, que eram, segundo ouvimos, os remanescentes do extermínio que lhes moveram os CAMAIURÁ, que os forçaram a emigrar do baixo Culuêne, onde moravam outrora.

Ainda muito cedo, alvorecia apenas, quando várias mulheres, homens e crianças saíram de suas rêdes e foram banhar-se, dirigindo-se depois para as respectivas fogueirinhas, onde se enxugavam ao calor das chamas.

Vimos no acampamento quatro machados e outros tantos facões, já curtinhos de tanto uso. Possuíam também dois cães e um belo galo, todos muito tratados, além de aves da zona e alguns bentevis domesticados.

Eram em número de 39 os nossos hospitaleiros amigos : 12 homens, 14 mulheres, 4 meninos e 9 crianças. Todos fortes, muito simpáticos e alegres. Os homens, cabelos aparados em fôrma de coroa, lóbulos das orelhas furados, cordão na cintura e nos braços. As mulheres, cabelos compridos, trazendo, sem exceção, um cordão à cintura, ao qual se liga, pela base, na frente do corpo, um triângulo de palha de três a quatro centímetros de lado e de cujo vértice inferior parte outro cordão, muito curto, que, passando por entre as pernas, vai sair no "coccyx".

Às 6 h. 30 partimos, sendo acompanhados pelo capitão, uma de suas mulheres e mais cinco índios, que conduziram em cestos o bom suprimento de beijus e farinha, fabricados à noite para nós.

Quando íamos entrando no igarapê aproximou-se de nós, procedentes de outro ponto da lagoa, uma canoa, conduzindo três índios mais, que, provavelmente, avisados pelo capitão, quando, à noite seguia para a roça, vieram ao nosso encontro, movidos por curiosidade. Feitas as apresentações, seguiram êstes também até o nosso acampamento, onde chegámos todos às nove horas e pouco.

Foi geral ali o regosijo, ao saberem do belo acolhimento que nos dispensaram os velhos amigos camaiurás.

O Cap. Reis e o Dr. Hintermann aproveitaram para fotografá-los, obtendo o Cap. Reis fichas antropométricas de alguns dêles. Depois da distribuição de brindes a êsses bons amigos e de pagarmos com machados e facões o presente que nos deram de dois arcos, flechas, uma touca de penas (*tonor*) e uma rêde (*inin*), fizemos aos índios as nossas despedidas e partimos, às 11 horas, levando porém conosco o capitão e mais dois companheiros.

Havíamos andado duas horas, quando o capitão, indicando uma bôca de baía, situada na margem esquerda e quase obstruída de todo, por ela se meteu e nos fez sinal para que o seguíssemos. Pensámos tratar-se da barra inferior do Culisêvu, que nos quizesse ensinar, e por aquele desfiladeiro fizemos entrar a nossa esquadrilha, unidade por unidade, achando-nos logo dentro de uma limpa e plácida baía de 60 metros de largura, cujas barrancas davam, de fato, a impressão de navegarmos em leito abandonado de rio.

Remámos séria e desembaraçadamente, durante uma hora, por aquele canal, quando, com surpresa, em vez de desembocar, como nos parecerá, na lagoa onde havíamos passado a noite, percebemos, o chamado do nosso capitão e dos dois companheiros que se tinham com êle adiantado, reunidos agora, em um pôrto, a um grupo de camaiurás.

Encostámos as canoas. Eram 14 homens e uma mulher que avisados também pelo capitão, da nossa passagem, com êles combinaram aquele encontro, para negociar conosco os seus beijus e farinha. E foi esta a única razão de nos ter o capitão introduzido na baía, pois, quando quizemos por ela prosseguir, êle nos disse que, para entrarmos no Culisêvu, teríamos que ganhar nôvamente o Culuêne e subir.

Além do prazer das novas relações, proporcionou-nos aquela turma de índios um acontecimento inesperado e bem interessante. Entre êles havia um tipo originalíssimo de UAURÁ, com os caracte-

terísticos de Suiá : lábio inferior esquisita e monstruosamente lacerado e aí embutido um disco de madeira leve, de um centímetro de espessura e seis a oito de diâmetro, pintado com cores vivas. Os cabelos, da testa até o alto da abóbada craniana, aparados rente e, dêsse ponto em diante, compridos como os de mulher e caídos sobre as costas. As orelhas também, extravagantemente desfiguradas, não sabemos se para adaptação de outros batoques de madeira, possuíam grandes rombos, feitos com sacrificio de parte dos lóbulos e dos tecidos cartilaginosos da região inferior do pavilhão.

Pelo que pudemos depreender da explicação dos camaiurás, julgamos ter sido êsse infeliz Uaurá, assim transfigurado em Suiá, capturado ainda criança, em alguma luta dos Suiá com a gente de sua tribo, por êles assimilado aos seus costumes, e, mais tarde, em outras lutas dos Suiá com os Camaiurá, tomado por êstes, que o guardam com grande ufanía, pois, durante todo o tempo em que o vimos, conservava-se guardado de perto por um camaiurá.

Foram todos filmados e fotografados, especialmente — o "Uaurá-Suiá".

Findo o nosso comércio, despedimo-nos, retomámos o Culuvéne, que continuamos a subir até às 17 horas, sempre acompanhado pelo capitão e seus dois "camarás", que conosco acamparam ainda nessa noite.

No dia seguinte, 3, eram 7 horas, quando levantámos acampamento. Depois de três e meia horas de subida, o capitão camaiurá pediu-nos que parássemos em uma praia e, apontando para uma baía existente na margem esquerda, disse-nos que iria por ela visitar os Ualapití e depois voltaria para a sua aldeia, afim de dar comêço ao plantio de "manioca".

Por êste motivo, não podia seguir conosco até o Pôsto Bacairi, conforme insistentemente lhe havíamos pedido.

Antes do último adeus, e na mais expressiva das mímicas, indicou-nos, em amplos gestos e contando nos dedos, quantas voltas teríamos que dar com o rio sinuoso, para atingir o Culisêvu, e apontando para a posição que teria o sol ao chegarmos àquele ponto, indicava a hora em que isso se daria.

Distribuimos mais um machado a cada um dos três índios; abraçamo-nos longa e afetuosamente e cada grupo seguiu, finalmente, em direções opostas, acenando adeuses até perder de vista.

As 15 horas, estávamos de pouso na barranca do Culisêvu, um pouco acima de sua barra, tendo-se verificado exatamente as informações que nos dera o prestimoso capitão camaiurá.

Ao entrarmos nesse rio, os bacairis, que tomaram parte na expedição Culuêne, reconheceram a praia em que fizera o Capitão Noronha o seu último bivaque nesse rio.

Eram 6 e meia da manhã de 4, quando, antes de sairmos dêsse pouso, recebemos a visita, de dois belos casais de camaiurás que tiveram, certamente, notícias nossas, pelo capitão.

Levavam-nos farinha e beijus, sendo os homens chamados *Abai* e *Aricaúá* e as mulheres, *Avaironam* e *Tainape*.

A estas obsequiámos com missangas e, à vista da insistência como que pediam tesouras, demos de presente a única que possuíamos. Aos homens foram distribuídos anzóis e ferramentas.

Às sete e meia partiram êles, rumo de sua aldeia, retomando nós a nossa rota rio-acima.

Dos formadores do Xingu, acreditamos ser o Culisêvu o rio predileto dos índios de tôda a região. Habitam as suas margens pelo menos os UALAPITÍ, AUÊTI, MEINACO, UAURÁ, ANAUQUÁ e TRUMÁI, em cujas aldeias, excetuada a dos primeiros, estivemos em visita.

Quem sobe as suas águas, sente logo como é palpitante ali a vida.

Além dos encontros que se vão tendo com os naturais que o cruzam a cada momento, vindos de baixo, vindos de cima e das margens, vêm-se, por tôda a parte, varas fincadas nas barrancas, indicando o caminho para alguma moradia; flechas velhas espetadas nas praias; canoas imprestáveis abandonadas; *chiquiros* armados nas bôcas de igarapés, igapós, baías, etc.

Serve aos índios não só de importante artéria como de copiosa fonte de abastecimento.

Fruíamos o habitual descanso do meio-dia, quando uma de nossas canoas que se havia atrasado, chegava, trazendo como proeiro, de zinga em punho, um velho índio Ualapití. Estava êle num ponto da ribanceira quando viu a canoa. Chamou-a, pediu passagem e veio ver-nos. Era o nosso bom amigo *Djacauana*.

Da palestra que tivemos com êle depreendemos que já estava no Pôsto Bacairí, em busca de brindes.

Antes de prosseguirmos, apareceu-nos uma montaria, vinda de cima e tripulada por três índios. Retrocederam, acompanhando-nos até ao pouso, que foi feito depois das 16 horas.

Mal se tinha acampado, outra canoa chegou ao nosso pôrto, conduzindo mais quatro amigos que também conosco passaram a noite.

Quase todos êstes índios já tinham estado no Pôsto. Falavam no *Capitão Grande Rondon* e no *Capitão Noronha*. Pediam machado, facão, enxada, tesoura, roupa e "cruzero" (missanga).

Infelizmente não lhes pudemos oferecer senão contas, anzóis e algumas miudezas mais, pois deixáramos no Pôsto quase tudo o que lhes era destinado e já tínhamos a ferramenta reduzida a pouco mais do indispensável para as nossas necessidades.

Explicámos-lhes tudo isso e os convidámos a que seguissem conosco até o Pôsto, onde seriam todos satisfeitos no que pediam.

Chamavam-se êles : Anaaú, Anacoagá, Calioá, Caratê, Eua-mendoim, Agenomam e o menino Djai . Os cinco primeiros são Auêtis, o penúltimo Meináco, e o último, Ualapití. Todos moços e de compleição robusta. Usavam, sem distinção, cabelos à camaiurá, ligas nos braços e pernas, bem como o cordão na cintura.

Às primeiras horas da manhã de cinco, deixámos o bivaque, acompanhados pelos oito amigos.

Havíamos andado uma hora quando dois dêles galgaram a barranca esquerda e meteram-se pelo inato. Iam levar aos seus parentes, por algum atalho favorável, a notícia da nossa passagem.

Efetivamente, quase duas horas depois, aproximámo-nos de um pôrto da margem esquerda, junto à barra de um córrego, onde já êles se achavam, reunidos a outros Auêti, dentre os quais um, que se anunciava, como sendo o *Capitão Taiupála*, fazia sinal para que atracássemos.

A êsse tempo já tínhamos a esquadriha engrossada com mais uma ubá, que encontrámos descendo o rio, guarnecida por dois pescadores auêtis, os quais resolveram acompanhar-nos também.

O Capitão Taiupála, usando gorro de couro de jaguatirica e cinturão caraiba de couro curtido, certamente obtido no Pôsto, dirigiu-se a nós com desembaraço, oferecendo beijus e farinha que levava para comércio.

Depois de curta palestra, mostrámos-lhe o nosso desejo de visitar sua aldeia (*japopé*) dizendo-lhe que iriam conosco o Capitão Reis, o Dr. Hintermann e o Miguel. Feito o entendimento entre eles e os seus e vencidas as naturais resistências, resolveram todos concordar, indicando-nos o caminho (*mé*) a seguir. Para que não se arrecessem dos nossos propósitos, passámos nossa arma ao Cap. Taiupála que a collocou ao ombro, com muita satisfação, prontificando-se um dos seus rapazes a ajudar o Miguel a carregar os petrechos fotográficos.

Depois de andarmos mais ou menos uma légua, por bom caminho, quase todo em campo e em terreno plano, rumo noroeste, chegámos à aldeia.

Fica ela situada em cerrado ralo, rodeada de mata fina, e da estrada por onde entrámos é percebida à distância de um quilômetro, ponto donde o caminho segue uma reta perfeita, como se fôsse balizada.

Antes disso, atravessámos duas roças amplas, caprichosamente feitas, em que acabavam de plantar mandioca.

Estavam ambas defendidas, em todo o seu perímetro, contra porcos e outros animais da floresta, por bem construídas cêrcas, feitas de varas de boa grossura, convenientemente escolhidas e deitadas horizontalmente umas sobre outras, encaixadas em fortes moirões.

Tínhamos ante nós a magnífica prova do bom emprêgo que davam aos recursos fornecidos pelo Serviço de Proteção aos Índios, cuja assistência se havia estendido evidentemente até ali.

Todo aquêlê serviço só podia ser conseguido, com o uso dos machados, facões e enxadas fornecidos anteriormente pelo Posto Bacairi.

Ao nos aproximarmos da aldeia, o Cap. Taiupála, que se tinha adiantado sobre nós, ia pronunciando em voz alta, palavras anunciadoras da nossa visita, para que não colhêssemos de surpresa os seus desprevenidos moradores.

Quando demos entrada no recinto, partiu de uma das casas, com passo firme, o elegante índio Cap. Avaiatú, de banquinho em punho, em direção à sala, de visitas (pequena cobertura de palha existente no meio do pátio), para onde indicou que nos dirigissemos.

Entrámos ao mesmo tempo que êle no ranchinho. Trocámos os cumprimentos; e a seu convite, sentámo-nos no banquinho que puzera no chão.

Em pouco tempo estávamos cercados por algumas dezenas de atônitos auêtis, de tôdas as idades e de ambos os sexos. Os presentes não se fizeram esperar, e quando os nossos companheiros foram chegando, já nos encontraram rodeados de cuias com cauim de tôda a espécie e beijos a granel.

Depois de fazermos pequena refeição e de têmos tomado maior intimidade, o Cap. Reis quiz dar comêço aos seus trabalhos. Apesar; porém, das explicações prèviamente dadas e de lhes ter êle mostrado a inocuidade da máquina fotogràfica, houve um movimento de espanto e de constrangimento, sobretudo no início das operações, tendo mesmo muitas mulheres, quase tôdas as crianças e alguns meninos entrado precipitadamente para os seus ranchos, de onde não mais saíram. Em pouco tempo, porém, os ânimos ficaram calmos e o Cap. Reis obteve a documentação essencial, filmando o conjunto da aldeia e tirando várias vistas e retratos.

É muito pitoresco o aspecto dessa aldeia dos Auêti. A área edificada é ampla e cuidadosamente limpa. Nela estão dispostos, espaçadamente, em círculo mais ou menos de 50 m de raio, seis bem acabados e confortáveis ranchos, de cobertura abaulada e de fôrma elíptica. Em cada um se abrigam, com seus utensílios, armas, enfeites e comedorias, que guardam sôbre jiraus ou conservam penduradas, diversas famílias sob as ordens, talvez, de algum capitão. Ao lado ou nos fundos de cada rancho, existe também um grande jirau, onde secam ao sol as massas que fabricam.

Êsses índios pediam, com grande empenho : machados, facões, enxadas, tesouras, agulhas, anzóis, contas e roupas. Um velho capitão que trazia ao colo uma criança, de cujo pescoço pendia a medallinha do S. P. I., insistia para que lhe déssemos balas para a sua winchester.

Não satisfizemos o seu pedido, mas o convidámos, como aos demais capitães, a seguir-nos até o Pôsto, onde teriam muita ferramenta útil e outras coisas de que tanto precisavam. Entretanto, como seus representantes, só seguiram conosco os Capitães Taiupála e Avaiatú, dizendo o Cap. Tanacú que não era possível se ausentarem todos.

Terminada a visita, fizemos as nossas despedidas, pondo-nos em marcha para o nosso pôrto, guiados por diversos índios, homens e mulheres, carregados de beijus para trocarmos por miudezas.

Pelo caminho iam êles nos mostrando as *temirête* (mangabas) *betiá* (piqui), *matiêpe* (jatobá) e outras frutas das mais delicadas, dizendo sempre que essas frutas pertenciam às "muiês".

E' interessante saber-se, a êste propósito, que os índios das cabeças do Xingu são notavelmente carinhosos com suas mulheres.

Não só as melhores frutas são para elas reservadas, como não lhes dão a comer senão tucunarês, pacús, matrinchãs e outros peixes delicados, ficando para os homens na falta de outros, a piranha, a pirarára, os jaús e outros peixes menos finos.

De regresso ao pôrto de embarque, encontrámos, em palestra com a nossa gente, mais um grupo de meinacos e um casal de Anauquá, chegados todos em duas canoas. Repartimos aí, com os nossos gentis cicerones, missangas, agulhas e anzóis:

Eram quase 15 horas quando a esquadilha prosseguiu, em demanda do pôrto dos meinacos.

Iam conosco, não só os oito amigos que a nós se incorporaram desde a véspera, como as duas canoas, chegadas de cima, pouco antes, e os Capitães Taiupála e Avaiatú.

Êstes dois chefes, ou porque não comprehendessem bem a nossa explicação, ou por não disporem de canoa no momento e confiarem demais em nossos recursos, constituíram-se em tudo e por tudo, nossos hóspedes, embarcando o Cap. Taiupála na nossa canoa e o Cap. Avaiatú no batelãozinho. Nem ao menos se muniram de suas *inins* (rêdes).

Às 17 horas encostámos as canoas e organizámos o bivaque.

No dia seis viajámos das sete às 16 horas, com uma pausa apenas de hora e meia, para descanso.

Os índios todos que, na véspera, nos vinham seguindo em suas canoas, tinham-se deixado ficar no bivaque, pela manhã desse dia.

Só estavam em nossa companhia os dois capitães, nossos hóspedes: mas, em compensação, quando já preparávamos à tarde o novo acampamento, fomos surpreendidos por três canoas que desciam o rio e que buscaram o nosso pôrto.

Estavam tripuladas por 13 pessoas, sendo quatro homens, três mulheres e seis crianças. Eram todos índios UAURÁ, exceto um dos rapazes que era MEINÁCO. Estavam pescando e iam pousar mais embaixo, mas à vista do extraordinário encontro, resolveram passar a noite conosco e nos acompanhar na subida.

Nesse grupo de índios encontramos o segundo UAURÁ, de nome Acuité, com o característico batoque dos Suiá. As orelhas foram-lhe, entretanto, poupadas, e trazia os cabelos à moda dos seus, com a respectiva tonsura.

Já se teria certamente aliviado também do disco de madeira, se não fôsse o incômodo e a repugnância que faria, ao retirá-lo, o lábio caído sobre o queixo.

Podemos dizer que a viagem dêsse dia correu quase toda em território meináco, tendo-nos chamado a atenção para êste fato o Cap. Taiupála, que nos indicara o ponto em que se limitam as terras da sua tribo e as de seus vizinhos, bem como a boca de uma baía por onde êstes últimos fazem entrar suas canoas, para alcançarem a aldeia.

Passámos o dia 7 de setembro entre os alegres MEINÁCO, que nos cumularam de gentilezas.

Ao seu pôrto, que fica na margem esquerda, chegámos às 10 h. e 30m, depois de quatro horas seguidas de subida, acompanhados pelos MEINÁCO: Capitão Menã e um irmão que estavam descendo o rio em uma canoa, quando nos encontraram, resolvendo retroceder.

Fomos recebidos por numeroso grupo de homens, mulheres e crianças.

Pouca foi a nossa demora nos cumprimentos.

Aquiesceram logo a que visitássemos sua aldeia e nos conduziram primeiro a uma roça que dista pouco mais de um quilômetro do pôrto. Aí nos fizeram sentar, nos servindo de frescos e saborosos beijus.

Nada menos de 50 pessoas se achavam nesse sítio (onde existem dois ranchos de construção aligeirada), ocupadas com a metamorfose da mandioca. Havia sobre jiraus e pelo chão grandes montes de massa, expostos ao sol, em esteiras, balaios, etc.

Como capitão, nos apresentaram os meinacos, com particular atenção, o esbelto e muito vivo menino Camalupé, de uns 14 anos, filho de um valoroso capitão, já falecido.

Dêse ponto, prossequimos, com grande sêquito, para a aldeia, onde entrámos apôs um percurso de quase duas léguas, ora em mata, ora em campo e cerrado, por ótimos caminhos.

Mais que no trajeto para a aldeia dos Auêti, são aí freqüentes as encruzilhadas.

Os índios explicavam, a todo momento, onde iam ter os diversos caminhos que, segundo pudemos perceber, se dirigiam todos para as suas roças, lagoas, portos do rio e outras aldeias suas e dos seus vizinhos.

Encontrámos em todo o percurso, grupos de Meináco e Uaurá, homens e mulheres, que iam e vinham e atravessámos três roças, fechadas como as do Auêti.

Na aldeia, em tudo semelhante à dêstes últimos, acolheram-nos também, na sala de visitas, com as mesmas demonstrações de alegria. Obsequiaram-nos com peixe assado, beijos, farinha, e deixaram-se fotografar e filmar, sem as esquivanças de seus vizinhos.

Fizeram-nos os mesmos pedidos que os anteriores, insistindo sobretudo por ferramentas, pois as poucas que conservavam já estavam demasiado gastas. Prometemos satisfazê-los, uma vez que nos acompanhassem. Alguns capitães se dispuzeram a isso, declarando-nos que iriam preparar o farnel para a viagem e que nos alcançariam em caminho.

Caía à noite, quando regressámos ao acampamento, tendo visto, seguramente, umas duzentas pessoas entre meinacos e uaurás.

Os MEINÁCOS são índios particularmente joviais. Pedem que se cante e assobie e, pelo caminho, quando nos guiavam para a aldeia, cantavam os seguintes versos, acompanhados de plangente melodia, como se segue :



Alguns dêles trajavam peças de roupa obtidas no Pôsto e entre êles havia um, de nome Titiapálo, que se distinguia dos demais pelo grande número de palavras portuguesas que falava. Êste fez muita questão que ficássemos conhecendo sua mulher e sua mãe, às quais nos apresentou, dentro da aldeia dizendo : "mãe meu, muié meu".

Como os das outras tribos já visitadas, são êstes índios de aparência muito agradável, sadios, bem nutridos, de porte mediano, havendo entretanto, entre êles, o Cap. Uachanáco e uma filha, moça, ambos de extraordinária estatura. Quanto ao cabelo e ao cordão usado pelas mulheres, a moda é a mesma.

Pode avaliar-se a perfeição com que fazem a sua cerâmica, examinando a pequena vasilha de barro que dêles obtivemos, com a representação grotesca de um jacaré. Dão-lhe o nome de *maculatêm* e servem-se dêsse gênero de utensílio como de prato, cuia ou tijela, para tomar as refeições.

Conseguimos também dêstes índios uma amostra do sal que usam e que é extraído do aguapé que colhem nas lagoas, secam ao sol e reduzem a cinzas, pelo fogo. Fervida depois a cinza em água, decantam a parte insolúvel, que sobrenada e, obtido o ponto conveniente, completam a secagem ao sol.

Quando chegámos de volta ao nosso acampamento, já lá não estavam os UAURÁ, que nos iam acompanhando. Subiram, para esperarem no seu pôrto a nossa passagem.

Na manhã de 8, à hora em que de novo, prosseguimos, achava-se o pôrto dos MEINÁCO apinhado dêstes nossos amigos, que foram assistir à nossa partida. Em sinal de gratidão pela excelente hospitalidade que nos dispensaram, repartimos com êles missangas, fósforos, anzóis e outros objetos que possuíamos.

Eram 8 h 30 e havíamos viajado apenas duas horas e meia, quando alcançámos o pôrto dos UAURÁ, junto à barra de um pequeno córrego, e, como os outros, situado na margem esquerda. Aí nos aguardavam setenta pessoas, entre homens, mulheres e crianças, que, prevenidas de nossa aproximação, se haviam transportado em rêdes e matula, de sua aldeia, distante duas léguas da barranca do rio!... Havia, de permeio com os UARÁ, alguns TRUMÁI e MEINÁCO.

Ao tocarmos nesse pôrto destacou-se o Cap. Aucatú, de cara alegre, tipo nimamente simpático, e anunciou-se. Encostámos as canoas, desembarcámos e fizemos as nossas apresentações. Possuem, essencialmente, os mesmos sinais exteriores das outras tribos, usando alguns, bonitos colares de conchas, unhas de onça e de outros animais, assim como adornos no orifício das orelhas.

Com muita facilidade concordaram em levar-nos à maloca, tendo logo para lá seguido o Cap. Reis, Dr. Hintermann e o

Miguel, conduzindo o material fotográfico, resolvendo nós, a bem da ordem, por se terem deixado ficar no pôrto as mulheres crianças e alguns homens, fazer primeiro o nosso acampamento um pouco acima e na margem oposta e depois partirmos também para a nossa visita.

Depois de duas horas de marcha, quase acelerada, por magníficos caminhos, acompanhados por alguns guias dos que ficaram no pôrto, chegámos à aldeia, que fica próxima a uma pequena lagoa, no extremo de uma reta de mais de um quilômetro, depois de transpormos três roças extensas, feitas com o mesmo cuidado que as dos meinâcos e auêtis.

Bem menor que as dêstês índios é a maloca dos uaurás. As casas não são ali dispostas em círculo como nas outras e, quando nela penetrámos, fomos introduzidos dirêtamente no rancho do Cap. Avaiautú, onde já se achavam hospedados os nossos três companheiros.

Receberam-nos, muito carinhosamente, como já tinham feito a êles, servindo-nos de peixe moqueado, beijus e cauim.

Estivemos, aí, com o nosso já conhecido Acuité, explicando-nos um velho capitão a sua história.

Disse-nos que quando Acuité era ainda pequeno, tiveram os UAURÁ uma luta com os SUIÁ, resultando dela a morte de muitos e o aprisionamento do menino. Mais tarde houve o ensejo de nova luta, em que os UAURÁ, destroçaram um grupo de SUIÁ, retomaram o filho de sua tribo e capturaram um menino de seis anos e umá mulher que fizeram vir à nossa presença.

Deram-nos a entender o que faziam com a pobre cativa, a qual tapava a cara com as mãos, de vergonha, pois compreendia perfeitamente, pelos gestos que fazia o capitão, o que êle nos estava contando a seu respeito!... Pobre infeliz!

E' bem possível que essas guerras havidas entre SUIÁS e UAURÁS, de que dão testemunho os dois UAURÁ BOTO-CUDOS que encontrámos, fôsem a causa de se terem êstes mudado do baixo Batoví, onde haviam sido assinalados por von den Steinen, para o ponto em que viemos encontrá-los.

Quando as condições de luz permitiram o início dos trabalhos fotográficos, saímos todos da casa do Cap. Auacatú e fomos conduzidos para dentro de um quadrilátero curvilíneo, muito bem

delineado, feito de tocos roliços de madeira, fincados rente ao chão, em cujo centro sentaram-se alguns dêles conosco.

É a sala de visitas, que fica, aliás, bem vizinha de um rancho fechado, por cuja única abertura só se pode entrar de gatinhas e que é destinado a fins especiais. Vimos nessa casa quatro grandes flautas e cordões com guizos para os pés.

Obtidas as fotografias precisas, fizemos distribuição de alguns brindes e repuzêmo-nos em marcha para o nosso bivaque, tendo-nos acompanhado o Cap. Auacatú e outros índios, conduzindo para nós, de presente, cestos com farinha e beijus saborosos. Vários dêles ficaram também de nos alcançar em viagem, a fim de receberem ferramentas e roupas no Pôsto Bacairí.

No caminho para o pôrto, atirámos num veado, imaginando obter com isso bons churrascos para o indefectível beiju, mas qual não foi a decepção quando vimos sua carne repudiada, não só pelos UAURÁ e MEINÁCO como até pelos BACAIRÍ, servindo-se dela só a nossa gente. Pudemos reconhecer, posteriormente, que não comem tão pouco outras caças de couro e que só apreciam o jacu, a jacutinga, o macuco e outras aves.

No pôrto reuniram-se os UAURÁ, que nos acompanharam, aos outros que de lá não saíram, recebendo todos aí as nossas despedidas.

Em nosso bivaque, onde chegámos às 18 horas, estavam 13 meinácos, que, providos de beijus, farinha e massa, e tripulando quatro canoas, a nós se anexaram. Eram êles os capitães Maiúta, Uí, Iamicu, Camalupé, Cuiacápe, Titiapálo, Aluári, e os "camarás" Aulá, Aracucá, Uanuanumbá, Camalá, Gêquêgê e Capiálá.

Monta possivelmente, a 150 o número de uaurás que encontramos; e devemos aqui frizar que êstes índios excedem aos outros todos em beleza, docilidade, veneração e prestimosidade.

Foi um gôsto vê-los receber-nos a todos como a velhos amigos seus, sem a menor demonstração de espanto, e observar como são especialmente considerados por seus vizinhos, com os quais vivem em perfeita harmonia.

O dia 9 foi todo de viagem. Às 6 h. 30 poz-se em movimento a nossa esquadilha, e, sem que tivéssemos um encontro novo, pudemos marchar, desembaraçadamente até às 17 horas, quando fizemos pouso em pitoresco sítio da margem direita, pre-

parado e mantido pelos ANAUQUÁ, para servir-lhes de acampamento, quando saem para as viagens e pescarias pelo rio. Estávamos, pois, em pleno domínio dos ANAUQUÁ, cujas fronteiras com os UAURÁ nos foram indicadas pelo Cap. Taiupála.

Menos de quatro horas viajámos no dia seguinte, 10. pois, eram 10 horas justamente quando as nossas canoas tocavam no pôrto dos Anauquá, à margem direita.

Segundo informa von den Steinen, é esta a nação mais numerosa do rio Culisêvu, habitando cinco ou seis aldeamentos, dispersos entre êsse rio e o Culuêne. Disso também nos dá notícia o Capitão Noronha, que, em sua recente expedição ao Culuêne, teve ensejo de tratar com muita gente dessa tribo, visitando mais de um aldeamento. Entretanto, em nossa rápida viagem no Culi-sêvu, só foi possível visitarmos a maloca de que é chefe o Capitão Ialôique e onde não vimos mais de 50 pessoas.

Pulámos, os mesmos de sempre, para terra, acompanhados desta vez por alguns meinácos, que nos auxiliaram no transporte do material fotográfico. Ganhámos o caminho que vai ter à maloca; e, para atingi-la, tivemos que andar continuada e rapidamente durante hora e meia, quase que sempre em rumo leste.

Ao atravessarmos um capoeirão que a precede, o meináco Gê-quêgê esfregou as mãos em um pau carbonizado e lambuzou-se de preto, da cabeça aos pés. Ficou uma figura impagável!

Fomos recebidos primeiro por um grupo pequeno de índios TRUMAI que se achavam em três ranchos arruinados, com certeza antiga moradia dos Anauquá, a êles talvez cedidos por empréstimo. Obsequiaram-nos com cuias cheias de chicha, feita com piqui e contaram-nos como foram rechassados, do baixo Culuêne, pelos CAMAIURÁ.

Neste interim apareceu-nos, vindo de sua aldeia, situada a uns 300 metros além, por caminho reto, o enérgico Cap. Ialôique, referido acima, o qual, muito agitado, devido em parte, talvez, à surpresa de nossa inesperada visita, nos fez queixa de que os BACAIRÍ, os MEINÁCOS e os CARAÍBÁ estavam matando a tiro a sua gente.

Não atinámos com o alcance desta denúncia, tão abrupta e perentoriamente feita, pois, nossa gente, os *caraibas*, não frequentam aquelas paragens e os bacairís são amigos seus e de ha muito se mudaram dali para o nosso Pôsto e para outros lugares ainda

mais distantes. Quanto aos meinâcos, seus vizinhos, ali estavam conosco alguns dêles, tranquilamente abraçados com os Anauquá, saboreando os seus beijus e sua deliciosa infusão.

Apesar de tôda a excitação de que estava possuído, pediu-nos que o acompanhássemos até sua aldeia, onde fomos recebidos e muito obsequiados, na clássica sala de visitas.

Essa aldeia é composta apenas de quatro ranchos novos, bem feitos, mas só um de construção concluída. Têm o mesmo formato dos já conhecidos e não são dispostos em círculo.

Nos banquinhos, vindos para nos sentarmos, demos boa palestra com o nosso velho e queixoso amigo, que terminou por fazer-nos entrar em sua casa, onde estavam vários índios, entre os quais sua mulher, criatura muito simpática, de ares dóceis, verdadeiro contraste com a fisionomia, não antipática, mas excessivamente enérgica e irrequieta do marido. Ocupava-se ela em fazer farinha, de que estavam desprovidos, embora não fôsse pequeno o "stock" de massa que notámos, contido em grandes cestos.

Mostrámos ao Cap. Ialôique a necessidade de que tínhamos também de farinha, respondendo-nos êle que as mulheres haviam saído quase tôdas para o mato, assustadas com a nossa inopinada visita, mas que não tardariam a regressar, dando então comêço ao fabrico. A quantidade que fôsse feita, ser-nos-ia levada ao pôrto, para comércio, na manhã seguinte.

Propuzemos a êsses amigos que se incorporassem na nossa turma, para receberem o que nos pediam, mas o Cap. Ialôique respondeu que não podiam fazê-lo porque os auêtis lhes haviam surripiado tôdas as canoas!

Só não se queixaram êsses amigos dos seus vizinhos mais próximos os UAURÁ!... Dois dêles, armados de winchester, obtidas do Cap. Noronha, pelos inestimáveis serviços prestados à expedição Culuêne, fizeram reiterados pedidos de munição de que estavam desprovidos. E' excusado dizer que nem uma bala lhes demos.

Às 13 h. 30 nos despedimos, partindo para o nosso acampamento, que fôra instalado à margem esquerda do rio, em frente ao pôrto dos ANAUQUÁ.

Dêsse ponto despachámos estafetas que, em marcha batida, levariam ao Pôsto a notícia da nossa próxima chegada às cabecei-

ras do Culisêvu, para onde iria a tropa ao nosso encontro. Para isto, os bacairís Afonso, Manoelzinho e Pedrinho escolheram a canoa mais leve e, aproveitando o luar, partiram à noite. A canoa foi aliviada da carga, levando cada tripulante apenas sua rêde, um pouco de matúla, uma arma com munição e anzóis.

Recomendámos ao encarregado do Pôsto que enviasse pela tropa tudo quanto havíamos lá deixado com destino aos índios, pois resolvemos brindá-los no ponto em que terminássemos a subida do Culisêvu, poupando-lhes a fadiga de uma marcha de quase 40 léguas (ida e volta) em terreno de piso duro, formado quase todo de grês, e por campos desabrigados, onde iriam sofrer com o sol e as chuvas prováveis.

Eram precisamente oito horas da manhã de 11, quando se anunciaram no pôrto fronteiro, os ANAUQUÁ e seus aliados, os TRUMÁI, para o comércio combinado. Como eram êstes os últimos índios moradores do Culisêvu, e como não nos podiam acompanhar, por estarem privados de canoas, demos um balanço em nossas cargas, reunindo tudo de que pudéssemos dispor para lhes distribuir, o mesmo fazendo o Dr. Hintermann.

Tôda a ferramenta que levávamos para a construção de canoas de pau, algum vasilhame de cozinha e copa, talheres, anzóis, contas, maços de linha e de agulhas, vários facões e machados pertencentes à tripulação, foi o que demos em troca do seu fornecimento de farinha e de beijus.

Na hora em que partimos, quizeram, muitos dêles nos seguir, inclusive o Cap. Ialôique mas, por falta de praça em nossas canoas, não os pudemos receber. Apenas o Cap. Capuchala, irmão do Capitão Ialôique, conseguiu que os meinâcos o levassem.

Um velho capitão trumái de nome Matinhãma e um rapaz de sua tribo, que madrugaram em nosso acampamento, obtiveram, contudo, que os conduzíssemos em nossas canoas, até uns 500 metros acima, onde saltaram, na margem esquerda, e internaram-se pelo mato, não nos sendo possível apurar se tinham por ali qualquer maloca ou plantação.

Com a partida do Pedrinho no grupo de estafetas, passou a exercer as funções de proeiro da nossa canoa o Cap. Taiupála que vinha até então como nosso passageiro.

Eram 21 horas quando chegou uma canoa ao nosso pôrto, conduzindo mais os seguintes meinácos : Cap. Ianucujá, sua mulher, um filhinho e o "camará" Iapucunam.

À exceção dos trumáís, cujos tipos vistos por nós, são particularmente baixos, todos os demais índios, a começar pelos CAMAIURÁ, são, em geral, de porte mediano e muito bem conformados.

O modo por que cortam os cabelos é idêntico em tôdas as tribos e em tôdas elas trazem as mulheres o mesmo cordão da cintura.

São diversas as línguas, mas é possível que algumas se assemelhem.

Usam rêdes de fibra de buriti, ou de algodão, servindo-se de dois tórns de pau que fincam no chão, para tecê-las. São feitas em geral de cordões separados, porém as há de tecido unido, possuindo estas desenhos diferentes.

A base da alimentação dessas tribos é a mandioca de que fazem massas, que transformam depois em farinha, beijus e aplicam em diversas infusões. Em seguida à mandioca, vem o peixe, que desempenha preponderante papel em sua subsistência. São grandes apreciadores de frutas, mel e muito pouco de caça, parecendo, como dissemos, que só comem certas aves.

Sentem muito prazer em fumar, embora fumem pouco. Fazem para isso enormes cigarros, envolvendo a fôlha sêca do fumo em fôlhas odoríferas, tiradas de uma árvore muito abundante nas margens daqueles rios.

Para atenuar a investida dos piuns e outros insetos, untam-se de urucú, carvão, óleo de piquí e azeite de pirarâra.

As panelas e vasos, que fabricam para o uso, possuem tamanhos, formatos e desenhos os mais variados. Vimos algumas panelas de quase um metro de bôca. Nos vasos de que se servem, á guisa de pratos, é comum o feito de jacaré, tatú, jaboti etc.

Fazem também balaios e cestos de fôrmas e tamanhos diversos, bem como se utilizam de cuias e cabaças, que, para facilitar o transporte, trazem muitas vêzes, em sacos de malha.

O emprêgo da sangria, como meio curativo, para certos incômodos, é freqüente entre êles. Usam para isso um sarjador, feito

de um pedaço de cuia, com o formato de um triângulo isósceles, alongado, em cuja base, de quatro a cinco centímetros, espetam e colam fortemente, uma unida carreira de agudos ossinhos de peixe. Lembremo-nos ainda das insistentes aplicações que fazia o Capitão Capuchála com êste instrumento, sôbre o peito do pé, inflamado por um estrepe.

Apesar do triste episódio dos TRUMÁI e da ocasional inquietação dos ANAUQUÁ, vê-se, pelas imperfeitas notícias que acabamos de dar, colhidas rãpidamente, à nossa fugaz passagem pelo Culuêne e pelo Culisêvu, que as povoações indígenas, que aí se encontram, vivem na maior intimidade, umas com as outras, possuindo, essencialmente, como é natural, os mesmos costumes e tendências. Se é verdade que não falam a mesma língua, não é menos certo que se entendem mütuamente, tanto ãssim que se visitam assiduamente, havendo grande convivência entre elas, pois suas aldeias são franqueadas, umas às outras, por bons e limpos caminhos, absolutamente desprovidos de qualquer defesa.

A ação do S. P. I. a êste respeito seria de grande oportunidade entre elas, consagrando-se a desenvolver-lhes os sentimentos de fraternidade, apagando certos ressentimentos existentes, sobretudo contra os SUIÁ, moradores do alto Xingu.

Por outro lado, é de lamentar que não esteja a Inspetoria de Índios do Estado aparelhada com os indispensáveis elementos para cuidar daquela gente, tão predisposta a adaptar-se à nossa civilização e tão merecedora de amparo e humanitária assistência dos poderes públicos de nossa Pátria.

Bons, inteligentes e laboriosos, como são aquêles aborígenes, quão fácil seria transformar-lhes os costumes primitivos, fornecendo-lhes roupas, ferramentas e utensílios adequados ao aperfeiçoamento de suas indústrias!

Um Pôsto, sucursal do dos BACAIRÍ, estabelecido em ponto convenientemente escolhido, no médio Colisêvu, seria, com certeza, abençoada obra de inestimável proveito, já pelos melhoramentos que viria trazer, para aquela grande lavoura, ampliando-lhe a eficácia, com a introdução de novas sementes de legumes e cereais; já por iniciar aquelas tribos como devêra ser do seu programa — na cultura de cana e de algumas frutas, como a banana, o mamão etc.; já pelo desenvolvimento da produção do algodão e outras fibras e da criação de galinhas, porcos e outros animais; já, finalmente,

fomentando o aperfeiçoamento dos processos de construção de casas e dos hábitos de higiene dessas populações futuras. Iriam elas adquirindo, assim assistidas, melhor aptidão para resistir com vantagem à ação, nem sempre benéfica, dos civilizados, à medida que se aproximassem gradualmente dessa zona as vanguardas da civilização, que já a tem ameaçado, por várias vezes, com digressões em seus domínios, à procura de borracha, poaia, ouro, diamantes etc.

Felizmente, para os índios, não foram achadas as cobiçadas riquezas. Entretanto, dia virá, talvez, em que os objetos de cobiça serão outros : os *bandeirantes* lá irão ter, então, e, fatalmente, como sempre têm feito, perverterão aquela gente, explorando-a em tudo, absolutamente em tudo.

Do pôrto dos ANAUQUÁ até ao desembarque, nas cabeceiras do Culisêvu, gastámos oito dias, quase de incessante luta contra inúmeras corredeiras e cachoeiras, em geral de trabalhosa, mas fácil variação, facilidade esta, devida mormente, à escassez d'água do rio, na época de extrema vasante em que o subimos, bem como aos muitos afluentes que iam deixando para trás.

No dia 12 fomos alcançados pelos UAURÁ, que, em número de 10, viajavam em três canoas. Eram êles os Capitães Auacatú e seu irmão Malúla, êste acompanhado da mulher, Capitães Uossêi, Tauápi, Matibutá, Ianacanutá, a menina Maripatá filha de um dêles e os *camarás* Iacaxuman e Maricauí.

Trinta índios formavam, pois, o nosso séquito e éramos, ao todo, 53 pessoas, em 16 canoas.

O dia 13 foi particularmente assinalado pelo grande número de longas corredeiras e pela passagem por uma tapera dos BACAIRÍ, situada na margem direita, e onde nascera o nosso companheiro de expedição, Marcelino.

No dia 14 transpuzemos ainda corredeiras encachoeiradas, separadas por longos trechos de águas quase tranquilas.

A 15 galgámos, pela manhã, o salto Taunay, formado por um degrau reto, de meio metro de altura por 25 de comprido.

Dêste acidente, para cima, muda o rio de aspecto.

Desaparecem as praias e começam a ver-se barrancas de grês, altas e aprumadas, vincadas a cada momento por leitos de córregos e revestidas de çerrado.

Com a perda sucessiva de tantos afluentes, ia mais e mais se estreitando o alveo do rio, a cada passo mais sinuoso e atravessando

cado de paus. Foi, por isto, de muita luta, sobretudo para o nosso batelão, a viagem dos dias 16 e 17.

Fazendo-se as águas cada vez mais escassas à proporção que se subia, passavam as canoas, nas corredeiras e cachoeiras, ora descarregadas, ora a meia-carga, ora arrastadas com tôda a carga por cima das pedras.

Em todos êstes passos éramos felizmente ajudados, com grande prazer, pelos índios que nos seguiam.

Cenas, em verdade curiosas, ofereciam êsses amigos diariamente, nas pescarias que faziam. Quando se aproximava qualquer corredeira ou cachoeira, saltavam das leves canoas, de arco em punho, e, pulando de pedra em pedra, iam, com extrema perícia e certas flêchadas, catando os ligeiros curimatás, pintados, matrinhãs, piranhas, piabas, etc. que lhes passavam ao alcance.

No dia 18, finalmente, atingimos o têrmo de nossa viagem por água, depois de uma jornada em que tiveram os canoeiros de vencer muita tranqueira, vários tratos encachoeirados, em muitos dos quais apenas filetes d'água corriam por entre as pedras.

Felizmente, mediavam, entre uns e outros, intervalos grandes, de águas calmas, que serviam de descanso aos remadores.

Pròximamente a duas léguas acima do ribeirão do Arame, deixámos o Culisêvu à esquerda e prosseguimos por um afluente, em cuja margem esquerda e na bôca de um córrego, fomos acampar, depois de havermos subido uns três quilômetros.

Ali encontrámos a canoa dos estafetas, que de nós se adiantaram de três dias, e nesse ponto mesmo nos fizeram os culiseven-
ses paciente e boa companhia, durante os cinco dias, bem longos, decorridos à espera da tropa, que só chegou à noitinha de 22.

Durante êsse tempo todo, o problema que esteve em foco foi o da alimentação.

Os recursos levados pelos índios se esgotaram, durante a viagem.

Os nossos, já muito escassos na chegada, e repartidos, embora com poupança, pelas 53 bôcas, extinguiram-se ao fim de dois dias. Não existia peixe no lugar em que fizemos o bivaque e o resultado de uma pescaria ensaiada no Culisêvu, pelo Sr. Santiago, foi quase nulo, mesmo com emprêgo de bombas de dinamite.

Do campo e do cerrado ralo dos arredores, voltavam os nossos caçadores, trazendo somente algum veado, que não servia para os índios; e mesmo estes, nas suas batidas, só encontravam jabotis, que também não apreciam e que deixavam para nós. Felizmente estava ainda quase intata a nossa provisão de dietas, e com elas, eram feitas paneladas de boas papas, que foram servindo de alimento para eles até a chegada da tropa.

Não podia ser muito agradável aos índios a nossa cozinha, mas suportavam, com grande bonômia o inesperado revés, inclusive o Cap. Avaiatú, que nada aceitava, quase, do que lhe dávamos, pretextando estar sua mulher amamentando um filho recém-nascido. Norma diametralmente oposta seguia o seu colega Capitão Taiupála. Este se adaptou inteiramente à nossa mesa.

Excetuadas as caças, aceitava tudo o que comíamos, fôsse ou não salgado, tivesse ou não açúcar.

A única demonstração que davam ao indesejável regime, a que se viam forçados, consistia em mostrar-nos o ventre a miúdo e de modo galhofeiro, imprimindo-lhe então concavidade exagerada.

As chuvas que tivemos durante êsses dias de espera, as primeiras desde a nossa partida de Cuiabá, foram, infelizmente, contrárias à realização dos trabalhos fotográficos que o Capitão Reis havia planejado, para completar os seus estudos antropométricos.

Tivemos, nessa ocasião, os primeiros casos de febre, acudidos logo com sucesso pelo Cap. Reis, que a todos medicou com carinhosos cuidados; sofrendo, entretanto, mais que os outros, o Doutor Hintermann e o seu companheiro Schwarzer.

A chegada da tropa, conduzida pelo arrieiro Domingos, ajudado por alguns bacairís, reanimou tudo no acampamento. Muitos dentre os índios, atônitos, à vista dos animais, que desconheciam por completo, examinavam tudo com minúcia e não se continham de alegria pela certeza dos brindes que ali estavam.

Fizemos a eles farta distribuição de farinha, rapadura e de boas rações de arroz, feijão cozido sem sal, que muito apreciaram.

O dia 23 foi exclusivamente gasto em repartir os brindes.

Depois de se haverem previamente banhado, para limpar o corpo do urucú e outros untos que traziam, formaram, numa fileira, capitães das diversas tribos à direita; as mulheres (uma delas com a criança ao colo) e a menina, sentadas, em frente à formatura.

Começámos por vesti-los de ceroula, calça e camisa, tocando aos capitães um bom chapéu.

Por falta de roupa adequada às mulheres, foram elas vestidas como os homens, pelos seus respectivos maridos, sendo a menina enroupada pelo pai.

Em seguida, demos início à divisão dos brindes, fazendo entrega, a cada um, de um machado, um facão, carretéis de linha, agulhas, anzóis, missangas, fósforos, etc., etc.

A muitos confiámos pacotes com roupas e os mais objetos acima, para entregarem a alguns dos capitães que não puderam seguir-nos, incumbindo-se o Capitão Taiupala e o Capitão Avaiatu de conduzirem a seus vizinhos, os UALAPITÍ, os presentes que lhes eram destinados.

Aproveitando o bom tempo que tivemos nesse dia, conseguiu o Cap. Reis fotografar certas passagens dessa cerimônia.

Nesse mesmo dia dividimos equitativamente, entre os índios, a esquadrilha, que tão inestimáveis serviços nos prestara.

A tôdas aquelas providenciais canoas, excelentemente apropriadas aos trabalhos concernentes a uma expedição; a tôdas elas, bem como aos seus destros manejadores, devemos, sem favor, o fato de ter corrido sem o mínimo acidente, com a menor fadiga e em tempo relativamente curto, a longa viagem que ali terminava.

Na manhã de 24, depois de abraçarmos, já saudosos, cada um dos nossos alegres amigos, com alguns dos quais, na maior união, convivêramos, por mais de meio mês, partimos com destino ao Pôsto Bacairi, alcançando cinco a seis léguas adiante o passo do Batovi, em cuja margem esquerda pousámos.

A 25, bivacámos nas nascentes do Jatobá, depois de uma curta marcha de três léguas, e a 26, tendo viajado mais ou menos cinco léguas, alcançámos o córrego Fundo.

Era chegado o momento de desfazer qualquer dúvida que ainda pudesse haver sobre o traçado verdadeiro desse curso; e para isto destinámos o dia seguinte, 27.

Nesse dia partiu o Sr. Santiago, com mais quatro homens, para proceder ao levantamento do ribeirão Pomba, desde as cabeceiras até a sua barra com o Morroso, enquanto recolhiam-se ao Pôsto Bacairi, o Cap. Reis, o Dr. Hintermann, o grosso da tropa e o pessoal restante.

Devido à natureza do terreno e da vegetação, não conseguimos nós ir além de quatorze quilômetros, no levantamento do córrego Fundo; o que bastou, entretanto, para nos convenceremos do desacerto da nossa primitiva inclinação, ao tomarmos por êle, aquêlê outro a que depois apelidámos de *Córrego da Anta*.

Liquidada assim a questão do córrego Fundo, temos como de justiça indicar o nome do Cap. Noronha para o riacho que tem aquêlê córrego como origem principal, isto pelos assinalados serviços prestados por aquêlê operoso oficial, em prol, não só do melhor conhecimento das cabeceiras do Xingú, como dos índios seus habitantes.

Ao meio-dia de 28 chegámos, finalmente, ao Pôsto, onde fomos recebidos, como da primeira vez, com as melhores demonstrações de amizade por parte dos seus bons residentes; o mesmo acontecendo ao Sr. Santiago, que lá chegou no dia imediato, 29, tendo feito o levantamento completo do Pomba, numa extensão de quase 16 quilômetros.

Ficavam assim concluídos todos os serviços de levantamento, a cargo da expedição.

Apesar das condições de tempo, nem sempre favoráveis aos serviços fotográficos, conseguiu o Cap. Reis obter mil e muitos metros de filme e cêrca de 400 clichês; trabalhos êstes, proficientemente executados, que completarão e ilustrarão com vantagem muitas das informações colhidas, no rápido percurso que fizemos, não só quanto à natureza, como ao homem que nele avistámos.

Dos trabalhos prometidos pelo nosso companheiro de expedição Dr. Hintermann, apenas recebemos de suas mãos uma relação, contendo a "Température de l'air et nuages d'après la scale de Beaufort" que junto encontrareis.

Não fôra bem inspirado o nosso distinto amigo, quando vos solicitou licença para acompanhar a expedição. Com hábitos apenas de "tourisme", sem a mínima idéia do que pudesse ser uma excursão pelos nossos sertões, estranhou consideravelmente as diferentes peripécias da viagem, tanto por terra, como, sobretudo, por água, em que se deixara completamente assoberbar pelos transes das cachoeiras, não lhe causando, todavia, o menor enervamento, as mudanças bruscas e grandes de temperatura que experimentámos, na descida do Ronuro.

Êstes fatos, entretanto, nunca o fizeram perder o habitual bom humor, no trato com os expedicionários.

Não fôra também feliz quanto à escolha dos companheiros, que, a exceção do seu primo Erwin, foram recrutados à última hora, segundo declaração própria.

Devido a isto, talvez, não pudera, em boa parte, levar a efeito o amplo programa de colaboração que se traçara.

De fato, o seu primo Erwin, sem conhecimentos especiais e ainda muito jovem, auxiliava-o só nos trabalhos ordinários de fotografia.

Quanto ao tcheco-slovaco, Schwarzer, não podia a escolha ser mais desastrada. Êste indivíduo, esquisitamente casmurro, só lhe serviu de aborrecimentos, constituindo-lhe um pesádelo enorme durante quase tôda a expedição. Nenhum auxílio prestou.

O alemão Schmack, foi sem dúvida o mais capaz dos elementos levados pelo Dr. Hintermann, para o fim que se tinha em vista. Desconhecia os serviços, mas, contrastava no caráter com o precedente.

Gênio sempre alegre, procurou desde logo fazer liga com os seus companheiros brasileiros, resistindo com prazer a tôdas as vicissitúdes da viagem. Bom atirador, entregava-se, com especial gôsto, à caça, missão que lhe fôra especialmente reservada, não sendo, todavia, as mais das vêzes bem sucedido, devido à falta de prática do officio.

Foi o dia 30 consagrado às arrumações preparatórias da viagem, que devia começar no dia imediato, para Cuiabá.

Ditada pelos nove bacairís que nos acompanharam na expedição, organizámos a lista dos objetos que desejavam lhes fôsem enviados daquela cidade, em pagamento dos dois e meio meses de valiosíssimos serviços que nos acabavam de prestar. E' interessante consignar-se que, em sua maioria, encomendaram êles um cavalo. O Dr. Estigarribia os satisfêz, posteriormente, em tudo quanto pediram.

Às 9 h. do dia 1 de outubro, partimos, enfim, com destino a Cuiabá, depois de, já dominados pela grata emoção da saudade, abraçarmos as numerosas famílias bacairís que fazem a vida daquelles sertões.

A Cuiabá chegámos a sete, tendo-nos servido de pouso, successivamente, os seguintes pontos : Tapera do Janjo (Bananalzinho), Fazenda do Laranjal, Munjolinho, Córrego da Morena, Rio Manso e Cabeceira da Piraputanga.

O acontecimento de maior monta neste percurso, foi o extravio do suíço Erwin, logo no primeiro dia de marcha. Tendo deixado escapular um animal pertencente ao Dr. Hintermann, carregado de obejtos que êste havia adquirido, principalmente dos índios bacairís, desviara-se da batida da tropa que não mais alcançara. Depois de uns dois ou três dias, no campo, recolheu-se novamente ao Pôsto de onde foi conduzido a Cuiabá pela primeira tropa que de lá partiu, depois da nossa vinda.

A 8 deu a tropa entrada naquela capital e a 9 foi pago, de seus vencimentos, pelo Dr. Estigarribia, todó o pessoal contratado para a expedição.

Durante os três dias consecutivos 9, 10 e 11, foram todos os barômetros lidos e devidamente comparados às 7, 14 e 21 horas, no pôsto climatológico, ficando, assim, encerrados os trabalhos altimétricos da expedição.

Apenas alojados na cidade, fomos em visita ao Sr. Presidente do Estado, a quem demos nossas impressões, conforme promessa feita, por ocasião da despedida que lhe levámos, ao partir para o sertão.

S. Excia. teve a bondade de mandar-nos ainda visitar pelo major assistente.

A 13 partimos, com destino a esta capital, onde chegámos a 30 dêsse mesmo mês de outubro, entregando, a 19 de novembro, ao escritório desta Comissão (seção de desenho) as seguintes cadernetas, contendo os trabalhos realizados :

- 1 — Caderneta contendo o levantamento da estrada que vai da Colônia de Ponte Alta ao Pôsto Bacairí.
- 4 — Cadernetas contendo : o levantamento completo do rio Ronuro, as variantes ao Steinen e ao córrego Fundo e o levantamento de 14 km das cabeceiras dêste córrego.
- 1 — Caderno tendo leituras barométricas feitas em alguns pousos e em pontos de falha.
- 2 — Cadernetas e um caderno contendo : o levantamento do rio Jatobá, o levantamento do caminho que vai do passo do córrego Fundo à confluência dos ribeirões Bugio e Jatobá e o levantamento do ribeirão Pomba.

ANEXOS

Anexos ao presente relatório faço também entrega dos seguintes trabalhos :

Anexos n.º 1: Processos e convenções para a determinação do:

Anexo n.º 2: Perfil altimétrico aproximado.

Anexo n.º 3: Avaliação das descargas e potenciais dos saltos.

Anexo n.º 4: Relatório do ajudante. Capitão Luiz Thomaz Reis, sobre a viagem e os SERVIÇOS FOTOGRAFÍCÔS E CINEMATOGRAFÍCÔS a seu cargo.

Anexo n.º 5: Idem, idem sobre o SERVIÇO ANTROPOMÉTRICO, acompanhado das fichas foto-antropométricas de índios Camaiurá (1 e 2); Aueti ou Auetê (3); Uaurá (4 e 5); Meináco (6); e Bacairi (n.º 1 a 21. e 24).

* *
*

Sr. General

Da narração, que acabámos de fazer, das principais ocorrências da "Expedição-Ronuro" e do que nela se pôde realizar, certamente não passou despercebido aos vossos olhos o grande "deficit" em que ficámos, ante o programa que nos traçastes.

Manda a consciência que peçamos, com tôda a sinceridade, sejam as lacunas e imperfeições havidas, imputadas exclusivamente à insuficiência daquele a quem confiastes, tão generosamente, tarefa de tamanha magnitude.

Capital Federal, maio de 1925.

(a) Capitão VICENTE DE PAULO TEIXEIRA DA FONSECA VASCONCELOS.

ANEXO N.º 1

RELATÓRIO DA EXPEDIÇÃO AO RIO RONURO — 1924

(CAP. V. VASCONCELOS)

PROCESSO E CONVENÇÕES PARA A DETERMINAÇÃO DO PERFIL LONGITUDINAL ALTIMÉTRICO APROXIMADO, RESULTANTE DO SERVIÇO BAROMÉTRICO DA EXPEDIÇÃO

No estudo do Serviço Barométrico para organização do presente PERFIL-ALTIMÉTRICO da região percorrida e do rio explorado, o RONURO, por esta Expedição, calcularam-se as ALTITUDES de CUIABÁ, PÔSTO-BACAIRÍ, 5.º ACAMPAMENTO (*início do serviço por água*) e 39.º ACAMPAMENTO (*término da Expedição, na barra do Ronuro*) em função das pressões médias das curvas de 7^h 14^m e 21^h, respectivamente tomadas em cada um desses pontos; a ALTITUDE do 17.º ACAMPAMENTO, foi porém, calculada por intermédio da pressão-média, obtida das pressões da chegada, à tarde, e da saída, de manhã, desse mesmo ponto, conseguindo-se, assim, locar a fôlha d'água acima do SALTO, cuja altura de 9,50 m se determinou por meio das pressões simultaneamente colhidas acima e abaixo dêlo.

Tôdas estas pressões-médias sofreram, como era indispensável, a CORREÇÃO devida à comparação dos aneróides, executada em Cuiabá, no Posto-Meteorológico, segundo as observações feitas e determinantes das curvas de 7, 14 e 21 horas dos dias 9, 10, 11 e 12-6-1924, antes da partida da Expedição.

Foram êsses os pontos cujas ALTITUDES se calcularam e em função das quais se determinaram, gráficamente, as dos demais pontos que lhes eram intermediários; assim, PÔSTO-BACAIRÍ determinou as altitudes dos pontos a ré e, com o 5.º Acamp., as dos pontos que lhes eram intermédios. Idênticamente, os pontos situa-

dos entre o 5.º Acamp. e o 17.º Acamp. e entre êste o 39.º Acamp. tiveram as suas ALTITUDES respectivamente determinadas.

Para melhor distinção dos pontos de altitudes calculadas e daqueles cujas altitudes foram determinadas gráficamente, adotou-se no PERFIL as seguintes convenções:



Pontos de altitudes calculadas com pressões médias de curvas de 7, 14 e 21 horas. (Pressão-média corrigida).



Pontos de altitudes determinadas em função dos de altitudes calculadas. (Pressões-médias de chegada e de saída do mesmo ponto, corrigidas).



Pontos de altitudes determinadas também em função dos de altitudes calculadas. (Pressões em horas várias no decorrer do Serviço, corrigidas).

Para o cálculo das altitudes, foi utilizada a fórmula de L. Cruls :

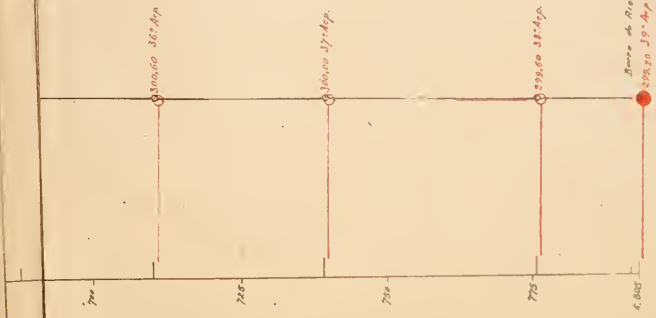
$$A = a + 0,001 a (0,01a + 4t) + 12^m \times \text{sen} \left(\frac{a}{10} \right)^\circ + 10,5 (H - 760)$$

Nota: O 39º Acp., que ficou situado um pouco afastado da barra do Ronuro, na margem esquerda do Culuêne, foi adotado como o término do levantamento daquele rio (o Ronuro), considerando-se que o desnível da barra citada até aquêlê Acp. (39º) era insignificante e que as pressões seriam por isso e pela uniformidade do tempo lá reinante, em todo o período, quase inalteradas, o mesmo se dando quanto às temperaturas atmosféricas. Assim considerando, também se intercalou na curva de 7 e 21 horas de um dia a pressão correspondente às 14 horas do dia anterior, completando-se a curva cuja MÉDIA permitiu calcular a altitude dêsse ACAMPAMENTO, segundo ficou combinado durante os estudos do Serviço Barométrico a que se procederam neste Escritório, como sabeis.

Descontou-se, portanto, a distância da barra do Ronuro àquele Acampamento, evitando-se o êrro longitudinal no PERFIL.

A distância compreendida entre a sede do Pôsto-Bacairi (Pôsto-Simões Lopes) e o MARCO quatro nas suas fronteiras, itinerário percorrido, mas não levantado pela Expedição, foi determinada pelo levantamento regular do Cap. Noronha e avaliada aproximadamente em 9.000 metros, segundo planta existente neste Escritório.

Rio de Janeiro, Seção de Desenho da "Comissão Rondon", março, 1935. (Calculado pelo Desenhista de 2.ª classe — *Otto Ribeiro*).



Barragem do Rio Steimen - 2.000m

Barragem do Rio Baboy - 2.000m
Barragem do Rio Baboy - 1.000m

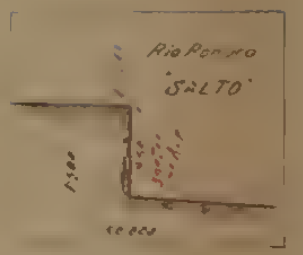
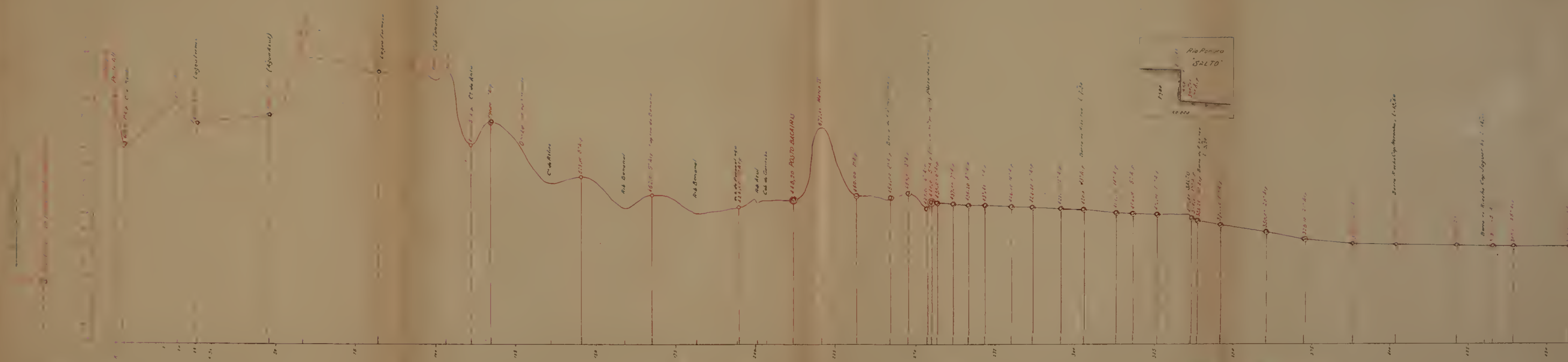
1:50000

Curva de nível

Curva de nível

Curva de nível

Curva de nível



Barragem de Curitiba

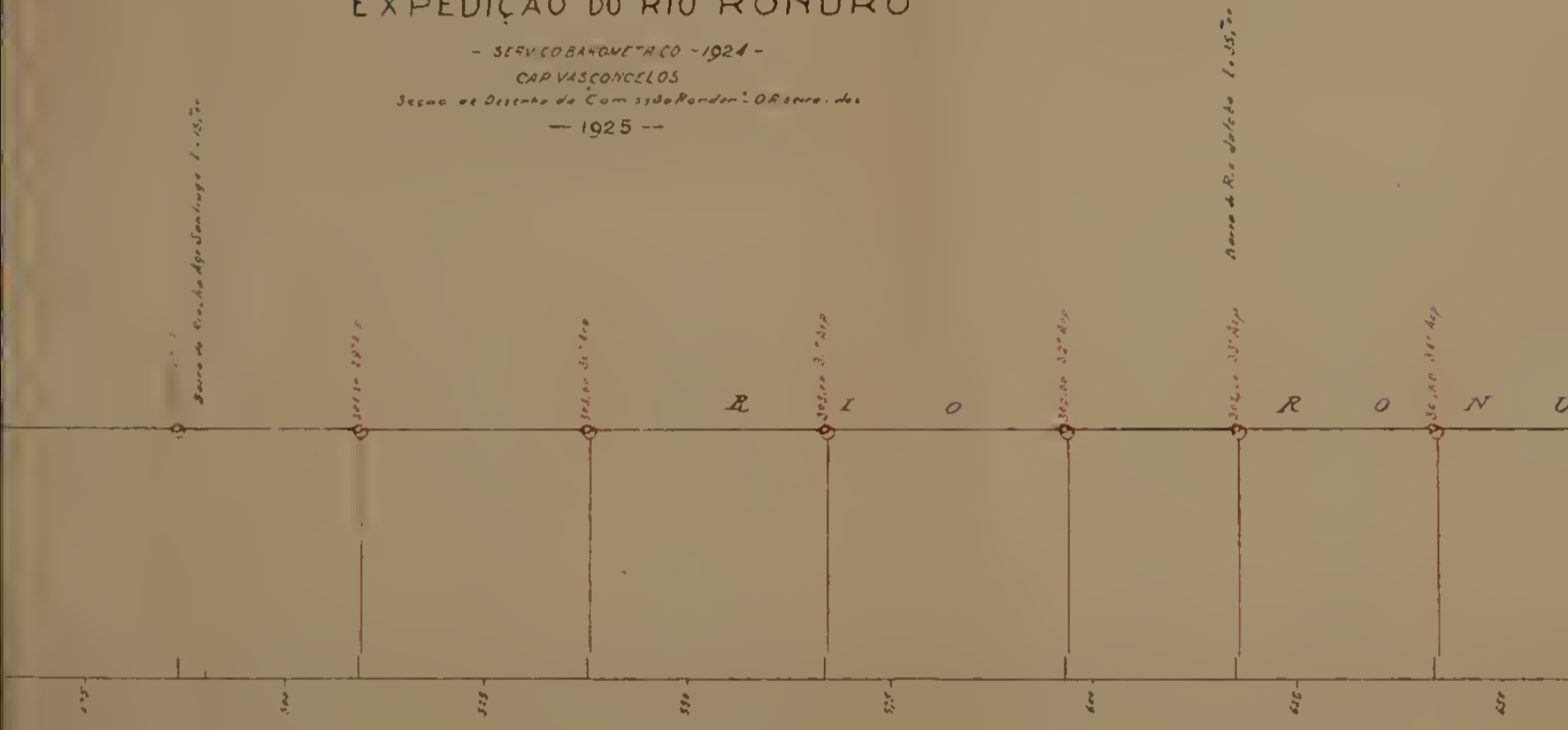
Barragem de Curitiba

Barragem de Curitiba

~ 1924 ~
 PERFIL ALTIMETRICO DA
 (APROXIMADO)

EXPEDIÇÃO DO RIO RONURO

- SERVIÇO BAROMETRICO - 1924 -
 CAP VASCONCELOS
 Seção de Desenho da Com. de Rondon - O. S. P. -
 - 1925 -



ANEXO N.º 3

RELATÓRIO DA EXPEDIÇÃO AO RIO RONURO — 1924

(*Capitão Vasconcellos*)

AVALIAÇÃO DE DESCARGAS E POTENCIAIS DOS SALTOS



EST.	CLASSIFICAÇÃO	OBSERVAÇÕES
...	Rio Ronuro.....	metros abaixo da foz do rio Batovi.
2520	Rio Ronuro.....	5 metros acima da foz do rio Jatobá, ap.
1243	Rio Ronuro.....	
1115	Rio Ronuro, Salto, al	descarga de 1243 menos a descarga de 1134 (12,561 - 1,358 = 11,203), dará aproximadamente a descarga do (LTO).
		tencial teórico (H. P.): $\frac{1000 \cdot Q \cdot H}{75} = 13,333 \cdot Q \cdot H =$
		$13,333 \cdot 11,203 \cdot 9,50 = 1,419 \text{ H. P. (ap.)}$.
	Rio Culucene.....	tencial utilizável $\approx 1,419 \cdot 0,65 = 922,35 \text{ H. P. (apr.)}$ 1.500 metros de sua barra, aproximadamente; os flutuadores da m. d. e m. e. foram atirados a 25 ou 30 metros das mesmas, por serem as águas muito paradas nas suas proximidades.
C	Rio Steinen.....	1.249 metros de sua barra no Ronuro (est. 2.811)
51	Rio Steinen.....	Variante da Expedição do Ronuro.
2826	Rio Batovi.....	376,10 metros de sua barra no Ronuro.
	Rio Jatobá.....	Próximo de sua barra no Ronuro; L=35,0m (Agr. Santiago).
	Rio Jatobá.....	10 metros acima da foz do Bugio (Agr. Santiago).
D	Rio Capitão Noronha	flutuadores da m. d., devido a remansos, não permitiram avaliar-se a sua velocidade superficial.
K	Riacho Agrimensor S	riante da est. 2.097 da Expedição do Ronuro.
1871	Riacho.....	DESCARGA de K acrescida de 1/8, dá a DESCARGA deste riacho, aproximadamente.
	Ribeirão do Bugio...	10 metros acima de sua barra no Jatobá.
694	Ribeirão.....	100,00 metros acima de sua barra no Ronuro.
1134	Ribeirão.....	150 metros acima de sua barra no Ronuro.
36	Ribeirão.....	Variante da Expedição do Ronuro.
74	Ribeirão.....	Variante da Expedição do Ronuro.
75	Ribeirão.....	Variante da Expedição do Ronuro. } mesmo } Formadores do Ronuro? }

NOTA — Adotou-se a

Rio de Janeiro — Seção de

(Calculado por OTTO RIBEIRO)

Desenhista de 2.ª classe

EXPEDIÇÃO DO RONURO

(Cap. Vasconcellos) 1924

AVALIAÇÃO DE DESCARGAS

EST.	CLASSIFICAÇÃO	LARGURA m. l.	VEL. SUPERF. m. l. V = p. s.	VEL. MÉDIA m. l. U = K. V ₁₀₋₂₀	ÁREA SEÇÃO O m2.	DESC. EF. m3 Q = O. U ₁₀₋₂₀	DESC. EF. litros p. s.	OBSERVAÇÕES
2520	Rio Ronuro	181,00	0,115	0,332	448,8800	119,028	119 028,00	50 metros abaixo da foz do rio Batovi.
1243	Rio Ronuro	61,00	0,519	0,439	131,5500	57,750	57 750,00	366 metros acima da foz do rio Jatobá, ap.
1115	Rio Ronuro, Salto, alt. 9 ^m ,50.	17,60	0,714	0,5952	21,1043	12,561	12 561,00	(Descarga de 1243 menos a descarga de 1134 (12,561 - 1,358 = 11,203), dá aproximadamente a descarga do SALTO).
						11,203 ap.	11 203,00	$\frac{1000. Q. H.}{75}$ Potencial teórico (H. P.): = 13,333. Q. H. = = 13,333 . 11,203 . 9,50 = 1,119 H. P. (ap.) Potencial utilizável = 1,119 . 0,65 = 922,35 H. P. (ap.) A 1,500 metros de sua barra, aproximadamente; os flutuadores da m. d. e m. e. foram atirados a 25 ou 30 metros das mesmas, por serem as águas muito paradas nas suas proximidades
	Rio Culene	151,00	0,222	0,1776	1 021,3000	181,916	181 916,00	A 1,219 metros de sua barra no Ronuro (est. 2 811)
C	Rio Strinen	68,80	0,397	0,3176	202,2200	64,225	64 225,00	1.ª Variante da Expedição do Ronuro.
51	Rio Steinen	6,20	0,389	0,3112	1,7200	1,469	1 469,00	A 876,10 metros de sua barra no Ronuro
2826	Rio Batovi	11,00	0,252	0,2016	67,1740	13,542	13 542,00	Próximo de sua barra no Ronuro; L=35,0m (Agr. Santiago).
	Rio Jatobá	31,00	0,4166	0,3333	86,0000	28,664	28 664,00	40,0 metros acima da foz do Bugio (Agr. Santiago).
	Rio Jatobá	12,00	0,0672	0,0538	7,1950	0,387	387,00	Os flutuadores da m. d., devido a remansos, não permitiram avaliar-se a sua velocidade superficial.
D	Rio Capitão Noronha	18,60	0,266	0,2128	42,5900	9,053	9 053,00	Variante da est. 2,097 da Expedição do Ronuro.
K	Riacho Agrimensor Santiago	15,00	0,771	0,6168	14,3000	8,820	8 820,00	(DESCARGA de K acrescida de 1/8, dá a descarga deste riacho, aproximadamente.
1871	Riacho	11,00				9,923 ap.	9 923,00	40,0 metros acima de sua barra no Jatobá.
	Ribeirão do Bugio	8,00	0,4545	0,3636	2,9030	1,056	1 056,00	A 100,00 metros acima de sua barra no Ronuro.
691	Ribeirão	6,20	0,470	0,376	2,6180	0,984	984,00	A 250 metros acima de sua barra no Ronuro.
1131	Ribeirão	5,00	0,643	0,5144	2,6400	1,358	1 358,00	2.ª Variante da Expedição do Ronuro.
36	Ribeirão	5,40	0,430 ap.	0,344 ap.	5,7450	1,976 ap.	1 976,00	2.ª Variante da Expedição do Ronuro. {mesmo} Formadores
74	Ribeirão	5,40	0,430 ap.	0,344 ap.	2,8100	0,967 ap.	967,00	{rib. do Ronuro?}
75	Ribeirão	4,80	0,430 ap.	0,344 ap.	3,6400	1,252 ap.	1 252,00	

NOTA — Adotou-se a fórmula de Prosy. (U = K. V ; Q = O. U ; K = 0,80) para todos esses cursos d'água.

Rio de Janeiro — Seção de Desenho da "COMISSÃO RONDON", em março de 1925.

(Calculado por OTTO RIBEIRO)
Desenhista de 2.ª classe

ANEXO N.º 4

EXPEDIÇÃO AO RIO RONURO

RELATÓRIO APRESENTADO PELO AJUDANTE CAP. LUIZ TOMAZ REIS
SÔBRE A VIAGEM E OS SERVIÇOS FOTOGRAFICOS E CINEMATOGRAFICOS

Tendo deixado esta Capital no dia 25 de maio de 1924, chegávamos a Pôrto Esperança no dia 31, onde nos esperava a lancha "Rosa Borôro" que nos fôra enviada pela Inspetoria de Índios de Mato-Grosso.

Esta lancha nos conduziu atê Cuiabá, com as nossas bagagens e trem de serviço, alí aportando no dia 7 de junho, tendo sido a viagem até aí sem incidentes.

Recebidos em Cuiabá pelo Inspetor Viana Estigarribia, fomos hospedados numa casa cedida pela Inspetoria, afim de organizarmos a viagem em direção ao Pôsto Simões Lopes.

A nossa Expedição se compunha do Capitão Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcelos, encarregado do serviço de levantamentos e estudos correlativos da região que vai de Ponte-Alta ao Pôsto Simões Lopes e da exploração do Rio Ronuro, afluente do Xingu. — Eu, encarregado do serviço fotográfico e cinematográfico. — O Dr. Phil. H. Hintermann e três compatriotas seus, vindos de Zurich, para estudarem o interior do Brasil foram anexados à nossa expedição, por ordem da Chefia da Comissão.

Eu tinha mais um empregado, Miguel Mendes, que me auxiliava no serviço fotográfico. O Capitão Vasconcelos levava o auxiliar-topógrafo Santiago Sobrinho, somando, ao todo, seis pessoas.

Em Cuiabá foram contratados para o serviço de campo mais quatro trabalhadores e um cozinheiro.

A expedição partiu de Cuiabá no dia 16 de junho, com onze pessoas. Nossa tropa consistia em quatorze animais de carga e onze de sela, não contando nove bois que seguiram dois dias antes, com a carga pesada.

De Cuiabá a Ponte-Alta, através da Serra da Chapada, o caminho corria em terreno conhecido, comum aos cenários de Mato-Grosso, descobertos e vastos, com horizontes enfumaçados. Assim atravessávamos as bacias do Coxipó e do Casca.

Em Ponte-Alta, o Capitão Vasconcelos iniciou os levantamentos complementares até o S. Manuel, através do divisor do Rio das Mortes, em terreno ondulado e descoberto.

A 3 de julho passávamos o Paranatinga e a 4 chegávamos ao Pôsto Simões Lopes. Nenhum incidente ocorreu durante a viagem, a não ser uma queda que sofri, por ter o meu cavalo caído, o que me fez torcer o pulso da mão direita. Isso me imobilizou a mão durante quase oito dias. Durante os sete dias que passámos no Pôsto, executei trabalhos fotográficos dos índios "Bacairís" e medidas antropométricas de 14 homens e 10 mulheres.

Do Pôsto Simões Lopes nada tenho a dizer, porquanto já existem informações preciosas nos relatórios do Capitão Noronha. Ratem informações preciosas nos relatórios do Capitão Ramiro Noronha, o fundador dêsse centro de atração dos índios. Daí partimos no dia 12 de julho, com uma tropa de bois e muares, em direção às cabeceiras do Rio Pomba, passando pelo morro Ronuro à tarde. O objetivo da nossa viagem dagora em diante, era o de estudar o curso e a bacia do rio Ronuro que vai desaguar no rio Xingu, cujas cabeceiras despontam nessa região.

O topógrafo Santiago Sobrinho se incumbira da exploração do afluente principal do Ronuro, o Jatobá, devendo encontrar-se, 20 dias depois, com a nossa expedição, no baixo Ronuro. Com êle iam quatro índios "bacairís", tendo sido nossa turma constituída de cinco dêstes bravos, naturais da tribo mais numerosa dessa região.

Para satisfazer às necessidades do levantamento, a nossa marcha era reduzida a poucos quilômetros diáriamente. A região estava inexplorada e o capim-flecha, de uma altura considerável, quase nos obstruia a passagem. Era preciso pisá-lo para deixar, nesse tapete espêsse, um estreito sulco, como o que rasga na massa vegetal a passagem de uma anta, e que tanto bastava para orientar o resto da tropa em direção à frente.

A 20, nós chegávamos às águas do Ronuro, depois de três dias de travessia pelos cerrados e campos circunvizinhos. O nosso objetivo era procurar o rio nas cabeceiras e descê-lo em canoas, logo se

apresentasse com água suficiente para isto. Tivemos que rasgar a mata espessa e sombria em dois quilômetros, para alcançarmos o rio.

Começou-se a providenciar sobre o preparo das canoas. Como estas eram feitas de casca de jatobá, fomos apreciar o seu modo de fabricação que constituia uma especialidade, só conhecida dos índios. E era assim: o jatobá, árvore de grande estatura, com uma casca de quatro dedos de espessura, de dura fibra e muita resina, se encontra nas grandes florestas dessa região, em abundância, mas os "specimens" próprios à extração da casca são raros, porque devem ter uma certa idade; característico que os índios conhecem porque a casca é então de fácil desagregação do tronco fibroso. É condição importante que o tronco, sendo linheiro até certa altura, se recurve um pouco nas extremidades, porque assim ela toma mais facilmente a forma de uma canoa de proa alçada, de boa navegação. Mas os tipos linheiros, no todo, não são despresados, em caso de urgência, como era o nosso.

Ao redor da árvore os índios constroem os andaimos para poderem trabalhar em diversos pontos do tronco. Dão, com o machado, um talho, de alto a baixo em sentido longitudinal, e, dois outros talhos transversais, na parte superior e na inferior. Com o auxílio de cunhas de madeira interpostas e batidas cuidadosamente, entre o tronco e a casca, forçam esta aos poucos a se despegar daquele. Uma vez despegada a casca, é recebida com cuidado e deposta no solo com a concavidade voltada para baixo. Com o machado, os índios lavoram a parte posterior e anterior, proa e popa, para limarem as rudezas externas, deixando aparecer a fibra roxo-escura resinosa. Isto tem por fim preparar a casca para sofrer a ação do calor. Voltam então a casca com a concavidade para cima, forçam-na entre escoras, enterradas no solo, põem fogo em toda ela, com palhas de buriti secas, e quando este começa a fazer ferver a substância líquida da casca, amolecendo-a, eles vão então, com o auxílio de escoras, forçando a casca a tomar a forma mais perfeita de uma canoa, ora inclinando as extremidades, ora comprimindo-a no sentido longitudinal. Depois deixam-na presa às escoras, por um dia, e, logo que esfria, a canoa apresenta-se em condições de flutuar.

Foram feitas cinco destas e mais um batelão de madeira Mulateira, que os nossos homens de Cuiabá lavraram em cinco dias.

No dia 25 de julho, às 14 horas, iniciámos a navegação do Rio Ronuro, águas abaixo, com grandes esperanças e muitas saudades do que ficava para trás. Nenhuma emoção nos parecera mais forte. O desconhecido não nos desanimava; parecia que nos bastávamos para enfrentar quaisquer perigos que não podíamos prever, mas que sabíamos prováveis.

Os primeiros dias foram empregados em desobstruir o canal dos paus que se atravessavam à nossa frente, aqui e ali. Comecei filmando a viagem. Desde o Pôsto Simões Lopes que eu vinha tomando aspectos da viagem com o aparelho Williamson de 30 metros. O meu material operatório se compunha desta máquina e de um Debie Studio de 120 metros, que eu ia reservando para os estudos mais importantes. Por prudência, a minha canoa seguia na frente, tendo eu o aparelho sempre apontado para qualquer tomada rápida. Mas sucedia que as ramagens e os paus, que se repetiam pelas margens do rio, eram uma ameaça para a câmara. Assim é que tínhamos de andar com cuidado, "rasando" o mais possível o nosso ponto de vista. O meu fim era surpreender animais no seu natural modo de viver, nas horas quentes do dia, nas quais geralmente êles vêm à beira do rio para beber. Mas nem sempre se obtem o que se deseja; o meu tempo durante a viagem tôda foi empregado nesta expectativa. Nenhum animal consegui ver em condições de registrar-lhe a imagem no filme, o que lamento muito, porque eu considerava coisa segura surpreendê-los, principalmente numa exploração de rio não freqüentado por gente. Há trinta anos que pelo Ronuro não anda nenhum ser humano, motivo de sobra para que os animais, que ali habitam, não se espantassem à nossa aproximação. Ainda mais, os índios não freqüentavam essa região. Fui, pois, *ludibriado* quanto aos meus propósitos.

Vendo que não conseguiria resultado algum das minhas esperas na proa da canoa, limitei-me a tomar aspectos da viagem. Mas isto não poderia encher um programa, pois êstes eram mais ou menos parecidos e a repetição indefinida produziria efeito enfadonho.

Quanto ao Capitão Vasconcellos, continuava no seu serviço de levantamento a telêmetro.

Os índios Bacairí que nos acompanhavam, portavam-se bravamente no seu mister de conduzir a exploração.

Diariamente tínhamos uma grande quantidade de paus a cortar, revezando-se os homens no serviço de machado.

Acampávamos à noite, em qualquer lugar da barranca.

Nada de animais; entretanto, os rastros que notávamos, no barro das margens descobertas, eram inúmeros.

Havia de tudo: capivaras, quatis, tamanduás, veados, cutias, antas, macacos, onças, lobos, porcos do mato, bem como mutuns e patos; tudo encoberto pelo denso manto da floresta, ou pela macega dos campos.

O dia 29 de julho nos encontrou em face dos primeiros rápidos. Aí, numa volta do rio, onde as barrancas de arenito se cobrem então de substância granítica ou basáltica, a água escoava em ruídos característicos das corredeiras, a ecoar no âmago da floresta, que gora era um cerradão. Num degrau desses paredões, acampámos a 29, dia do meu aniversário.

O nosso almoço de dia feriado tinha por orquestra a sonoridade das águas cristalinas e frias do rio Ronuro, a formarem graciosa corredeira no declive natural da pedra. Um pouco depois duas antas passeavam rio acima, de tal forma que, quando os nossos cães as perceberam, elas entraram a correr pelo lençol d'água, não nos dando tempo nem mesmo de atirar em qualquer delas, e desapareceram.

Depois de pequena demora nessa altura do percurso, em que o Capitão Vasconcellos fez uma variante em demanda do rio Von den Steinen, a nossa expedição continuou rio abaixo, como de ordinário.

Apresentaram-se então nos primeiros dias de agosto rápidos sobressaindo, entre os mais importantes, as "Cachoeiras da Anta". O Vasconcellos, nessa altura, tinha de tentar nova variante para o Von den Steinen; assim, durante esses três dias de alto, eu montei o meu material cinematográfico, para revelar as películas já impressionadas. À noite, iniciei este serviço, com grande desapontamento, porque as temperaturas, abaixo de 10 graus, não permitiram trabalhar os banhos em boas condições.

Depois de tentativas seguidas, onde apenas apurei 120 metros resolvi suspender o serviço de revelar filmes em noites tão frias. Esperava calmamente a melhor oportunidade.

Outro inconveniente, que já notara no nosso primeiro acampamento, antes de descermos o rio, era a quantidade de insetos de pequeno talhe, como mosquitos, que atacavam a película e se grudavam à gelatina, inutilizando o trabalho.

O ar estava sempre carregado dessas partículas vivas, que, à luz de um farol, à noite, se podia melhor perceber. Nunca me sucedera isso antes, talvez porque sempre operei em locais descobertos e arejados. Mas o Ronuro e seu ambiente eram virgens: a natureza fértil triunfava, por tôda a parte, num ritmo de liberdade e movimento, como a seiva nova que produz o viço e a virilidade das majestosas espécies vegetais. Nós mesmos éramos picados diariamente pôr nuvens de piuns e outros mosquitos.

Os nossos companheiros suíços mostravam as partes do corpo cobertas de feridas, produzidas por essas picadas. Não havia outro recurso sinão viver "quand mème".

A oito de agôsto estávamos diante do Salto Ronuro, de 9, 5 metros de altura. Até então não tínhamos tido nenhuma "chance" de pescar, porque o rio não tinha peixe. Abaixo do salto, as matrinchans abundavam e bem assim os pintados.

Depois de feito um varadouro e transportadas as canoas para a frente baixa do salto, continuámos no outro dia a viagem, em rio piscoso e tranquilo.

Notámos caminhos de índios nessa região, o que indicava a existência de alguma aldeia, pelas proximidades. Durante os dias que se seguiram, tivemos muitos transbordos, em diversos rápidos perigosos, porque a largura do rio já era considerável: perto de 50 metros.

A 14 encontrámos a foz de um rio largo, contribuinte do nosso. Pensávamos ser o Jatobá, que o Santiago vinha explorando. Mas devido a alguns sinais particulares, ligados ao instintó do explorador, considerámos êste afluente como sendo o "Ramiro Noronha" e passámos adiante, não sem deixar vestígios nossos, para o caso em que o Santiago aparecesse por ali.

O rio era já caudaloso, com 60 metros de largura. As corredeiras agora eram formidáveis; tôda a nossa expedição estava em risco de tudo perder, tal a violência dos rápidos. As canoas, muito rasas e carregadas, mal suportavam o embate. Multiplicavam-se os cuidados: às embarcações próximas, uma a uma, deviam passar bem à beira da barranca; olho vivo; a ajuda de todos e todos

dentro d'água, em banho forçado a cada instante. E assim navegávamos, por muitos dias.

A 18 encontrávamos, depois de muitos rápidos, duas antas que foram alvejadas pelo Vasconcellos. Uma foi abatida e forneceu carne aos índios, que apreciam mais a carne de certos lugares da barriga.

A 20 começávamos a navegar em rio baixo, pelas muitas baías que víamos e pela presença de golfinhos, fazendo pensar nos pantanais. De há muito vínhamos pensando no destino da expedição ao Jatobá que vinha sendo conduzida pelo Santiago. Também não aparecia a foz d'este rio, apesar de já estarmos, pelos nossos cálculos, quase ao seu alcance.

Às 9 horas do dia 23, um dos nossos homens fez fogo sobre uma jacutinga. O tiro ecoou em repetidas estaladas surdas, pelas matas a fora, de vegetação baixa, aí onde o rio fazia uma grande curva. Incontinenti ouvimos algumas detonações, não muito longe, mais parecendo o eco do nosso último disparo. Novas descargas se sucederam, um pouco depois, não nos deixando dúvida de que partiam de gente nossa.

Disparámos muitas armas de uma vez e esperámos pela resposta, que não se fez demorar, e logo que as nossas canoas venceram a volta do rio que a ocultava, descobríamos, a meio quilômetro, a esquadra do Santiago que subia ao nosso encontro.

Soubemos que eles tinham passado 10 dias, os últimos portanto, sem provisões e se alimentando de mel e caça.

Como se mostrassem ansiosos por comer arroz e feijão, cereais que ainda tínhamos, lhes fornecemos quantidades suficientes, para que se servissem à vontade, embora receássemos que eles tivessem uma indigestão, provocada... por tão delicadas iguarias, de que há muito estavam desacostumados!

Continuávamos a viagem juntos, até a foz do Jatobá, onde chegávamos no dia seguinte. Daí em diante o rio aparecia caudaloso e de grande largura. As praias descobriam uma areia côr de palha, onde colhíamos ovos de tracajás em abundância. Às 14h.30 de 28, a minha canoa, na testa da esquadra, entrava nas águas do "Ferro" ou "Von den Steinen". Salvei êsse fato com 10 tiros de pistola. Acampámos a um quilômetro da foz d'esse rio, para estudos.

Partimos no dia seguinte, tendo então o rio mais de cem metros de largura.

A 30 a nossa expedição dava entrada no Xingú. O Ronuro, que vinha conservando um aspecto majestoso, pela sua largura de mais de 120 metros, aqui se alargava de modo notável, unindo-se ao Culuene e Batovi, para formarem todos uma grande bacia.

Acapámos no Culuene, no local que nos pareceu mais próprio para passar três dias em estudos e anotações que se prendiam ao levantamento do Ronuro.

A 31 levantávamos a bandeira na praia fronteira ao nosso acampamento e, com solenidade, comemorávamos o fim do nosso levantamento, depois do percurso de 537 quilômetros, medidos a telêmetro.

Como uma premissa para os nossos objetivos, apareceram pelo rio três crianças da tribo dos "CAMAIURÁ" que andavam pescando, e porventura viram de longe, no tôpo do mastro, a bandeira nacional, tremulando sob a viração das praias do Culuêne.

Admirados de um espetáculo novo para êles, os meninos, embora receosos, vinham se aproximando. Logo que os descobrimos e percebemos pelas atitudes dos tripulantes e pelos movimentos de sua leve piroga, que estavam em dúvida, se deviam atracar ou fugir, nós os chamámos por sinais e enviámos ao seu encontro um Bacairi, que conseguiu trazê-los ao nosso acampamento.

Radiantes do bom trato que receberam de nós, os meninos, que a princípio se mostraram de uma timidez receosa, mas brava, porque nos encaravam de frente e com fixidez, ali se assentaram e se entretiveram em palestra mímica com o Vasconcelos. Êste lhes ofereceu duas ceroulas e ao menor, que podia ter 5 anos, um belo colar. Dos dois mais velhos, um tinha talvez 12 anos, e o outro parecia orçar entre quatorze e quinze.

Demos-lhes a entender que estávamos precisando de farinha, pois nossas provisões se tinham acabado. Êles nos fizeram saber que havia abundância dêste mantimento na aldeia e que seríamos bemvindos.

Assim que êles partiram à tarde, resolvemos levantar acampamento e, no dia seguinte, 1 de setembro, iniciámos a subida do rio Culuêne.

Os meninos Camaiurás voltaram ao nosso encontro e nos acompanharam até um certo ponto, donde êles começaram por

dar sinais, incendiando a macega do campo. O fumo rolava pelo espaço em volutas negras, e isto nos comunicava, até certo ponto, a visão de qualquer eventualidade próxima, um não sei que de inquietação, familiar a quem penetra em terra estrangeira, sem os passaportes legais...

Um alto, no espriado, reuniu tôda a esquadra no mesmo promontório, porque o vento, soprando as águas de bombordo das canoas, em ondas ameaçadoras, nos impedia de navegar sem risco de *alagações*. Amainando o *repiquete*, continuámos a subir o rio, à fôrça de zingas. Às 5 horas da tarde encontrámos duas canoas com índios CAMAIURÁ, nas quais se transportavam dois chefes e mais dois camaradas. À vista da nossa esquadra, os chefes desapareceram numa baía próxima. Os dois outros, a muito custo, se aproximaram do Vasconcellos, que lhes deu um machado, com a promessa de ser levado por eles à presença do chefe da tribo.

Estavam todos nus e pintados. Admirámos o arrojo do nosso companheiro, quando entrou na canoa indígena e desapareceu na baía, em companhia dos dois índios CAMAIURÁ.

Acampámos aí, à sua espera, não sem angústias e pressentimentos sinistros, quanto à sorte do Vasconcellos, entregue só ao risco de uma incursão entre índios desconhecidos e, talvez, hostis: quem sabe se o deixariam voltar ou não? Já tínhamos assentadas as disposições para uma incursão ao seu encaço, caso êle não nos aparecesse no dia seguinte.

Mas nesse dia, pela manhã, podiam ser 10 horas, muitas canoas demandavam a bôca da baía no nosso pôrto, vindas do seu interior e conduzindo muitos índios: eram, ao todo onze homens e entre eles lá vinha, felizmente, o Vasconcellos, o único que estava vestido — tal o contraste chocante, ao primeiro golpe de vista.

A tribo dos CAMAIURÁ não se veste, nem com palhas, nem com outro qualquer tecido. Apenas usa cintos de fibra e pulseiras ou colares de conchas. Poucas penas de arara, como brincos e também nas ataduras dos braços, à altura do "biceps" e nas pernas, junto aos tornozelos. O chefe era moço e de boa figura, olhos muito perspicazes e esbelto demais, em comparação com a construção robusta dos outros índios. Donde concluí que entre eles dominavam a vivacidade e a inteligência, como qualidades precisas para a direção da tribo, e não a fôrça bruta!

Sendo boa a oportunidade para o estudo de antropometria, de que estava eu incumbido, convidei alguns índios para o trabalho. Mas eles se recusaram, por suspeição.

Consegui afinal, a muito custo, medir dois tipos, sem todavia tomar medidas totais. A régua foto-antropométrica que levei, não funcionava corretamente, devido às avarias sofridas em mais de um mês de transbordos pelos inúmeros rápidos do Ronuro; as constantes alagações das canoas e as diferenças de temperatura, a que certas madeiras não podem resistir. Até aqui e estávamos a 2 de setembro — não me fôra possível encontrar local e oportunidade para revelar os filmes que foram tomados em viagem. A temperatura era normal à noite, com ligeira tendência para o calor, mas os terrenos que marginavam o rio, na sua parte baixa, eram revestidos de areias ou de depósitos das enxurradas, nas partes alagadas, oferecendo inconvenientes a tal trabalho. Ainda mais, tínhamos de estacionar quatro dias para êste serviço.

Continuámos a viagem, agora por uma baía, que tinha comunicação com o rio, mais acima, e que os índios conheciam e para onde nos conduziam, afim de nos levarem até sua aldeia. Demos o nome a êste atalho de “Baía dos Camaiurá”.

À tarde chegávamos ao pôrto e éramos recebidos por muitos camaiurás e suas mulheres, trazendo-nos estas, farinha e beijús.

Vimos um índio muito interessante, que diziam os outros, ter sido cativo dos Suiás e ter sido por êstes forçado ao uso de um batoque na bôca e de cabelo comprido. O interessante é que êste índio tinha sido retomado ou tinha fugido para a companhia dos de sua tribo, mas continuava a usar as insígnias dos Suiás: por que? — Com certeza êle achava aquilo “smart”, diferente dos outros.

Psicológicamente pode-se admitir que êle usava aquêlê batoque por vaidade — para se fazer notar — o que vem em apoio do velho axioma: “Os vícios são humanos, como as virtudes”.

A 3 de setembro entrávamos no Curisêvu, deixando o Culuêne à nossa esquerda. O chefe Camaiurá nos acompanhara até a bôca dêste rio e daí voltara à sua aldeia, despedindo-se de nós.

Entrávamos em terras dos Ualapitis. Desta tribo só conseguimos ver três homens e um velho, que nos acompanhava sempre, auxiliando no remo, e que nos deixou com os Auêti ou Auetê, como lhes chama Roquette Pinto.

Acima da foz, onde acampámos, fomos visitados, pela manhã, por dois casais de CAMAIURÁS que queriam presentes, a troco de farinha. Arranjámo-lhes um machado do nosso serviço, para mandá-los em paz. Nada que interessasse à cinematografia, a não serem aspectos do rio, sempre os mesmos. Uma calamidade! Nem um animal, nem um detalhe de certa importância, movimentos d'água que pudessem atrair a atenção; nada encontrámos digno de ser filmado.

A 5 encontrámo-nos com os índios Auêti, no seu pôrto, à nossa espera. Deixando a *esquadra* das nossas canoas e os nossos homens aí, fomos em visita à aldeia. Éramos quatro: eu, o Capitão Vasconcellos, meu auxiliar Miguel e o Dr. Hintermann. Fomos desarmados, mas o Vasconcellos levou uma Winchester que confiou ao Capitão Auêti, para levá-la em sinal de amizade.

Depois de uns sete quilómetros de distância, que atravessámos em cerrado e campos bons para agricultura, penetrámos na aldeia Auêti, às onze horas da manhã, com o sol abrasador.

Pode alguém imaginar o que representa em emoção, para o homem civilizado, a vista de uma povoação indígena, absolutamente indígena, autêntica no exótico de tudo o que a caracteriza? Primeiro é a monotonia do local, mascarado pela mata silenciosa. As casas aí estão dispostas em círculo, a palha que as cobre, já escura pelo tempo ou suja de fumaça, mostra a intervalos alguns retoques mais claros, onde a luz do sol produz reflexos de cor de ocre. Depois o cenário de primitivos hábitos de uma coletividade que vive em completa nudez, abrigada naquelas grandes choupanas, donde os homens saem para a caça e para a pesca ou delas voltam, e as mulheres se ocupam da rotina doméstica. Nas tardes mornas, temperadas pela brisa perfumada de essências silvestres, essa gente se senta no átrio comum e ali dá largas expansões ao sentimento, contando histórias, cantarolando ou bebendo caldo de mandioca; e assim, bem humanos, como parte da grande humanidade, embora ignorando a civilização ocidental, como nós ignoramos a maneira de viver dos habitantes dos outros astros.

À nossa chegada ao grande aldeamento, as mulheres se recolheram às suas casas e os homens nos receberam no local próprio aos hóspedes, num rancho que havia no centro da praça.

Os chefes nos deram dois assentos de madeira que imitavam jabotis. Depois nos fizeram servir de beijús frescos, ainda quentes e muito limpos, que saboreámos com gulodice, tão bem

feitos eram êles. E para beber nos serviram água com farinha, em vasos muito grandes, se os comparamos aos nossos copos comuns. Eram grandes panelas, cheias de líquido, ou cabaças também grandes. Poem a farinha nágua para que esta refresque.

Cercados de curiosos, estávamos fechados num círculo de de homens, mulheres e crianças que depois vieram nos ver, tocando-nos em tudo que tínhamos: na roupa, no chapéu, nos botões, e assim passámos a tarde com êles.

Voltámos para o pôrto e como não tivéssemos presentes para lhes oferecer êles ficaram muito zangados conosco e os chefes resolveram seguir-nos até o ponto onde nós pudéssemos dar-lhes alguma coisa. Vasconcellos prometeu-lhes presentes, ao têrmo na nossa viagem, rio acima. Êle tencionava enviar um portador ao Pôsto Simões Lopes, que avisaria ao encarregado para enviar uma tropa carregada ao nosso encontro, nas cabeceiras do rio Curisêvu. Os dois chefes então nos acompanharam, tal a confiança que lhes inspirámos.

No dia seguinte estávamos à vista dos Meinaco, uma nação importante do Curisêvu. Com efeito, já êles sabiam da nossa passagem e nos esperavam no seu pôrto, muitos armados de flechas. Visitámos a aldeia dêles, que ficava a duas léguas. Não vimos diferença alguma da dos Auêti. Eram tão parecidos que se identificavam.

Como na primeira aldeia, as casas eram em forma de ogiva, vistas de tópo, mas lateralmente tinham três vêzes a largura. As portas... ora, as portas!... Só havia uma no centro na parte lateral, aliás uma portinha de passarinho, em desproporção chocante com a grandeza do tugúrio. Dentro dêle viviam, pelo menos, cinco famílias completas, parentes e aderentes também. A proporção de crianças e rapazotes para a de velhos era notável: havia 10 crianças para um velho. Que fariam êles dos velhos?...

Havia, entretanto, mais mulheres velhas do que homens velhos, donde concluí que, devido às guerras constantes em que as tribos se empenham, umas contra as outras, quase que em cada triênio, morrem muito mais varões do que mulheres.

Qual a causa destas guerras, verdadeiras catástrofes para tão reduzidas coletividades? Como são estas guerras? Eis aqui um estudo, para o qual quero concorrer com umas ligeiras notas da minha própria observação.

Pelo que ouvi e compreendi, as razões que levaram os Trumai a guerrear os Camaiurá, aliados aos Suiá, foram simples ambições dos últimos, pelas boas ferramentas, armas e outros haveres que os Trumai tinham. Quando Von den Steinen desceu o Batovi, Von Meyer o Jatobá e o explorador que desceu o Ferro, saíram nessa baía de três fozes, ponto de partida do Xingú, os Trumai aí viviam aldeados. É natural que eles tivessem recebido muitos presentes destes três exploradores, dois dos quais não subiram o Curisêvu, portanto não viram as outras tribos. Estes presentes, para eles representam mais que os cofres de ouro do Banco de Inglaterra, ou a fortuna da "Wall Street" de New York.

São machados, facões, serras, enxadas, alguns tecidos ou canoas, porém o mais importante é a ferragem. E' claro que eles não podem trabalhar a terra para o sustento da prole sem essa ferramenta preciosa que eles não sabem como obter, nem onde achar.

Entre nós civilizados é simples: quando o agricultor precisa de um machado vende três sacos de milho e com o dinheiro da venda ele compra a referida ferramenta. Entre os índios as coisas são muito diferentes. Ele precisa de um machado, vai à pedreira, procura o silex, que não é fácil de encontrar, passa muitos dias a esfregá-lo contra outro até que a pedra apresente uma aresta cortante. Depois vem o trabalho de pôr-lhe um cabo: quanto suor para dar a obra por terminada!... Vai com ele ao cerrado e que tempo gasta, que esforço emprega para derrubar um pau ou mesmo um arbusto! Esse machado pouco corta, apenas esmaga pelo choque! O pobre índio acaba abatendo o pau depois de muito machucá-lo no mesmo ponto! E quantos paus têm eles de derrubar assim, para fazer a sua roça? — Eis por que um machado nosso "Collins" de bôca larga é uma sedução delirante para o índio. Com este ele derruba um pau grosso com dois golpes; passa-o na pedra de vez em quando e ele dura uma eternidade! Que maravilha! Não?...

Ferramentas de agricultura são para os índios os seus melhores patrimônios. Se uma tribo tem dez machados e a outra tem apenas um, é natural que a que tem um procure fazer guerra àquela que tem dez, a fim de apossar-se da única riqueza ambicionada: é a guerra de conquista!... Nesta paixão de guerrear, os Suiá levaram vantagens sobre tôdas as outras tribos adjacentes do Xingú, não porque eles fôssem os mais robustos, mas

por terem a perspicácia de usar armas de fogo, que êles tomavam aos seringueiros.

Bastava uma Winchester com dez cartuchos para vencer qualquer peleja onde os combatentes, do outro lado, só tivessem a flecha e o tacape como armas. Por isso vimos os Camaiurá com um índio armado de Winchester, porém sem balas. Êle nos pedia balas com interêsse; a sua arma estava limpa e bem conservda. E' provável que êle tivesse balas escondidas, para os casos de necessidade e não nos quisesse dizer. E nos explicava que a arma que êle possuia não tinha outro emprêgo senão o de defender-se contra a onça, que era um inimigo perigoso.

E' a tal questão que de vez em quando agita a nossa diplomacia. Compramos armamentos à Inglaterra ou à América porque temos uma costa muito extensa e precisamos defender as nossas fronteiras; quando seria o caso de dizer: "E' para fazer a guerra ou para a defesa, em caso de guerra"? Para não dizermos que os temíamos demos-lhes uma caixa de balas, com muita pena dos pobres índios das outras tribos, que não possuíam Winchester. Estávamos seguros de que êles com armas e balas seriam invencíveis contra os outros, mas também poderiam combater com vantagem contra os Suiá, que também já usavam Winchester.

Ocorreu-nos dar a cada tribo uma Winchester, com munição; assim ficaria estabelecido o equilíbrio dos armamentos entre essas tribos.

Fomos pois recebidos entre os "Meinaco" do mesmo modo como já o tínhamos sido entre os Auêtis. Beijús, a mesma bebida, a mesma curiosidade, enfim não parecia haver diferenças nem em usos nem no fisico dos índios das duas tribos. Havia abundância de massa de mandioca em tôdas as casas. Pelo caminho que ia ter à aldeia vimos muitas roças plantadas de fresco e outras queimadas em via de preparação para o plantio. A época não era propícia à pesca, pois os rios e baías estavam na sêca. Poucos frutos silvestres e nenhuma caça.

Essas tribos não apreciam a carne de animais, por isso não caçam, a não ser algum jaboti ou alguns sáurios como o sinimbú. Alimentam-se de mandioca, milho, favas, feijões e peixes.

Deixando os Meinaco, que nos vieram trazer até o pôrto, continuámos a viagem, isto em 8 de setembro.

Algumas horas mais tarde estávamos com os Uaurá. Como os outros, êles nos esperavam na barranca, no seu pôrto.

O Culisêvu é um rio internacional entre as tribos. Logo que chegávamos ao limite de uma tribo, os índios nos conduziam como amigos. Íamos com grande pompa, de gente que valia alguma coisa — “caraibas” — como nos tratavam.

O chefe Auacatú nos conduzia à aldeia, cuja distância do pôrto achei longa, talvez devido à fadiga do serviço dos dias antecedentes. Lidar com um aparelho cinematográfico de pêso de 20 quilos, tomar posição e cuidar dos muitos dispositivos técnicos para obter um filme em condições, não é pouco para o expedicionário.

O expedicionário-artista faz duas expedições, enquanto o que apenas relata a viagem faz uma. Certas viagens a marchas forçadas, em que não se perde tempo, num toca-toca para a frente, são um verdadeiro martírio para o artista, que não tem oportunidade de repousar o sentimento, afim de poder coordenar melhor os elementos do seu trabalho. Não sou amigo das viagens de urgência, quando há um objetivo de arte a obter.

Chegámos à aldeia, ao meio-dia: o reverbero da luz solar, numa difusão de raios caloríferos, filtrados através de nuvens preguiçosas, escaldava-nos a cabeça e sentíamos abrasado o rosto, embora suarento.

Quando entrámos na choupana do Chefe Uaurá o alívio do repouso, no ambiente penumbrado e fresco, nos deu alma nova. O ar era contudo inconfortável, como almiscarado pela promiscuidade dos seres humanos que ali viviam — um quê de rústico e selvagem. As mulheres coziavam beijús em panelas rasas sôbre pedras, de onde o fogo chispava em línguas avermelhadas e fumarentas.

Outras pulverizavam bolos de mandioca para o preparo dos beijus. Foi-nos oferecido um peixe assado inteiro, com tôdas as escamas e sem tratar. A princípio êsse modo de preparar um alimento tão delicado, nos pareceu estranho, mas provámos e achámos excelente. Depois de têmos travado relações com outro índio dessa tribo, também cativo dos Suiá e usando o mesmo batoque na bôca, como o outro índio que foi retomado mais tarde, fizemos algumas fotografias dos Uaurá e nos despedimos.

Até o pôrto onde estava a nossa "esquadrilha" de canoas, fomos acompanhados pelos Uaurá e à certa altura, Vasconcellos matou um veado, pensando que êles ficariam contentes com isso, tratando-se de uma carne geralmente tão apreciada. Os índios, porém, não comem carne de veado, o que foi para nós uma pequena decepção.

Partimos daí às 7 horas da manhã de 9 de setembro; a 10 encontrámos alguns rápidos de que nos livrámos, sem dificuldade, e adiante dêles estávamos no pôrto dos Anauquá, muito desejada tribo, porque o pessoal da nossa expedição estava sem fumo e sabia que os Anauquá plantavam tabaco. Para dizer-se a verdade, fomos recebidos no pôrto não por êles, mas pelos Trumai, que com o chefe estavam na barranca, numa condição humilhante, pois tinham sido expulsos do Xingú, das suas aldeias, na última guerra contra os Camaiurá e Suiá, e estavam homisiados com os Anauquá.

Desejosos de visitar os Anauquá e admirados de que êles não tivessem vindo esperar-nos, fomos à aldeia, desta vez a leste do rio, e a uns 10 quilômetros. Eram onze horas da manhã quando lá chegámos, sendo recebidos pelo Chefe Aloí e poucos homens. A aldeia, não tão limpa como as que tínhamos visitado antes, parecia deserta. Na mata circunvizinha ouvíamos o chilrear das araras e papagaios; além e alhures, uma fita de fumaça, procurando o céu, denotava qualquer entendimento que nos era estranho. Dois MEINACOS, que vinham conosco, conduzindo os aparelhos, disseram-nos que os índios Anauquá suspeitavam de nós e que tinham-se retirado para o mato, armados e prontos para a guerra; e que as mulheres, provavelmente, também tinham ganho a mata, com seus papagaios e araras, o que, de fato, parecia confirmar a fumaça que víamos além.

Quando conseguimos chegar à presença do chefe Aloí, mostrou-se êste cheio de ressentimentos, nervoso, de olhar inquieto, demonstrando ódio, e começou narrando-nos o fato de ter um índio BACAIRI — gente nossa, suposta aliada nossa — assassinado um ANAUQUÁ, nas cabeceiras do Culuêne. Assim sendo — concluía o cacique — não devíamos esperar dêles muita paz! Mas o Vasconcellos começou advogando a nossa causa e procurando amainar a tempestade. Para acalmar o índio afirmou logo, categoricamente, que não éramos Bacairi e que iríamos castigar aquêles

que matára o seu companheiro, logo que chegássemos ao termo da viagem.

Conseguiu Vasconcellos, entretanto, alguma confiança de Aloi e sua gente, a ponto de obter d'este chefe alguma farinha fresca, a troco de facões e machados que pertenciam à guarnição dos nossos homens. Não pude, pois, obter nenhuma vista fotográfica, dado o estado de tensão de espirito dos ANAUCUÁ. Qualquer coisa que elles suspeitassem de nós, podia ser causa de um fracasso: poderíamos ser flechados ali mesmo, pela inconsciência daquelas almas ingênuas, mas rudes e primitivas.

Voltámos ao pôrto como quem escapa a um naufrágio, ali recebemos a farinha que os ANAUCUÁ nos trouxeram e "levantámos ferro", para continuar a viagem, rio acima.

A 11 enviámos dois BACAIRI, Affonso e Pedrinho, por terra, ao Pôsto Simões Lopes, distante 15 léguas, pedindo a tropa com mantimentos e presentes para os índios que nos acompanhavam.

A 13 começámos a passar cachoeiras e trechos com pedras cobertas de capim. Pouca pesca; os índios flecharam apenas alguns pintados e matrinchans.

A 15 transbordávamos, junto a um rápido de um metro de queda, e que elles dizem chamar-se "Salto Taunay".

A 16 o rio piorou, estando o leito sujo de paus e pedras. As barrancas aí são cobertas e a vista, em certos trechos é um encanto.

A 17 tentámos obter peixe, atirando algumas bombas nos poços, mas sem resultado.

A 18 deixámos o Curisêvu à esquerda e entrámos pelo rio Arame, que toma a direção de ceste, o que nos aproximará do Pôsto Simões Lopes. Sômente neste dia viajámos em águas do Arame, porque o rio está muito sêco. Acampámos num ponto que não tem nome, mas estávamos à vista de campos e aí deveríamos aguardar a tropa que regressaria do Pôsto Simões Lopes.

Com os trinta índios de diversas tribos e que nos vinham acompanhando, dei então início ao serviço antropométrico, sempre com grande dificuldade, só podendo obter algumas medidas em poucos pacientes: os outros se recusaram a isto, por julgarem ser feitiçaria nossa! . . .

Preparei um rancho e comecei também o trabalho de revelação dos filmes tomados em viagem. Também não fui feliz nisto, porque as noites eram sempre perturbadas pelas trovoadas, com relâmpagos, que me velavam as películas. Depois, começou a chover. Suspendi este serviço e fui tratar de doentes, que as febres palustres já tinham atacado, em numero de oito, incluindo os suíços.

Estávamos passando a palmito e alguma caça. Os índios, desde quatro dias, não tinham o que comer, a não ser alguma fruta do mato. Dávamo-lhes mingau de aveia, duas vezes por dia, alimento que lhes agradou muito. Havia entre eles duas mulheres UAURÁ. Todos tinham rêdes e o acampamento em breve tomou um aspecto de aldeamento. O Vasconcellos instalou-se num rancho de palhas, o Dr. Hintermann arranhou outro rancho para a sua gente e eu preferi o ar livre.

Havia ali uma certa ordem que, por intuição, determina hábitos. Quanto aos locais, a cozinha que estava junto ao rio, com caminhos que lá iam ter, era o ponto preferido das palestras. Os UAURÁ tinham seu rancho num bosque e à esquerda. Os MEINACO eram nossos vizinhos do lado direito e os Auêti do lado esquerdo. Os suíços, ao fundo, junto a um córrego, mas a poucos passos de nós.

O local era coberto por um taquaral ralo e que fôra queimado, dando acesso ao campo. Quem tivesse gosto pelo estudo de psicologia, podia notar as diferenças de pudor entre nós e os índios.

As nossas necessidades fisiológicas eram desobrigadas ali por perto e os suíços tinham as suas privadas mesmo junto aos ranchos. Alguns camaradas nossos procuravam a mata, outros erravam pelo campo. Mas os índios não deixavam traço, nem se lhes via menção de preferência por qualquer local. As suas adjacências estavam limpas, fato que não me escapou à percepção.

A falta de alimentação era motivo de pesar e mesmo de queixa, entre os nossos homens; mas entre os índios era natural que, com uma refeição diária, de meia dúzia de frutos silvestres, tão pequenos que me pareceram de insignificante sustento, pudessem eles passar tantos dias alegres e bem humorados. Outros não comiam, como o cacique Avaiatú, nobre coração na sua rude sentimentalidade. A saudade dos seus, a dúvida de que, voltando, pudesse ser hosti-

lizado pelas outras tribos se bem que a sua andasse com todos em boas graças, a incerteza do futuro ao lado de estranhos como nós, tudo isso o tornava indiferente a qualquer alimento. Com efeito, êle e Tauapi, eram os únicos da tribo Auêti que nos vinham acompanhando desde a foz do Curisêvu. Para voltar, como êles eram apenas dois, oferecemo-lhes uma das nossas canoas, já então desnecessária aos nossos trabalhos.

Realmente, arrojada era a viagem que iam empreender os dois chefes Auêti, isolados, rio abaixo, tantos dias seguidos com uma canôa atestada de presentes finos, como machados, facões, roupas e tudo o mais; atravessando territórios dos Anauquá, dos Uaurá dos Meinaco e dos Trumai, gente tôda ávida dessas riquezas. Ainda mais, êles não vinham armados, suas flechas e arcos tinham ficado na aldeia, pela muita confiança que lhes inspirávamos. Nem mesmo as suas rêdes êles trouxeram. Não é sublime semelhante gesto do índio? Pode-se abusar de semelhantes corações, ingênuos, honestos e bons?

A 22 a nossa tropa chegava de Simões Lopes pelas 19 horas, carregada de mantimentos e muitos presentes, que haviam sido requisitados para presentear aos índios, êstes num total de 30 indivíduos.

No dia seguinte fizemos a distribuição, por igual, de machados, facões, facas, linhas de costura, agulhas, anzóis, roupas, que constavam de calças e camisas de brim mescla, chapéu de palha e contas. Foi um dia de gratas emoções para os nossos índios, cujo contentamento tocava os limites da embriaguez. Tanto fôra para nós como se os tesouros do oriente se abrissem aos nossos olhos e as fadas da terra dos sonhos nos cumulassem dessas riquezas que só existem nas narrações das "Mil e uma Noites". Nunca mais êles se esquecerão dêsse dia glorioso, que doravante entraria para o glossário das tradições da tribo e seria contada aos descendentes, nas noites de luar, nos congressos da aldeia e talvez em cantares maternais no berço das gerações que virão despontando...

A 24 deixámos o acampamento, depois de nos têmos despedido dos índios, que deviam voltar para suas aldeias.

Seguimos em direção ao Pôsto Simões Lopes, passando a 25 o rio Batovi, que dava ainda passagem a vau. Vasconcellos teve um acesso de febre nesse dia, logo combatido com medicamentos apropriados que levávamos.

A 27 chegávamos ao Pôsto. de volta da nossa longa expedição e dispúnhamos de providências para a viagem a Cuiabá. Terminando aqui o relato da viagem da expedição e estudos ao vale do Ronuro. apresento juntamente as fichas antropométricas que foram obtidas, para serem enviadas ao Museu Nacional e algumas fotografias que pude obter. porquanto, ocupado no serviço cinematográfico, cujo filme já foi preparado, não me fôra possível organizar uma documentação fotográfica em paralelo, sem um ajudante fotógrafo especial. O meu maior desejo foi o de corresponder à expectativa do nosso prezado Chefe, o Exmo. Sr. General Rondon, que me distinguiu com tão honrosa comissão e de cujo prestígio e direção muito nos desvanecemos cada vez mais dignificados pela sua sábia orientação, estimulados pelo seu exemplo de abnegação e patriotismo, em tudo o que concerne ao engrandecimento e prosperidade do nosso caro Brasil.

Rio de Janeiro. 15 de fevereiro de 1925.

(a) Capitão LUIZ THOMAZ REIS Ajudte

ANEXO N.º 5

EXPEDIÇÃO AO RIO RONURO

A ANTRÓPOMETRIA APLICADA AOS ÍNDIOS DO CURISÊVU E OUTROS

RELATÓRIO APRESENTADO PELO CAP. LUIZ THOMAZ REIS,
ENCARREGADO TAMBÉM DO SERVIÇO ANTROPOMÉTRICO

Tendo sido incumbido de obter medidas antropométricas dos nossos índios, no decorrer da nossa expedição, apresento, junto a esta memória, o resultado do meu trabalho, executado não sem grande esforço.

Em Simões Lopes pude trabalhar com relativa facilidade, por isso que os BACAIRI nenhuma oposição fizeram a que se lhes applicassem as medidas, com os vários instrumentos adequados. Mas, no Curisêvu, os índios daquela zona, ainda bisonhos no que condiz aos nossos usos, resistiram, poucos se deixando medir.

Não fui o primeiro a ensaiar essas medidas, interessantes sob o ponto de vista dos estudos antropológicos. Antes de mim, o nosso estimado companheiro, o Dr. Roquette Pinto, Chefe d'este departamento no nosso Museu Nacional, obtivera entre os Nhambiquara e Pareci, medidas perfeitas, o que mais uma vez atestou a capacidade que lhe é peculiar a êste respeito.

Tendo-me entendido com êle, antes de partir, adquiri os instrumentos necessários a essas medidas, a saber: Uma régua graduada de dois metros de altura; duas trenas de aço de um metro; cordões para medidas exteriores; um compasso craneométrico de grossuras; uma régua graduada de correição ou compasso-cursor de metal, craneométrico; um dinamômetro, com asas para extensão; uma balança portátil e um espirômetro, para medir a pressão pulmonar.

Do Dr. Roquette Pinto, levei as notas necessárias, para obter com proveito as fichas antropométricas individuais, de acôrdo com o modelo adotado pelo nosso Museu.

O nosso companheiro, Dr. Hintermann, também levou excelentes instrumentos, para tal fim, mas as suas fichas, em alemão, eram mais próprias para o estudo do esqueleto, não tendo êle trazido os modelos de "touriste", não sei porque. Por isso êle não pôde obter nenhuma ficha ao vivo, pois esqueletos não são facilmente encontrados, sem falar no tempo que êle gastaria para medir um esqueleto humano com 188 ossos.

A antropometria é o estudo das proporções dos diversos membros de que se compõe o corpo humano. Os caracteres antropométricos que devem ter por mira o esqueleto humano, nos métodos das medidas, são a base para o estudo comparativo do homem na coletividade humana, seja sob o ponto de vista artístico ou científico.

Além destes, há ainda a considerar os caracteres descritivos, uns e outros como complemento dos caracteres físicos obtidos pelo exame dos órgãos internos do homem.

Os caracteres descritivos são os que podem ser observados pelo aspecto exterior do corpo, como a cor da pele, dos olhos, enfim o que concerne aos diversos órgãos dos sentidos e da reprodução.

Ainda podíamos aqui nos referir aos caracteres fisiológicos, como a duração da vida, os crescimentos, a hereditariedade, a influência dos meios, o pêso do corpo, a força muscular, as funções respiratórias, intelectuais e digestivas, enfim os estados patológicos inerentes ao tipo humano.

Cito estas definições para apresentar, até certo ponto, o que de importante para a antropologia seria o estudo das nossas tribos indígenas, sob todos estes aspectos.

Vem em seguida o estudo dos caracteres étnicos, linguísticos, históricos, arqueológicos, para depois estabelecer o tipo antropológico americano, no seu ramo ou dependência étnica.

E' estudo de grande relevância para o sábio que se ocupa, no seu gabinete, em longas horas de meditação, dos destinos do homem no planeta.

Não há dúvida, porém, de que nós precisamos focalizar estes conhecimentos no nosso país a fim de estabelecer o tipo do nosso índio.

Tenho a certeza de que esta questão deve estar sendo tratada com o interesse que merece pelo Dr. Roquette Pinto, incansável

antropologista patricio, e as fichas que forem sendo tomadas, no sertão, deverão ir contribuindo para o successo destes estudos.

No Pôsto Simões Lopes reuni os BACAIRI nos limites da idade de 30 anos e tomei dêles as fichas que vão aqui junto e que são cópia dos originaes que tenho.

Estas fichas podem ser enviadas ao nosso Museu. E' interessante fazer algumas comparações sôbre os números que achei e que aqui vão.

Os talhes dêste grupo ethnográfico, pelas fichas junto, estão comprehendidos entre 1m,56 e 1m,64 e a média geral pode ser reduzida, nos dez talhes medidos, a 1m,60, quer dizer, *talhes* abaixo da média conforme Topinard, que classifica os talhes em: *altos*, quando acima de 1m,70; *acima do médio*, de 1m,70 a 1m,65; *abaixo do médio* entre 1m,65 e 1m,60; e *pequenos talhes* os que se observam abaixo de 1m,60.

Quanto às mulheres, sendo o seu talhe sempre inferior ao do homem, nenhuma observação tem importância aqui quanto às medidas respectivas.

Passemos a considerar as medidas da cabeça. As medidas antero-posterior-cefálico e transverso-cefálico dão o *Índice Cefálico*, que tem por fórmula:

$$\frac{\text{Transverso} \times 100}{\text{Antero-posterior}}$$

quer dizer, a relação *transverso*, multiplicado por 100 e dividido pela medida *antero-posterior*. Para isto podemos comparar as medidas dos dez tipos-homens, a saber:

Índice-cefálico

Barnabé	0,77
Affonso	0,79
Luiz José	0,77
Bernardino	0,77
João José	0,80
João de Souza	0,83
Marica	0,82
Joaquim	0,78
Gonçalo	0,79
Jacinto	0,82
Manoel Joaquim	0,81
Manoel	0,77
Miguel	0,73
José Pires	0,79

Este números dão a média geral de 80,1 para os BACAIRI. Subtraindo duas unidades, para o *desconto de Broca*, considerando a espessura do couro-cabelo, teremos a medida do crânio com a média de 78,1, que é a média encontrada por M. Argellies para os árabes e os bérberes.

Deixo de entrar em considerações sôbre as mulheres, por constituir isto particularidade do meu relatório e convir mais aos estudos do gabinete do Museu Nacional.

Quanto aos dois índios CAMAIURÁ do baixo-Curisêvu, a média encontrada é de 79,5, donde, deduzidas duas unidades, se encontra como resultado: 77,5 — quase a média dos Bérberes e dos Inglêses, do mesmo autor. Mas o número não é de molde a estabelecer um grupo e apenas serve para uma observação de alguma importância.

Em seguida vem um AUÊTI, com 81; depois dois UAURÁ, com média 85 e um MEINACO com 76. Enfim, a média dos grupos do Curisêvu e do Culuêne, os quais pelo que vi, me pareceram a mesma família, tão semelhantes eram os tipos.

Uacamum	77
Auêjê	82
Taiupala	83
Anacatú	81
Tauapi	83
Huí	76

Média 80,3, que, diminuída de duas unidades nos dá: 78,3, que é a média encontrada para os suecos e inglêses, do mesmo autor. Tôdas estas médias colocam os índices cefálicos dos nossos índios mais na categoria dos mesaticéfalos. Conforme Broca, os índices Dolicocéfalos e Sub-dolicocéfalos, vão de 75 a 77. Depois vêm os Mesaticéfalos até 80. A seguir os sub-braquicéfalos e braquicéfalos de 80 para cima.

Os primeiros são de cabeça alongada, os últimos de cabeças redondas. Entre um e outro os mesaticéfalos, o meio têrmo, estão compreendidos os índices cefálicos dos Bacairi e outros do Curisêvu. Aliás me parece o índice geral da maioria das raças caboclas do interior e seus consangüneos.

Passemos às considerações sôbre a *Grande Envergadura* ou medida tomada no individuo de extremo a extremo do dedo médio das mãos, estando os braços estendidos em cruz: ela é uma das

que caracterizam certos indivíduos ou raças. E' sabido que os macacos têm esta medida maior que a altura, em grande desproporção; nos negros ela é mais longa que nos brancos.

A grande envergadura passa de alguns centímetros da altura no homem, numa relação de 89 por mil, isto é, para a altura de 1.000 milímetros ela varia de 1 a 89 milímetros a mais. Nos macacos ela varia de 400 a 600 por mil.

Eis a relação que encontrei, depois do estudo das respectivas fichas, para a *Grande Envergadura* dos BACAIRI, referindo tudo ao talhe de 1 metro, tomado como unidade:

	Grande envergadura	Relação por 100
Barnabé	1.77	1.07
Affonso	1.69	1.06
Luiz José	1.72	1.09
Bernardino	1.76	1.08
João José	1.70	1.08
João de Souza	1.72	1.06
Marica	1.66	1.06
Joaquim	1.85	1.06
Gonçalo	1.75	1.08
Jacinto	1.75	1.08
Manoel Joaquim	1.68	1.02
Manoel	1.70	1.04
Miguel	1.74	1.07
José Pires	1.74	1.07

A média geral para o grupo Bacairi dá a *grande envergadura* de 1,06 reduzido a 100 de estatura. Quanto ao grupo do Culisêvu:

Uacamum	1.73	1.09
Auêjê	1.65	1.02
Taiupala	1.58	1.02
Anacatú	1.67	1.08
Tauapi	1.68	1.09
Huí	1.74	1.07

Donde resulta a mesma média de 1.06 para a *grande envergadura*.

Quanto à circunferência torácica, medida importante para o julgamento das boas qualidades físicas do homem, abaixo vão os números que encontrei, convindo lembrar que a relação por 100 desta média é maior nas raças brancas que nas outras, conforme a presunção do autor. A meu ver, os nossos índios deveriam então

constituir uma exceção, pois as médias que encontrei vão além da normal achada para os europeus:

	<i>Conferência do peito</i>	<i>Relação por 100 para o talhe de 1^m</i>
Bernabé	0,89	53,9
Affonso	0,93	58,4
Luiz José	0,94	60,2
Bernardino	0,98	60,1
João José	0,95	60,5
João de Souza	0,87	53,3
Marica	0,90	57,6
Joaquim	0,99	57,2
Gonçalo	0,93	58,7
Jacinto	0,93	57,7
Manoel Joaquim	0,90	55,2
Manoel	0,95	58,5
Miguel	0,92	56,7
José Pires	0,92	56,7

Média de 57,4 para a relação por 100 da circunferência do peito; e para o grupo do Curisêvu:

Uacamum	0,95	59,7
Auêjê	0,94	58,7
Taiupala	0,95	61,6
Anacatú	0,95	62,0
Tauapi	0,95	62,0
Hui	0,93	57,0

Média geral do grupo acima: 60,1. Considerando que a média de Topinard, para os europeus, está compreendida entre 56 e 53; bem como, para os negros, entre 50 e 48, não é desanimador para o nosso grupo bacairi a média de 57,4 ou a de 60,1 para os do Curisêvu.

Quanto às considerações sobre o pêso e força, deixo de registar qualquer número ou relação, porquanto o autor, por cujos ensinamentos nos guiamos, não acha que o pêso possa constituir um atributo de grande importância para o juízo dos estudos antropológicos e, êle nota que uma pessoa pode ter uma super-nutrição, pesar muito e ser entretanto fraca sob outros aspectos, ou estar em inferioridade física, quanto a outro que pese menos.

Há outros números que poderiam ser tomados em consideração, para demonstrar que as sociedades humanas que habitam o

Culuêne e o Culisêvu, são em tudo iguais às suas congêneres da América ou da Europa. Isto, entretanto, já está provado pelos estudos do Dr. Roquette Pinto; no seu livro "Rondonia", onde êle regista os estudos de Ehrenreich. Êste último cientista fez estudos antropológicos entre os índios do Culuêne e do Culisêvu, e de outras tribos e não encontrou nenhum de má conformação individual ou anormal.

As fichas que tomei durante a viagem vêm em apoio do que diz Ehrenreich.

Com tempo e contando-se com um especialista nestes estudos, poderiam ser feitas observações melhores entre estas tribos; nós, porém, tínhamos poucos recursos para enfrentar tal objetivo. Eu tinha o trabalho cinematográfico ainda a executar e o tempo que passámos entre êles foi muito reduzido, para uma aplicação mais geral do estudo dos grupos ou séries.

LUIZ THOMAZ REIS. Capitão

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacauri

Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldéia, Pósto Simões Lopes

Nome, Bernardo

Idade presumível, 30 anos

Sexo, masculino

Cabelos, pretos.

Pele, morena clara

Olhos, castanhos escuros

Pêlos, tem alguns

Estado físico, bom

1 Referência aos clichês número

Estatura, 1,65	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,054
do mento, 1,41	Envergadura, 1,77	Segmento digest., 0,609
da fúrcula, 1,36.	Circunf. horiz. crânio, 0,58	Naso alveolar, 0,069
do xifóide, 1,20	Arco naso-íneo, 0,59	Largura do nariz, 0,044
do umbigo, 1,05	Curva biauricular, 0,56	Naso mentonero, 0,126
do púbis, 0,88	Circunf. torácica, 0,89	Biorbitário externo, 0,099
do cond. audit., 1,55	Circunf. abdominal, 0,80	Biorbitário interno, 0,04
da espádua dir., 1,58	Antero post. cefal., 0,20	Pêso, quilos, 70
do médio dir., 0,59	Transverso cefal., 0,155	Espirômetro, 200
da espádua esq. 1,57	Bizigomático, 0,142	Dinamômetro, pressão, 60
do médio esq., 0,57	Bigônio, 0,121	Dinamômetro extensão, 425
do busto, 0,58	Segmento cerebral, 0,062	

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Aldeia, Pósto Simões Lopes

*Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro*

*Idade presumível, 32 anos
Cabelos, pretos
Olhos, castanhos escuros
Estado físico, bom*

*Nome, Afonso
Sexo, masculino
Pele, morena clara
Pêlos, poucos*

Estatura, 1,59	Altura da cabeça.....	Segmento respir., 0,053
.....do mento, 1,575	Envergadura, 1,69	Segmento digest., 0,08
.....da fúrcula, 1,51	Circunf. horiz. crânio, 0,53	Naso alveolar, 0,069
.....do xifóide, 1,15	Arco naso-íno, 0,37	Largura do nariz, 0,059
.....do umbigo, 0,96	Curva biauricular, 0,32	Naso mentoneiro, 0,127
.....do púbis, 0,85	Circunf. torácica, 0,95	Biorbitário externo, 0,09
.....do cond. audit., 1,565	Circunf. abdominal, 0,85	Biorbitário interno, 0,041
.....da espádua dir., 1,53	Ântero post. cefál., 0,181	Pêso, quilos, 68
.....do médio dir., 0,59	Transverso cefál., 0,143	Espirômetro, 180
.....da espádua esq., 1,52	Bizigomático, 0,127	Dinamômetro, pressão, 40
.....do médio esq. 0,59	Bigônio, 0,102	Dinamômetro extensão, 450
.....do busto, 0,60	Segmento cerebral, 0,053	

Referência aos clichês número 2

Data, julho, 1924

Ascr., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi

Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldéia, Pósto Simões Lopes

Nome, Luis José

Sexo, masculino

Pele, morena

Pêlos, poucos

Idade presumível, 27 anos

Cabelos, pretos.

Olhos, castanhos escuros

Estado físico, bom

Referência aos clichês número

Estatura, 1,565	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,055
do mento, 1,555	Envergadura, 1,72	Segmento digest., 0,075
da fórcula, 1,295	Circunf. horiz. crânio, 0,53	Naso alveolar, 0,075
do xifóide, 1,02	Arco naso-inio, 0,56	Largura do nariz, 0,057
do umbigo, 0,99	Curva biauricular, 0,55	Naso mentoneiro, 0,125
do púbis, 0,92	Circunf. torácica, 0,94	Biorbitário externo, 0,087
do cond. audit., 1,445	Circunf. abdominal, 0,77	Biorbitário interno, 0,055
da espádua dir., 1,50	Ântero post. cefál., 0,185	Pêso, quilos, 62
do médio dir., 0,51	Transverso cefál., 0,144	Espirômetro, 200
da espádua esq., 1,52	Biangular, 0,121	Dinamômetro, pressão, 60
do médio esq., 0,55	Bigônio, 0,106	Dinamômetro extensão, 400
do busto, 0,50	Segmento cerebral, 0,075	

Data, julho, 1924

A. c., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi

Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldeia, Pôsto Simões Lopes

4

Nome, Bernardino

Sexo, masculino

Pele, morena

Pêlos, tem poucos

Idade presumível, 40 anos

Cabelos, pretos

Olhos, pretos

Estado físico, bom

Estatura, 1,632

.....do mento, 1,40

.....da fúrcula, 1,35

.....do xifoide, 1,18

.....do umbigo, 1,00

.....do púbis, 0,845

.....do cond. audit., 1,485

.....da espádua dir., 1,334

.....do médio dir., 0,56

.....da espádua esq. 1,354

.....do médio esq., 0,61

.....do busto, 0,58

Altura da cabeça

Envergadura, 1,765

Circunf. horiz. crânio, 0,52

Arco naso-ínio, 0,57

Curva biauricular, 0,56

Circunf. torácica, 0,98

Circunf. abdominal, 0,89

Ântero post.-cefal., 0,186

Transverso cefal., 0,145

Bizigomático, 0,122

Bigônio, 0,11

Segmento cerebral, 0,071

Segmento respir., 0,054

Segmento digest., 0,084

Naso alveolar, 0,068

Larvura do nariz, 0,041

Naso mentoneiro, 0,131

Biorbitário externo, 0,091

Biorbitário interno, 0,032

Pêso, quilos, 77

Espirômetro, 225

Dinamômetro, pressão, 65

Dinamômetro extensão, 425

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Referência aos clichês número



(1) Estas gravuras numeradas de 1 a 24 (em cuja serie falta o n. 22. perdido no sertão), correspondem, respectivamente, às fichas de págs. 124-148.

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi

Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldeia, Pósto Simões Lopes

Nome, João José

Sexo, masculino

Pele, morena

Pelos, poucos

Idade presumível, 30 anos

Cabelos, pretos

Olhos, castanhos escuros

Estado físico, regular

Referência aos clichês número 5

Estatura, 1,572	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,05
do mento, 1,552	Envergadura, 1,70	Segmento digest., 0,074
da fúrcula, 1,50	Circunf. horiz. crânio, 0,54	Naso alveolar, 0,06
do xifóide, 1,12	Arco naso-íneo, 0,57	Largura do nariz, 0,042
do umbigo, 0,94	Curva biauricular, 0,535	Naso mentoneiro, 0,114
do púbis, 0,87	Circunf. torácica, 0,95	Biorbitário externo, 0,094
do cond. áudit., 1,45	Circunf. abdominal, 0,82	Biorbitário interno, 0,053
da espádua dir., 1,50	Antero post. cefal., 0,187	Pés, quilos, 62
do médio dir., 0,554	Transverso cefal., 0,150	Espirômetro, 212
da espádua esq. 1,50	Bigônio, 0,110	Dinamômetro, pressão, 45
do médio esq., 0,56	Segmento cerebral, 0,059	Dinamômetro, extensão, 500
do busto, 0,526		

Data, 8 de setembro de 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo *Etnográfico*, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro
 Aldeia, Pósto Simões Lopes

Nome, João de Souza
 Idade *presumível*, 30 anos

Sexo, masculino,
 Cabelos, pretos

Pele, parda, (moreno claro)

Pelos, poucos
 Olhos, pretos
 Estado *flúico*, regular

Estatura, 1,63	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,049
...do mento, 1,44	Envergadura, 1,72	Segmento digest., 0,066
...da fúrcula, 1,54	Circunf. horiz. crânio, 0,53	Naso alveolar, 0,062
...do xifóide, 1,16	Arco naso-íneo, 0,36	Largura do nariz, 0,038
...do umbigo, 1,00	Curva biauricular, 0,33	Naso mentoneiro, 0,113
...do púbis, 0,90	Circunf. torácica, 0,87	Biorbitário externo, 0,086
...do cond. audit., 1,516	Circunf. abdominal, 0,76	Biorbitário interno, 0,054
...da espádua dir., 1,57	Ântero post. cefál., 0,179	Pêso, quilos, 55
...do médio dir., 0,59	Transverso cefál., 0,149	Espirômetro, 220
...da espádua esq., 1,57	Bizigomático, 0,12	Dinamômetro, pressão, 45
...do médio esq., 0,615	Bigônio, 0,11	Dinamômetro extensão, 350
...do busto, 0,55	Segmento cerebral, 0,063	

Referência aos clichês número 6

Data, 8 de setembro de 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi

Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldéia, Pôsto Simões Lopes

Nome, Marica,

Sexo, masculino

Pele, pardo (moreno claro)

Pêlos, poucos

Idade presumível, 40 anos

Cabelos, pretos

Olhos, pretos

Estado físico, regular

7

Referência aos clichês número

Estatutura, 1,56	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,053
...do mento, 1,37	Envergadura, 1,66	Segmento digest., 0,072
da fúrcula, 1,30	Circunf. horiz. crânio, 0,51	Naso alveolar, 0,062
do xifóide, 1,14	Arco naso-íneo, 0,58	Largura do nariz, 0,058
do umbigo, 0,945	Curva biaricular, 0,54	Naso mentoneiro, 0,12
do púbis, 0,84	Circunf. torácica, 0,90	Biorbitário externo, 0,091
do cond. audit., 1,442	Circunf. abdominal, 0,86	Biorbitário interno, 0,028
da espádua dir., 1,515	Ântero post. cefal., 0,175	Pêso, quilos, 60
do médio dir., 0,586	Transverso cefal., 0,144	Espirômetro, 200
da espádua esq., 1,55	Biangular, 0,125	Dinamômetro, pressão, 50
do médio esq., 0,596	Bigônio, 0,11	Dinamômetro extensão, 550
do busto 0,555	Segmento cerebral, 0,074	

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Aldeia, Pôsto Simões Lopes

Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Nome, Joaquim
Sexo, masculino
Pele, morena clara
Pelos, poucos
Idade presumível, 24 anos
Cabelos, pretos
Olhos, castanhos escuros
Estado físico, bom

8 Referência aos clichês número

Estatura, 1,73	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,061
.....do mento, 1,495	Envergadura, 1,85	Segmento digest., 0,08
.....da fúrcula, 1,42	Circunf. horiz. crânio, 0,56	Naso alveolar, 0,073
.....do xifóide, 1,225	Arco naso-ínio, 0,385	Largura do nariz, 0,044
.....do umbigo, 1,05	Curva biauricular, 0,56	Naso mentoneiro, 0,125
.....do púbis, 0,96	Circunf. torácica, 0,99	Biorbitário externo, 0,099
.....do cond. audit., 1,58	Circunf. abdominal, 0,88	Biorbitário interno, 0,035
.....da espádua dir., 1,415	Ântero post. cefál., 0,192	Pêso, quilos, 76
.....do médio dir., 0,60	Transverso cefál., 0,15	Espirômetro, 200
.....da espádua esq., 1,43	Bizigomático, 0,125	Dinamômetro, pressão, 45
.....do médio esq., 0,653	Bigônio, 0,113	Dinamômetro. extensão, 400
.....do busto, 0,57	Segmento cerebral, 0,063	

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis



Comissão de Linhas Telegráficas Estrategicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratorio de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Investigado, Bacairi

Situação Geográfica, Colheitas do Komru

Idade, Posto Simões, Lopes

Nome, Gonçalo

Sexo, masculino

Prof, mercava

Prof, ponceis

Idade presumível, 40 anos

Cabelos, pretos

Olhos, pretos

Estado físico, bom

Estatura, 1,616

do mento, 1,396

da lareola, 1,32

do vértice, 1,443

do umbigo, 0,933

do pulso, 0,884

do cond. audit., 1,49

da espadua dir., 1,317

do médio dir., 0,586

da espadua esp., 1,319

do médio esp., 0,58

do braço, 0,39

Altura da cabeça

Encargadura, 1,75

Circunf. horiz. crânio, 0,54

Arco meso-uro, 0,373

Curva laminar, 0,534

Circunf. torácica, 0,933

Circunf. abdominal, 0,81

Antero post. cefal., 0,182

Transversal cefal., 0,143

Bisagmático, 0,124

Bigônio, 0,11

Segmento cerebeal, 0,068

Segmento respir., 0,034

Segmento digest., 0,072

Naso alveolar, 0,074

Largura do nariz, 0,040

Naso mentonero, 0,13

Bordado externo, 0,090

Bordado interno, 0,033

Peso, quilos, 68

Esplanométrico, 1,5

Dinamométrico, pressão, 40

Dinamométrico extenso, 3,0

Data julho, 1924

Luz, Capitão Thomas Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi

Situação Geográfica, Cabeceiras do Romuro

Aldéia, Posto Simões Lopes

Nome, Gonçalo
Sexo, masculino
Pele, morena
Pêlos, poucos

Idade presumível, 40 anos
Cabelos, pretos
Olhos, pretos
Estado físico, bom

Estatura, 1,616
do mento, 1,596
da fúrcula, 1,52
do xifóide, 1,145
do umbigo, 0,955
do púbis, 0,884
do cond. audit., 1,49
da espádua dir., 1,547
do médio dir., 0,586
da espádua esp., 1,522
do médio esp., 0,58
do busto, 0,59

Altura da cabeça
Envergadura, 1,75
Circunf. horiz. crânio, 0,51
Arco naso-íneo, 0,375
Curva biaricular, 0,545
Circunf. torácica, 0,955
Circunf. abdominal, 0,81
Antero-post. cefál., 0,182
Transverso cefál., 0,145
Bizigomático, 0,124
Bigônio, 0,11
Segmento cerebral, 0,068

Segmento respir., 0,054
Segmento digest., 0,072
Naso alveolar, 0,071
Largura do nariz, 0,040
Naso mentoneiro, 0,125
Biorbitário externo, 0,090
Biorbitário interno, 0,055
Pêso, quilos, 68
Espirômetro, 175
Dinamômetro. pressão, 40
Dinamômetro extensão, 550

Data, julho, 1924

Acc., Capitão Thomaz Reis

Referência aos clichês número 9

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro
Aldeia, Pôsto Simões Lopes

10

Nome, Jacinto

Sexo, masculino

Pele, morena escura

Pelos, poucos

Idade presumível, 33

Cabelos, pretos

Olhos, pretos

Estado físico, bom

Estatura, 1,612

...do mento, 1,41

...da fúrcula, 1,34

...do xifóide, 1,137

...do umbigo, 0,954

...do púbis, 0,863

...do cond. audit., 1,482

...da espádua dir., 1,544

...do médio dir., 0,572

...da espádua esq., 1,35

...do médio esq., 0,598

...do busto, 0,56

Altura da cabeça

Envergadura, 1,75

Circunf. horiz. crânio, 0,52

Arco naso-íneo, 0,37

Curva biauricular, 0,35

Circunf. torácica, 0,93

Circunf. abdominal, 0,83

Ântero post. cefál., 0,175

Transverso cefál., 0,145

Bizigomático, 0,128

Bigônio, 0,10

Segmento cerebral, 0,062

Segmento respir., 0,058

Segmento digest., 0,073

Naso alveolar, 0,068

Largura do nariz, 0,04

Naso mentoneiro, 0,118

Biorbitário externo, 0,091

Biorbitário interno, 0,033

Pêso, quilos, 62

Espirômetro, 275

Dinamômetro, pressão, 40

Dinamômetro extensão, 400

Referência aos clichês número

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro
Aldeia, Posto Simões Lopes

Nome, Manuel Joaquim
Sexo, masculino
Pele, morena clara
Pêlos, poucos
Idade presumível, 34 anos
Cabelos, pretos
Olhos, pretos
Estado físico, bom

Referência aos clichês número

11

Estatura, 1,655	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,054
do mento, 1,427	Envergadura, 1,68	Segmento digest., 0,081
da fúrcula, 1,342	Circunf. horiz. crânio, 0,53	Naso alveolar, 0,073
do xifóide, 1,185	Arco naso-úno, 0,57	Largura do nariz, 0,041
do umbigo, 0,99	Curva biauricular, 0,545	Naso mentoneiro, 0,13
do púbis, 0,885	Circunf. torácica, 0,90	Biorbitário externo, 0,085
do cond. audit., 1,52	Circunf. abdominal, 0,84	Biorbitário interno, 0,034
da espádua dir., 1,55	Antero post. cefal., 0,179	Pêso, quilos, 68
do médio dir., 0,594	Transverso cefal., 0,146	Espirômetro, 200
da espádua esq., 1,367	Bizigomático, 0,154	Dinamômetro, pressão, 60
do médio esq., 0,60	Bigônio, 0,109	Dinamômetro extensão, 450
do busto, 0,577	Segmento cerebral, 0,061	

Data, julho, 1924

Acc., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação, Geográfica, Cabeceiras do Ronuro,

Aldéia, Pôsto Simões Lopes

Nome, Manuel

Idade presumível, 38 anos

Sexo, masculino

Cabelos, pretos

Pele, morena clara (pardo)

Olhos, castanhos claros

Pelos, poucos

Estado físico, bom

Estatutura, 1,63

Altura da cabeça.....

.....do mento, 1,385

Envergadura, 1,70

.....da fúrcula, 1,515

Circunf. horiz. crânio, 0,535

.....do xifóide, 1,142

Arco naso-inio, 0,375

.....do umbigo, 0,955

Curva biauricular, 0,350

.....do púbis, 0,83

Circunf. torácica, 0,955

.....do cond. audit., 1,483

Circunf. abdominal, 0,860

.....da espádua, dir., 1,34

Ântero post. cefál., 0,184

.....do médio dir., 0,59

Transverso cefál., 0,142

.....da espádua esq., 1,34

Bizigomático, 0,129

.....do médio esq., 0,615

Bigônio, 0,110

.....do busto, 0,567

Segmento cerebral, 0,063

Segmento respir., 0,057

Segmento digest., 0,083

Naso alveolar, 0,075

Largura do nariz, 0,038

Naso mentoneiro, 0,127

Biorbitário externo, 0,085

Biorbitário interno, 0,027

Pêso, quilos, 67

Espirômetro, 150

Dinamômetro, pressão, 50

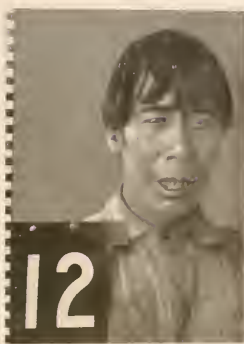
Dinamômetro extensão, 350

12

Referência aos clichês número

Data, junho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis



Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi

Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldéia, Pósto Simões Lopes

Nome, Miguel

Idade presumível, 40 anos

Sexo, masculino

Cabelos, pretos.

Pele, parla (morena clara)

Olhos, castanho escuro

Pelos, poucos

Estado físico, bom

13

Referência aos clichês número

Estatura, 1,62	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,050
do mento, 1,584	Envergadura, 1,74	Segmento digest., 0,074
da fúrcula, 1,510	Circunf. horiz. crânio, 0,555	Naso alveolar, 0,067
do xifóide, 1,110	Arco naso-nio, 0,58	Largura do nariz, 0,044
do umbigo, 0,942	Curva biarticular, 0,53	Naso mentoneiro, 0,125
do púbis, 0,860	Circunf. torácica, 0,92	Biorbitário externo, 0,086
do cond. audit., 1,475	Circunf. abdominal, 0,80	Biorbitário interno, 0,050
da espádua dir., 1,530	Ântero post. cefál., 0,184	Peso, quilos, 58
do médio dir., 0,570	Transverso cefál., 0,156	Espirômetro, 200
da espádua esq., 1,524	Bizigomático, 0,125	Dinamômetro, pressão, 45
do médio esq., 0,596	Bígônio, 0,107	Cinamômetro extensão, 550
do lacto, 0,551	Segmento cerebral, 0,061	

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Re-

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro
Aldeia, Pôsto Simões Lopes

Nome, José Pires
Sexo, masculino
Pele, morena
Pelos, poucos
Idade presumível, 35 anos
Cabelos, pretos
Olhos, pretos
Estado físico, bom

— 138 —

Referência aos clichês número 14

	Altura da cabeça.	
Estatura, 1,62	Altura da cabeça.	Segmento respir., 0,057
...do mento, 1,41	Envergadura, 1,74	Segmento digest., 0,078
...da fúrcula, 1,32	Circunf. horiz. crânio, 0,55	Naso alveolar, 0,070
...do xifóide, 1,153	Arco naso-íneo, 0,36	Largura do nariz, 0,041
...do umbigo, 0,962	Curva biauricular, 0,34	Naso mentoneiro, 0,124
...do púbis, 0,89	Circunf. torácica, 0,92	Biorbitário externo, 0,091
...do cond. audit., 1,502	Circunf. abdominal, 0,83	Biorbitário interno, 0,033
...da espádua dir., 1,36	Antero post. cefál., 0,185	Pêso, quilos, 70
...do médio dir., 0,585	Transverso cefál., 0,147	Espirômetro, 210
...da espádua esq., 1,362	Bizigomático, 0,133	Dinamômetro, pressão, 75
...do médio esq., 0,592	Bigônio, 0,16	Dinamômetro extensão, 500
...do busto, 0,56	Segmento cerebral, 0,063	

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi

Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldéia, Pósto Simões Lopes

Nome, Benedita

Idade presumível, 26 anos

Sexo, feminino

Cabelos, pretos

Pele, morena

Olhos, castanhos

Pêlos

Estado físico, regular

15

Referencia aos clichés número

Estatura, 1,534	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,052
do mento, 1,30	Envergadura, 1,62	Segmento digest., 0,069
da fúrcula, 1,25	Circumf. horiz. crânio, 0,56	Naso alveolar, 0,065
do xifóide, 1,072	Arco naso-íneo, 0,59	Largura do nariz, 0,058
do umbigo, 0,912	Curva biauricular, 0,55	Naso mentoneiro, 0,118
do púbis, 0,86	Circumf. torácica, 0,89	Biorbitário externo, 0,091
do cond. audit., 1,40	Circumf. abdominal, 0,85	Biorbitário interno, 0,055
da espádua dir., 1,27	Ântero post. cefal., 0,19	Pêso, quilos, 60
do médio dir., 0,568	Transverso cefal., 0,145	Espirômetro, 125
da espádua esq., 1,265	Bizigomático, 0,115	Dinamômetro, pressão, 55
do médio esq., 0,558	Bigônio, 0,087	Dinamômetro extensão, 150
do busto, 0,52	Segmento cerebral, 0,065	

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Aldéia, Pôsto Simões Lopes

*Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro*

*Idade presumível, 50 anos
Cabelos, pretos
Olhos, castanhos
Estado físico, regular.*

*Nome, Augusta
Sexo, feminino
Pele, morena
Pêlos*

Referência aos clichês número 16

Estatura, 1,52	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,049
... do mento, 1,508	Envergadura, 1,58	Segmento digest., 0,075
... da fúrcula, 1,225	Circunf. horiz. crânio, 0,53	Naso alveolar, 0,067
... do xifóide, 1,065	Arco naso-ínio, 0,36	Largura do nariz, 0,043
... do umbigo, 0,892	Curva biauricular, 0,53	Naso mentoneiro, 0,104
... do púbis, 0,84	Circunf. torácica, 0,85	Biorbitário externo, 0,087
... do cond. audit., 1,382	Circunf. abdominal, 0,81	Biorbitário interno, 0,032
... da espádua dir., 1,26	Ântero post. cefál., 0,18	Pêso, quilos, 55
... do médio dir., 0,595	Transverso cefál., 0,142	Espirômetro, 127
... da espádua esq., 1,24	Bigomático, 0,129	Dinamômetro, pressão, 55
... do médio esq., 0,565	Bigônio, 0,096	Dinamômetro extensão, 225
... do busto, 0,51	Segmento cerebral, 0,057	

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis



Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo *Etnográfico*, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldeia, Pósto Simões Lopes

Nome, Nenê

Idade presumível, 28 anos

Sexo, feminino

Cabelos, pretos

Pele, morena

Olhos, pretos

Pelos

Estado físico, bom

Estatura, 1,517

do mento, 1,295

da fúrcula, 1,24

do xifóide, 1,075

do umbigo, 0,95

do púbis, 0,87

do cond. audit., 1,44

da espádua dir., 1,267

do médio dir., 0,577

da espádua esq., 1,224

do médio esq., 0,557

do busto, 0,507

Altura da cabeça

Envergadura, 1,60

Circunf. horiz. crânio, 0,52

Arco naso-íneo, 0,56

Curva biauricular, 0,55

Circunf. torácica, 0,87

Circunf. abdominal, 0,78

Antero post. cefal., 0,176

Transverso cefal., 0,157

Bizigomático, 0,114

Bigônio, 0,094

Segmento cerebral, 0,064

Segmento respir., 0,055

Segmento digest., 0,069

Naso alveolar, 0,07

Largura do nariz, 0,055

Naso mentoncoiro, 0,118

Biorbitário externo, 0,086

Biorbitário interno, 0,079

Péso, quilos, 50

Espirômetro, 115

Dinamômetro, pressão, 50

Dinamômetro extensão, 225

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro
Aldcia, Pósto Simões Lopes

Nome, Alzira
Sexo, feminino
Pele, morena
Pelos
Idade presumível, 26 anos
cabelos, pretos
Olhos, castanhos escuros
Estado físico, regular

18 Referência aos clichês número

Estatura, 1,545 ... do mento, 1,33 ... da fúrcula, 1,272 ... do xifóide, 1,15 ... do umbigo, 0,924 ... do púbis, 0,83 ... do cond. audit., 1,434 ... da espádua dir., 1,257 ... do médio dir., 0,584 ... da espádua esq., 1,251 ... do médio esq., 0,557 ... do busto, 0,57	Altura da cabeça Envergadura, 1,63 Circunf. horiz. crânio, 0,51 Arco naso-ino, 0,57 Curva biauricular, 0,53 Circunf. torácica, 0,85 Circunf. abdominal, 0,87 Ântero post. cefal., 0,186 Transverso cefal., 0,148 Bizigomático, 0,129 Bigônio, 0,098 Segmento cerebral, 0,06	Segmento respir., 0,05 Segmento digest., 0,07 Naso alveolar, 0,067 Largura do nariz, 0,037 Naso mentoneiro, 0,116 Biorbitário externo, 0,056 Biorbitário interno, 0,031 Pêso, quilos, 60 Espirômetro, 75 Dinamômetro, pressão, 20 Dinamômetro, extensão, 125
--	--	--

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo *Etnográfico*, Bacairi

Situação *Geográfica*, Cabeceiras do Ronuro

Aldéia, Pósto Simões Lopes

Nome, Idalina

Idade presumível, 24 anos

Sexo, feminino

Cabelos, pretos

Pele, morena-escura

Olhos, pretos

Pêlos

Estado físico, bom

19

Referência aos clichês número

Estatura 1,535	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,049
do mento, 1,517	Envergadura, 1,60	Segmento digest., 0,079
da fúrcula, 1,265	Circunf. horiz. crânio, 0,525	Naso alveolar, 0,065
do xifóide, 1,144	Arco naso-ímio, 0,57	Largura do nariz 0,037
do umbigo, 0,951	Curva biauricular, 0,555	Naso mentoneiro, 0,126
do púbis, 0,864	Circunf. torácica, 0,86	Biorbitário externo, 0,095
do cond. audit., 1,41	Circunf. abdominal, 0,72	Biorbitário interno, 0,056
da espádua dir., 1,24	Ântero post. cefal., 0,182	Pêso, quilos, 51
do médio dir., 0,547	Transverso cefal., 0,140	Espirômetro, 110
da espádua esq., 1,267	Bigonômico, 0,12	Dinamômetro, pressão, 40
do médio esq., 0,576	Bigônio, 0,092	Dinamômetro, extensão, 2,50
do busto, 0,487	Segmento cerebral, 0,05	

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeciras do Ronuro

Aldeia, Pósto Simões Lopes

Nome, Rosinha
Sexo, feminino
Pele, morena escura
Pelos

Idade presumível, 28 anos
Cabelos, pretos
Olhos, castanhos escuros
Estado físico, regular

Estatura, 1,464
.....do mento, 1,273
.....da fúrcula, 1,21
.....do xifóide, 1,06
.....do umbigo, 0,898
.....do púbis, 0,80
.....do cond. audit., 1,555
.....da espádua dir., 1,212
.....do médio dir., 0,50
.....da espádua esq., 1,242
.....do médio esq., 0,556
.....do busto, 0,497

Altura da cabeça
Envergadura, 1,56
Circunf. horiz. crânio, 0,50
Arco naso-íneo, 0,34
Curva biauricular, 0,33
Circunf. torácica, 0,82
Circunf. abdominal, 0,79
Ântero post. cefal., 0,170
Transverso cefal., 0,144
Bizigomático, 0,125
Bizigômio, 0,097
Segmento cerebral, 0,068

Segmento respir., 0,05
Segmento digest., 0,074
Naso alveolar, 0,068
Largura do nariz, 0,036
Naso mentoneiro, 0,122
Biorbitário externo, 0,093
Biorbitário interno, 0,037
Pêso, quilos, 45
Espirômetro, 125
Dinamômetro, pressão, 40
Dinamômetro, extensão, 270

Referência aos clichês número

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis



Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo *Etnográfico*, Bacairi
 Situação *Geográfica*, Cabeceiras do Ronuro
Aldéia, Pôsto Simões Lopes

Nome, Madalena
Idade presumível, 28 anos
Sexo, feminino
Cabelos, castanhos escuros
Pele, parda (moreno-clara)
Olhos, esverdeados (azeitona)
Pelos, Estado *físico*, regular

21

Referência aos clichês número

Estatura, 1,482	Altura da cabeça	Segmento respir., 0,051
do mento, 1,297.	Envergadura, 1,59	Segmento digest., 0,078
da fúrcula, 1,25	Circunf. horiz. crânio, 0,50	Naso alveolar, 0,074
do xifóide, 1,085	Arco naso-íneo, 0,35	Largura do nariz, 0,056
do umbigo, 0,92	Curva biauricular, 0,32	Naso mentoneiro, 0,122
do púbis, 0,785	Circunf. torácica, 0,84	Biorbitário externo, 0,085
do cond. audit., 1,375	Circunf. abdominal, 0,79	Biorbitário interno, 0,051
da espádua dir., 1,257	Ântero post. cefál., 0,174	Pêso, quilos, 47
do médio dir., 0,557	Transverso cefál., 0,142	Espirômetro, 75
da espádua esq., 1,25	Bizigomático, 0,129	Dinamômetro, pressão, 50
do médio esq., 0,545	Bigônio, 0,095	Dinamômetro, extensão, 225
do busto, 0,55	Segmento cerebral, 0,066	

Data, julho, 1924

Loc., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi

Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldéia, Pósto Simões Lopes

Nome, Nhandã

Sexo, feminino

Pele, parda

Pelos

Idade presumível, 25 anos

Cabelos, pretos

Olhos, pretos

Estado físico, bom. Tem um pé torto

22

Referência aos clichês número

Estatura, 1,504 do mento, 1,29 da fúrcula, 1,245 do xifóide, 1,15 do umbigo, 0,89 do púbis, 0,85 do cond. audit., 1,59 da espádua dir., 1,24 do médio dir., 0,545 da espádua esq., 1,242 do médio esq., 0,524 do busto, 0,507	Altura da cabeça Envergadura, 1,65 Circunf. horiz. crânio, 0,55 Arco naso-inio, 0,58 Curva biauricular, 0,53 Circunf. torácica, 0,90 Circunf. abdominal, 0,83 Antero post. cefal., 0,180 Transverso cefal., 0,144 Bizigomático, 0,119 Bigônio, 0,101 Segmento cerebral, 0,065	Segmento respir., 0,053 Segmento digest., 0,07 Naso alveolar, 0,07 Largura do nariz, 0,038 Naso mentoneiro, 0,123 Biorbitário externo, 0,096 Biorbitário externo, 0,056 Pêso, quilos, 59 Espirômetro, 110 Dinamômetro, pressão, 35 Dinamômetro, extensão, 200
--	--	---

(Deixa de ser publicada a fotografia correspondente a esta ficha, em virtude de extravio, no sertão).

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacuri

Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro

Aldeia, Pósto Simões Lopes

Nome, Teresa

Idade presumível, 26 anos

Sexo, feminino

Cabelos, pretos

Pele, morena

Olhos, castanhos escuros

Pêlos

Estado físico, bom

Estatura, 1,472

Altura da cabeça

do mento, 1,285
da fúrcula, 1,238
do xifóide, 1,122
do umbigo, 0,892
do púbis, 0,845
do cond. audit., 1,58
da espádua dir., 1,21
do médio dir., 0,55
da espádua esq., 1,25
do médio esq., 0,565
do busto, 0,47

Envergadura, 1,58
Circumf. horiz. crânio, 0,495
Arco naso-írio, 0,55
Curva biauricular, 0,525
Circumf. torácica, 0,84
Circumf. abdominal, 0,78
Antero post. cefal., 0,170
Transverso cefal., 0,141
Bizigomático, 0,125
Bigônio, 0,096
Segmento cerebral, 0,07

Segmento respir., 0,055
Segmento digest., 0,075
Naso alveolar, 0,07
Largura do nariz, 0,055
Naso mentoneiro, 0,125
Biorbitário externo, 0,095
Biorbitário interno, 0,066
Pésso, quilos, 50
Espirômetro, 75
Dinamômetro, pressão, 25
Dinamômetro, extensão, 125

23

Referência aos clichês número

Data, julho, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Bacairi
Situação Geográfica, Cabeceiras do Ronuro
Aldeia, Pósto Simões Lopes

Nome, Salustiana
Sexo, feminino
Pele, parda
Pêlos
Idade presumível, 37 anos
Cabelos, pretos
Olhos, castanhos escuros
Estado físico, regular

<p>Estatura, 1,46</p> <p>.....do mento, 1,265</p> <p>.....da fúrcula, 1,227</p> <p>.....do xifóide, 1,095</p> <p>.....do umbigo, 0,895</p> <p>.....do púbis, 0,81</p> <p>.....do cond. audit., 1,355</p> <p>.....da espádua dir., 1,19</p> <p>.....do médio dir., 0,522</p> <p>.....da espádua esq., 1,22</p> <p>.....do médio esq., 0,583</p> <p>.....do busto, 0,507</p>	<p>Altura da cabeça</p> <p>Divergadura, 1,57</p> <p>Circunf. horiz. crânio, 0,505</p> <p>Arco naso-íneo, 0,370</p> <p>Curva biauricular, 0,325</p> <p>Circunf. torácica, 0,83</p> <p>Circunf. abdominal, 0,77</p> <p>Ântero post. cefál., 0,176</p> <p>Transverso cefál., 0,142</p> <p>Bizigomático, 0,124</p> <p>Bigônio, 0,096</p> <p>Segmento cerebral, 0,07</p>	<p>Segmento respir., 0,053</p> <p>Segmento digest., 0,079</p> <p>Naso alveolar, 0,071</p> <p>Largura do nariz, 0,036</p> <p>Naso mentoneiro, 0,122</p> <p>Biorbitário externo, 0,092</p> <p>Biorbitário interno, 0,035</p> <p>Pêso, quilos, 50</p> <p>Espirômetro, 130</p> <p>Dinamômetro, pressão, 50</p> <p>Dinamômetro, extensão, 250</p>
--	---	--

Data, julho, 1924

Acc., Capitão Thomaz Reis



Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo *Ethnográfico*, Camaiurá
 Situação *Geográfica*, Baixo-Culuene

Aldéia, Pôrto do Culuene
Afluente, Xingu

Nome, Uacamum
 Sexo, masculino
 Pele, morena escura
 Pelos, não

Idade presumível, 30 anos
Cabelos, pretos
Olhos, pretos
Estado físico, bom

Estatura, 1,59
 do mento
 da fúrcula
 ... do xifóide
 do umbigo
 do púbis
 do cond. audit.
 da espádua dir.
 do médio tór.
 da espádua esq.
 do médio esq.
 do busto

Altura da cabeça
 Envergadura, 1,735
 Circunf. horiz. crânio, 0,51
 Arco naso-ino, 0,38
 Curva biauricular, 0,55
 Circunf. torácica, 0,95
 Circunf. abdominal
 Antero post. cefal., 0,185
 Transverso cefal., 0,143
 Bizigomático
 Bigônio
 Segmento cerebral

Segmento respir
 Segmento digest.
 Naso alveolar
 Largura do nariz
 Naso mentoncero
 Biorbitário externo
 Biorbitário interno
 Peso, quilo
 Espirômetro
 Dinamômetro, pressão, 60
 Dinamômetro, extensão, 550

Referência aos clichês número I

Data, setembro, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Camairá
Situação Geográfica, Baixo-Culuene

Aldeia, Pôrto Culuene

Nome, Auêjê

Idade presumível, 28 anos

Sexo, masculino

Cabelos, pretos

Pele, morena escura

Olhos, pretos

Pelos, não

Estado físico, bom

Estatura, 1,605

do mento.....	Altura da cabeça	Segmento respir.....
da fúrcula.....	Envergadura, 1,65	Segmento digest.....
do xifóide.....	Circunf. horiz. crânio, 0,56	Naso alveolar.....
do umbigo.....	Arco naso-íneo., 0,57	Largura do nariz.....
do púbis.....	Curva biauricular, 0,355	Naso mentoneiro.....
do cond. audit.....	Circunf. torácica, 0,94	Biorbitário externo.....
da espádua dir.....	Circunf. abdominal	Biorbitário interno.....
do médio dir.....	Ântero post. cefal., 0,184	Pêso, quilo.....
da espádua esq.....	Transverso cefal., 0,152	Espirômetro.....
do médio esq.....	Bigônio.....	Dinamômetro, pressão, 60
do busto.....	Segmento cerebral	Dinamômetro xtensão, 325

do mento.....	Altura da cabeça	Segmento respir.....
da fúrcula.....	Envergadura, 1,65	Segmento digest.....
do xifóide.....	Circunf. horiz. crânio, 0,56	Naso alveolar.....
do umbigo.....	Arco naso-íneo., 0,57	Largura do nariz.....
do púbis.....	Curva biauricular, 0,355	Naso mentoneiro.....
do cond. audit.....	Circunf. torácica, 0,94	Biorbitário externo.....
da espádua dir.....	Circunf. abdominal	Biorbitário interno.....
do médio dir.....	Ântero post. cefal., 0,184	Pêso, quilo.....
da espádua esq.....	Transverso cefal., 0,152	Espirômetro.....
do médio esq.....	Bigônio.....	Dinamômetro, pressão, 60
do busto.....	Segmento cerebral	Dinamômetro xtensão, 325

Data, setembro, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis



1-a (de frente)



1-a (de costas)



1-a (de lado)



2-a (de frente)



2-a (de costas)



2-a (de lado)

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Aueti (ou Auetê)
Situação Geográfica, Baixo-Curiçêvu
Aldeia, Aueti (ou Auetê)

Nome, Iayupala
Sexo, masculino
Pele, morena escura
Pêlos, poucos

Idade presumível, 55 anos
Cabelos, pretos
Olhos, pretos
Estado físico, bom

Estatura, 1,548
 do mento, 1,554
 da fúrcula, 1,28
 do xifóide, 1,11
 do umbigo, 0,925
 do púbis, 0,814
 do cond. audit., 1,425
 da espádua dir., 1,50
 do médio dir., 0,61
 da espádua esq., 1,51
 do médio esq., 0,65
 do busto

Altura da cabeça
 Envergadura, 1,58
 Circunf. horiz. crânio, 0,52
 Arco naso-ino, 0,56
 Curva biauricular, 0,52
 Circunf. torácica, 0,95
 Circunf. abdominal, 0,80
 Antero post. cefal., 0,167
 Transverso cefal., 0,159
 Bizigomático, 0,127
 Bigônio, 0,10
 Segmento cerebral, 0,048

Segmento respir., 0,055
 Segmento digest., 0,045
 Caso alveolar, 0,05
 Largura do nariz, 0,027
 Naso mentoneiro, 0,097
 Biorbitário externo, 0,08
 Biorbitário interno, 0,015
 Pêso, quilos, 58
 Espirômetro, 125
 Dinamômetro, pressão, 40
 Dinamômetro extensão, 250

3 Referência aos clichês número

Data, setembro, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo Etnográfico, Uaurá
Situação Geográfica, Médio-Curisévu

Aldeia, Uaurá

Nome, Auacatu

Sexo, masculino

Pele, morena escura

Pêlos, não

Idade presumível, 26 anos

Cabelos, pretos

Olhos, pretos

Estado físico, bom

4 Referência aos clichês número

<p>Estatura, 1,541</p> <p>do mento.....</p> <p>da fúrcula.....</p> <p>do xifóide.....</p> <p>do umbigo.....</p> <p>do púbis.....</p> <p>do cond. audit.....</p> <p>da espádua dir.....</p> <p>do médio dir.....</p> <p>da espádua esq.....</p> <p>do médio esq.....</p> <p>do busto.....</p>	<p>Altura da cabeça</p> <p>Envergadura, 1,67</p> <p>Circunf. horiz. crânio, 0,54</p> <p>Arco naso-inio, 0,38</p> <p>Curva biauricular, 0,35</p> <p>Circunf. torácica, 0,955</p> <p>Circunf. abdominal, 0,87</p> <p>Antero post. cefal., 0,183</p> <p>Transverso cefal., 0,149</p> <p>Bizigomático.....</p> <p>Bigônio.....</p> <p>Segmento cerebral.....</p>	<p>Segmento respir.....</p> <p>Segmento digest.....</p> <p>Naso alveolar.....</p> <p>Largura do nariz.....</p> <p>Naso mentoneiro.....</p> <p>Biorbitário externo.....</p> <p>Biorbitário interno.....</p> <p>Peso, quilos, 70</p> <p>Espirômetro, 250</p> <p>Dinamômetro, pressão, 70</p> <p>Dinamômetro extensão, 500</p>
--	--	---

Data, setembro, 1924

Ass., Capitão Thomaz Reis



3-a (de frente)



3-a (de costas)



3-a (de lado)



4-a (lado)



4-a (costas)



4-a (frente)

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo *Etnográfico*, Uaurá
Situação Geográfica, Médio-Curiçêvu

Aldéia, Uaurá

Nome, Tauapi
Sexo, masculino
Pele, morena escura
Pêlos, não

Idade presumível, 40 anos
Cabelos, pretos
Olhos, pretos
Estado físico, bom

Estatura, 1,552	Altura da cabeça	Segmento respir.
do mento	Envergadura, 1,68	Segmento digest.
da fúrcula	Circunf. horiz. crânio, 0,55	Naso alveolar
do xifóide	Arco naso-íneo, 0,57	Largura do nariz
do umbigo	Curva biauricular, 0,56	Naso mentoneiro
do púbis	Circunf. torácica, 0,95	Biorbitário externo
do cond. audit.	Circunf. abdominal, 0,87	Biorbitário interno
da espádua dir.	Ântero post. cefál., 0,178.	Pêso, quilos, 60
do médio dir.	Transverso cefál., 0,148	Espirômetro, 150
da espádua esq.	Bizigomático	Dinamômetro, pressão, 60
do médio esq.	Bigônio	Dinamômetro extensão, 500
do busto	Segmento cerebral	

Referência aos clichês número 5

Data, setembro, 1924

Acc., Capitão Thomaz Reis

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

Serviço Foto Antropométrico para o Laboratório de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro

Grupo *Etnográfico*, Meinaco
 Situação *Geográfica*, Médio-Curisévu

Aldeia, Meinaco

Nome, Hui
 Sexo, masculino
 Pele, morena escura
 Pelos, não

Idade presumível, 28 anos
Cabelos, pretos
Olhos, pretos
Estado físico, bom

Estatatura, 1,65

Altura da cabeça
 Envergadura, 1,745
 Circunf. horiz. crânio, 0,515
 Arco naso-íneo, 0,37
 Curva biauricular, 0,33
 Circunf. torácica, 0,93
 Circunf. abdominal, 0,77
 Ântero post. cefal., 0,186
 Transverso cefal., 0,142
 Bizigomático
 Bigônio
 Segmento cerebral

Segmento respir.
 Segmento digest.
 Naso alveolar
 Largura do nariz
 Naso mentoneiro
 Biorbitário externo
 Biorbitário interno
 Péso, quilo, 70
 Espirômetro, 140
 Dinamômetro, pressão, 50
 Dinamômetro extensão, 200

Altura

do mento.....
 da fúrcula.....
 do xifóide.....
 do umbigo.....
 do púbis.....
 do cond. audit.....
 da espádua dir.....
 do médio dir.....
 da espádua esq.....
 do médio esq.....
 do busto.....

6

Referência aos clichês número

Data, setembro, 1924

Aos., Capitão Thomaz Reis



5-a (frente)



5-a (costas)



5-a (lado)



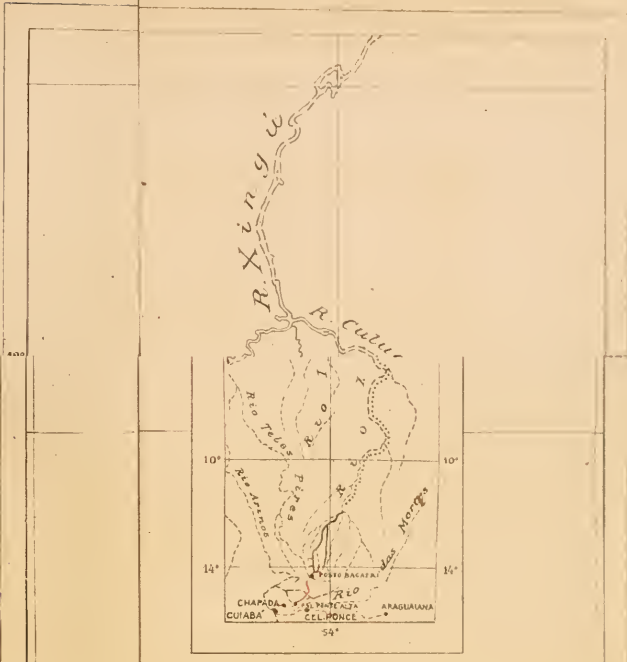
6-a (frente)



6-a (costas)



6-a (lado)



A linha pontuada indica o percurso navegado na saída da expedição

SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA CARTA DE MATO GROSSO

*Corisindio Monteiro, copista Conjere. L. F. Guimarães, chefe
Outubro, 1944*

COMISSÃO DE LINHAS TELEGRAPHICAS
ESTRATEGICAS DE MATTO GROSSO AO AMAZONAS

Dr. Augusto Mariano da Silva Rondoni - Chefe

CARTA DOS LEVANTAMENTOS EFFECTUADOS
SOB A DIRECÇÃO DO
CAP VICENTE DE PAULO TEIXEIRA DA FONSECA VASCONCELLOS
DURANTE A

EXPEDIÇÃO AO RIO RONTURO

Compreheo deo os levantamentos feitos pelas duas expedições,
pela turma do Chefe da Expedição e pela do auxiliar
Agri mensor A Carneiro Santiago Sobrinho

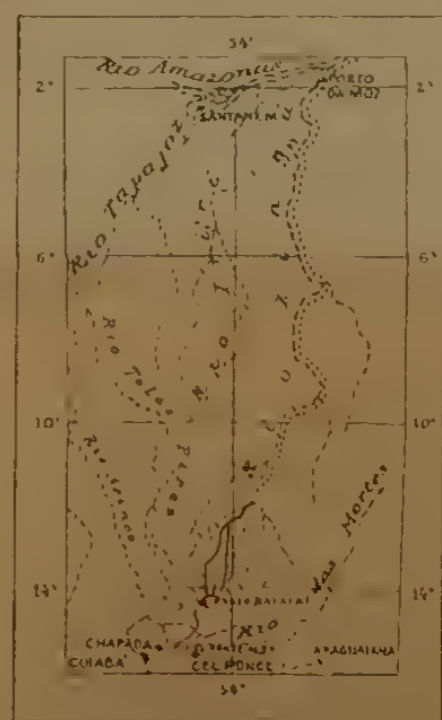
ESCALA 1:1.000.000

1924



ESQUEMA DA BACIA DO RIO XINGU

Mostrando a contribuição dos novos levantamentos



A linha pontilhada indica o percurso
navegado na saída da expedição

SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA CARTA DE MATO GROSSO

Osvaldo Monteiro, capitão Coronel R. F. Fagundes, chefe
Outubro, 1944

INDICE

<i>Assuntos</i>	<i>P.</i>
Apresentação	3
Relação das publicações da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas ("Comissão Rondon")	5
Relatório apresentado pelo Capitão Vicente de Paulo T. F. Vasconcelos sobre a Expedição ao rio Ronuro	15
Anexo n.º 1: Processo e convenções para a determinação do perfil longitudinal altimétrico	91
Anexo n.º 2: Perfil altimétrico	95
Anexo n.º 3: Avaliação das descargas e potenciais dos saltos	97
Anexo n.º 4: Relatório do Cap. Luiz Thomaz Reis sobre a viagem e os serviços fotogramatográficos, a seu cargo	99
Anexo n.º 5: Relatório do mesmo Capitão L. T. Reis, sobre o serviço antropométrico, também a seu cargo	117
Fichas antr. dos Índios Bacairi e respectivas fotografias	125
Idem, idem, de Índios Camairá, Maurá e Meinaco	149
Anexo n.º 6: Planta do rio Ronuro e do itinerário geral da Expedição	155

M. FAZENDA
D.A. - NRA - C3

11689

CO.

Biblioteca do Ministério da Fazenda

4448-46

910.9

V331

Associação, Monte de. u. e. T. f.
AUTOR Monte de. u. e. T. f.

Explicação do. i. e. Centro.
TITULO

Devolver em

NOME DO LEITOR

NOV 1964

8653

4448-46

